ANO VII (2.ª SÉRIE) — N.º 2214 — 1974 — SEXTA-FEIRA, 26 DE ABRIL — PREÇO 2$50

A CAPITAL

Director: HENRIQUE MARTINS DE CARVALHO
Subdirector: JOSÉ JÚLIO GONÇALVES

PROPRIEDADE: S.G.C. · SOCIEDADE GRÁFICA DE «A CAPITAL» · R. JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 66 · LISBOA-1 · TELEFS. 688125/6/7 · END. TELEG. ACAPITAL · TELEX 12386

ENCONTRO COM A INFORMAÇÃO

JUNTA APRESENTA PROGRAMA

(PÁGINA 2)

DEVER NACIONAL

ADMIRÁVEL a atitude do povo português durante a jornada de ontem, que poderia ter sido trágica. Mas o civismo, a compostura, a maturidade revelada por todos, mostraram que a Nação sabe comportar-se exemplarmente quando se lhe pede uma tomada de consciência para a responsabilidade de um momento grave. Alguns factos lamentáveis ocorridos em ruas da Baixa não alteram a grande realidade que se regista e, mais uma vez, se elogia.

A Junta de Salvação Nacional terá, agora, de enfrentar uma tarefa particularmente difícil e de alto interesse nacional. Mas o civismo já demonstrado pela população do País é garantia de que a missão a cumprir não deixará de ser devidamente acompanhada e apoiada pela Nação. Aliás, dirigentes bem intencionados têm sempre o direito de receber o apoio dos cidadãos igualmente bem intencionados — e estes têm a obrigação de lho prestar.

PRIMEIRO ENCONTRO COM A IMPRENSA

ERAM 8 e 13 em ponto quando os dois carros que transportavam os membros da Junta de Salvação Nacional estacionaram junto do posto de comando do quartel do Regimento de Engenharia 1, na Pontinha, onde a nossa equipa de reportagem, tal como as dos outros órgãos de informação nacionais e estrangeiros se encontravam desde as primeiras horas da madrugada, aguardando a anunciada primeira conferência de Imprensa que iria ser dada pelos membros da Junta.

Alguns minutos mais de espera e, depois, foi dada ordem para entrarmos na ampla sala onde telefones, rádios e postos de transmissão forneciam indicações constantes ou retiniam pedindo indicações para uma acção mais eficaz das Forças Armadas. Foi à volta da mesa que se encontrava ao centro da sala que tomaram lugar, em pé, todos os representantes dos órgãos de informação e os membros da Junta de Salvação Nacional, entre os quais o general Spínola, único dos oficiais que se encontrava fardado.

Foi precisamente o general Spínola quem iniciou a histórica conferência de Imprensa com a seguinte declaração:

— É esta a primeira vez que a Junta de Salvação Nacional entra em contacto com a Imprensa. Antes de mais, desejo agradecer a forma patriótica como a Imprensa acompanhou o Movimento das Forças Armadas e, para além desse agradecimento, eu formulo votos para que a Imprensa, dentro de uma liberdade de expressão que vai passar a ter, saiba efectivamente cumprir o alto dever que lhe compete para com a Pátria, no esclarecimento do nosso bom povo português. A todos o Movimento das Forças Armadas e a sua Junta de Salvação Nacional agradece.

Programa

E o general Spínola acrescentou ainda:

— Vai-lhes ser fornecido, dentro de momentos, o programa do Movimento das Forças Armadas portuguesas, programa em que são definidos os traços gerais da orientação que vai ser respeitada pela Junta no desenvolvimento da sua acção nesta nova fase histórica do nosso País.

Seguiu-se a conferência de Imprensa em que cada um dos representantes dos órgãos de informação ali presentes teve oportunidade de fazer as perguntas que lhe pareciam ser mais importantes e exigir resposta urgente.

A primeira questão incidiu sobre a atitude da Direcção-Geral de Segurança perante os acontecimentos:

«Já foi chamada a atenção da Direcção-Geral de Segurança e creio bem que passará a agir por forma a que não mereça mais quaisquer reparos do povo português.»

Nesta altura interveio a equipa de reportagem da televisão espanhola, perguntando ao general Spínola qual tinha sido o resultado da reunião da Junta efectuada esta noite:

— Foi a revisão do programa do Movimento das Forças Armadas portuguesas, que neste momento distribuo à Imprensa.

— Qual ser, sr. presidente, a política de Portugal em relação às colónias do Ultramar?

— A política que for definida no consenso do País.

— Poderíamos perguntar onde se encontram o presidente Américo Thomaz e o dr. Caetano?

— Partiram já de avião para o Funchal.

— Qual será, sr. presidente, a política de Portugal neste momento?

— Vai ser uma linha de abertura a soluções de evolução a um futuro de progresso de Portugal no seu todo pluricontinental.

Povo português tem reacção magnífica

— Pode falar-me da reacção do povo português?

— Magnífica. Ultrapassou largamente todas as expectativas.

— Houve vítimas?

— Creio que não.

— Mantém-se algum foco a enfrentar as Forças Armadas?

— Creio que não. Se houve alguns tiros foram esporádicos. Acções de fogo não houve.

— Quer dizer algumas palavras para Espanha, que neste momento está expectante perante os acontecimentos que se estão a desenrolar em Portugal?

— Creio bem que a nova orientação que vai ser imprimida à política portuguesa muito facilitará as relações de Portugal com a Espanha.

Finda esta intervenção dos repórteres da T. V. E., a conferência de Imprensa prosseguiu com uma pergunta da nossa equipa de reportagem.

— Já foi dada alguma directiva aos Governos do Ultramar?

— Neste momento ainda não.

A pergunta seguinte relacionou-se com a extinção do exame prévio «e de outros organismos que têm limitado a comunicação com o público».

— O programa do Movimento das Forças Armadas, que vai ser distribuído, responde cabalmente à pergunta que me faz: a abolição da censura e exame prévio, com restrições relativas ao segredo dos aspectos militares nesta fase que ainda atravessamos no nosso Ultramar.

— A Lei de Imprensa será revista?

— Também está prevista a sua revisão nos termos constitucionais.

A nossa equipa de reportagem interveio novamente para esclarecer um dos mais importantes aspectos da proclamação feita ao País — o que se relaciona com a possibilidade de o País voltar a dispor de um pluralismo político. No caso do Partido Socialista ou do movimento da C. D. E., por exemplo, será que terão possibilidade de existir legalmente?

— Tudo leva a crer que sim.

Outro jornalista presente insistiu no problema da Direcção-Geral de Segurança: será que vai continuar a existir? O general Spínola foi taxativo na sua resposta:

— Está prevista a extinção da Direcção-Geral de Segurança, apenas com restrições em relação ao Ultramar, enquanto as operações militares o exigirem.

— Pode-se saber o nome do «leader» do movimento?

— Aí está uma resposta muito difícil. É um movimento colectivo das Forças Armadas. É um movimento sem «leader».

Liberdade de Imprensa

— As notícias relativas ao próprio movimento que está a decorrer terão de ser submetidas ao exame prévio ou ficarão à responsabilidade dos jornais e dos seus respectivos directores?

— As actuais, deste movimento, ficam já à responsabilidade dos jornais.

— E as outras, que se sucederão neste espaço de tempo até o exame prévio ser abolido?

— Também. Mas dentro de muito pouco tempo recebem já indicações precisas a esse respeito.

As perguntas que se seguiram, até ao final da reunião, foram feitas pelos nossos repórteres:

— A Junta pensa estabelecer alguns contactos com os dirigentes dos movimentos de guerrilhas?

— Neste momento não.

— Qual é a situação dos presos políticos neste momento?

— Também vão ser soltos. A ideia é a de que o sejam todos os presos políticos, com excepção feita, evidentemente, àqueles que, para além de problemas ligados a ideologias políticas, tenham também cometido crimes classificados no Código Penal.

— Qual é a posição do Movimento em relação à emigração?

— Por enquanto, é um problema que vai entrar em auscultação.

— E em relação aos refugiados políticos, à sua vinda para Portugal?

— Esses serão abrangidos, evidentemente, pelas medidas a que há pouco me referi.

— Uma última pergunta: qual a posição do Movimento em relação às empresas multinacionais?

— São problemas sobre os quais nos iremos debruçar.

General António de Spínola

General António de Spínola agradece a Forças Armadas

A seguinte mensagem do general António de Spínola às Forças Armadas foi difundida às 8 e 25 pelo R. C. P. e às 8 e 30 pela E. N.:

Aos bravos militares dos três ramos das Forças Armadas expresso o meu agradecimento por mais este sublime acto de patriotismo a juntar a tantos outros praticados na defesa do Ultramar português, e ainda pela exemplar disciplina e alta eficiência demonstradas no cumprimento da transcendente missão de que foram incumbidas a bem da Pátria.

Bem hajam.

Viva Portugal.

António de Spínola

General.»

CORPO REDACTORIAL: Rodolfo Iriarte (chefe), Daniel Ricardo (chefe-adjunto), Mário Alexandre e Cáceres Monteiro (subchefes), Afonso Serra, Almeida Martins, António Carvalho, António Esperança, António dos Santos, António Vinagre, Appio Sottomayor, Calado Lopes, Diana Castro, Encarnação Viegas, F. Castro, Faria de Morais, Fernando Carneiro, Fernando Gaspar, Fernando Peres, Hélder Pinho, Jaime Saint-Maurice, Joana Godinho, José João Louro, José Sarabando, Manuel Batoréo, Manuela Alves, Maria Catarina, Maria Teresa Horta, Meira da Cunha, Pedro Vieira, Pina Cabral, Oliveira Figueiredo, Rodrigues Alves, Silva Marta, Sónia Klar. Repórteres fotográficos: Alberto Peixoto, Fernando Ricardo, Inácio Ludgero, Joaquim Lobo, João Ribeiro, Teresa Monserrat. REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e COMPOSIÇÃO: Rua Joaquim António de Aguiar, 66 — Telefs. 688125/6/7 — Telex 12386 — End. teleg.: «A CAPITAL» — IMPRESSÃO: Sociedade Nacional de Tipografia, Rua de «O Século», 41

JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL — A Junta de Salvação Nacional apresentou-se esta madrugada ao País através da Televisão. O presidente, general António de Spínola (condecorado com a Torre e Espada, com palma, ex-governador da Guiné e ex-vice-chefe do E. M. das Forças Armadas) tem à sua direita o general Costa Gomes (que foi subsecretário de Estado do Exército e chefe do E. M. das Forças Armadas), o capitão-de-mar-e-guerra José Baptista Pinheiro de Azevedo (professor da Escola Naval, oficial do E. M. da Armada e antigo adido militar em Londres) e o capitão-de-fragata António Alva Rosa Coutinho (comandante da fragata «Almirante Pereira da Silva» e engenheiro geólogo); à esquerda do presidente da Junta, o brigadeiro Jaime Silvério Marques (antigo governador de Macau e militar que se tem destacado em missões de carácter técnico-militar) e o coronel Carlos Galvão de Melo. Não se encontra ainda na metrópole o general Manuel Diogo Neto, que de momento comanda a III Região Militar, em Moçambique.

PROGRAMA DO MOVIMENTO DAS F. A. P.

Ao princípio da manhã de hoje, e após o general António de Spínola ter respondido a perguntas dos jornalistas, a Junta de Salvação Nacional entregou aos representantes dos órgãos de Informação o seguinte documento:

«Considerando que, ao fim de 13 anos de luta em terras do Ultramar, o sistema político vigente não conseguiu definir concreta e objectivamente uma política ultramarina que conduza à paz entre os portugueses de todas as raças e credos.

Considerando que a definição daquela política só é possível com o saneamento da actual política interna e das suas instituições, tornando-as, pela via democrática, indiscutidas representantes do povo português. Considerando, ainda que a substituição do seu sistema político vigente terá de processar-se sem convulsões internas que afectem a paz, o progresso e o bem-estar da Nação, o Movimento das Forças Armadas Portuguesas, na profunda convicção de que interpreta as aspirações e interesses da esmagadora maioria do povo português e de que a sua acção se justifica plenamente em nome da salvação da Pátria e, fazendo uso da força que lhe é conferida pela Nação através dos seus soldados, proclama e compromete-se a garantir a adopção das seguintes medidas, plataforma que intende necessária para a resolução da grande crise nacional que Portugal atravessa.

A) MEDIDAS IMEDIATAS

1 — Exercício do poder político por uma Junta de Salvação Nacional até à formação, a curto prazo, de um Governo provisório civil. A escolha do presidente e vice-presidente será feita pela própria Junta.

2 — A Junta de Salvação Nacional decretará:

a) a destituição imediata do Presidente da República e do actual Governo, e dissolução da Assembleia Nacional e do Conselho de Estado, medidas que serão acompanhadas do anúncio público da convocação no prazo de 12 meses, de uma Assembleia Nacional Constituinte, eleita por sufrágio universal directo e secreto, segundo lei eleitoral, a elaborar pelo futuro Governo provisório;

b) a destituição de todos os governadores civis no continente, governadores dos distritos autónomos nas ilhas adjacentes e governadores-gerais nas províncias ultramarinas, bem como a extinção imediata da Acção Nacional Popular.

1 — Os governos-gerais das províncias ultramarinas serão imediatamente assumidos pelos respectivos secretários-gerais, investidos nas funções de encarregado do Governo até nomeação do novo governador-geral pelo Governo provisório.

2 — Os assuntos decorrentes dos governos civis serão despachados pelos respectivos substitutos legais, enquanto não forem nomeados novos governadores pelo Governo provisório.

c) a extinção imediata da D. G. S., Legião Portuguesa e organizações políticas de juventude. No Ultramar, a D. G. S. será reestruturada e saneada, organizando-se como polícia de informação militar enquanto as operações militares o exigirem;

d) a entrega às Forças Armadas dos indivíduos culpados de crime contra a ordem política instaurada, enquanto durar o período de vigência da Junta de Salvação Nacional, para instrução de processo e julgamento;

e) medidas que permitam uma vigilância e um «contrôle» rigorosos de todas as operações económicas e financeiras com o estrangeiro;

f) a amnistia imediata de todos os presos políticos, salvo os culpados de delitos comuns, os quais serão entregues ao foro respectivo e reintegração voluntária dos servidores do Estado destituído por motivos políticos.

g) a abolição da censura e exame prévio;

1 — Reconhecendo-se a necessidade de salvaguardar o segredo dos aspectos militares e evitar perturbações na opinião pública causadas por agressões ideológicas dos meios mais reaccionários, será criada uma comissão «ad hoc», para «contrôle» da Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema, de carácter transitório, directamente dependentes da Junta de Salvação Nacional, a qual se manterá em funções até à publicação de novas leis de Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema pelo futuro Governo provisório.

h) medidas para a reorganização e saneamento das Forças Armadas e Militarizadas, G. N. R., P. S. P., Guarda Fiscal, etc.;

i) o «contrôle» de fronteiras será das atribuições das Forças Armadas e Militarizadas, enquanto não for criado um serviço próprio;

j) medidas que conduzam ao combate eficaz contra a corrupção e a especulação.

B) MEDIDAS A CURTO PRAZO

1 — No prazo máximo de três semanas após a conquista do Poder, a Junta de Salvação Nacional escolherá de entre os seus membros, o que exercerá as funções de Presidente da República Portuguesa, que manterá poderes semelhantes aos previstos na actual Constituição.

a) os restantes membros da Junta de Salvação Nacional assumirão as funções de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, chefe do Estado-Maior da Armada, chefe do Estado-Maior do Exército e, chefe do Estado-Maior da Força Aérea e farão parte do Conselho de Estado.

2 — Após assumir as suas funções o Presidente da República nomeará o Governo provisório civil, que será composto por personalidades representativas de grupos e correntes políticas e personalidades independentes que se identifiquem com o presente programa.

3 — Durante o período de excepção do Governo provisório, imposto pela necessidade histórica de transformação política, manter-se-á a Junta de Salvação Nacional, para salvaguarda dos objectivos aqui proclamados.

a) o período de excepção terminará logo que, de acordo, com a nova Constituição política, estejam eleitos o Presidente da República e a Assembleia Legislativa.

4 — O Governo provisório governará por decretos-leis que obedecerão obrigatoriamente ao espírito da presente proclamação.

5 — O Governo provisório, tendo em atenção, que as grandes reformas de fundo só poderão ser adoptadas no âmbito da futura Assembleia Nacional Constituinte, obrigar-se-á a promover imediatamente:

a) a aplicação de medidas que garantam o exercício formal da acção do Governo e o estudo e aplicação de medidas preparatórias de carácter material, económico, social e cultural que garantam o futuro exercício efectivo da liberdade política dos cidadãos;

b) a liberdade de reunião e de associação. Em aplicação deste princípio, será permitida a formação de associações políticas, possíveis embriões de futuros partidos políticos e garantida a liberdade sindical, de acordo com lei especial que regulará o seu exercício.

c) a liberdade de expressão e pensamento, sob qualquer forma;

d) a promulgação de uma nova lei de Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema;

e) Medidas e disposições tendentes a assegurar, a curto prazo, a independência e a dignificação do poder judicial.

1 — A extinção dos tribunais especiais e dignificação do proceso penal em todas as suas fases.

2 — Os crimes cometidos contra o Estado, no novo regime, serão instruídos por juízes de Direito e julgados em tribunais ordinários, sendo dadas todas as garantias aos arguidos. As averiguações serão cometidas à Polícia Judiciária.

6 — O Governo Provisório lançará os fundamentos de:

a) uma nova política económica posta ao serviço do Povo Português, em particular das camadas da população até agora mais desfavorecidas, tendo como preocupação imediata a luta contra a inflação e a alta excessiva do custo de vida, o que necessariamente implicará uma estratégia antimonopolista.

b) Uma nova política social, que, em todos os domínios, terá essencialmente como objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras e aumento progressivo, mas acelerado, da qualidade de vida de todos os portuguèses.

7 — O Governo Provisório orientar-se-á, em matéria de política externa pelos princípios da independência e da igualdade entre os Estados, da não ingerência nos assuntos internos dos outros países e da defesa da paz, alargando e diversificando relações internacionais, com base na amizade e cooperação.

a) O Governo Provisório respeitará os compromissos internacionais decorrentes dos tratados em vigor.

8 — A política ultramarina do Governo Provisório, tendo em atenção que a sua definição competirá à Nação, orientar-se-á pelos seguintes princípios.

a) Reconhecimento de que a solução das guerras no Ultramar é política e não militar.

b) Criação de condições para um debate franco e aberto a nível nacional, do problema ultramarino.

c) Lançamento dos fundamentos de uma política ultramarina que conduza à paz.

C) CONSIDERAÇÕES FINAIS

1 — Logo que eleitos pela Nação a Assembleia Nacional Constituinte e o novo Presidente da República, será dissolvida a Junta de Salvação Nacional e a acção das Forças Armadas será restringida à sua missão específica de defesa externa da soberania nacional.

2 — O Movimento das Forças Armadas, convicto de que os princípios e os objectivos aqui proclamados traduzem um compromisso assumido perante o País e são imperativos para servir os superiores interesses da Nação, dirige a todos os portugueses um veemente apelo à participação sincera, esclarecida e decidida na vida pública nacional e exorta-os a garantirem, pelo seu trabalho e convivência pacífica qualquer que seja a posição social que ocupem, as condições necessárias à definição, em curto prazo, de uma política que conduza à solução dos graves problemas nacionais e à harmonia, progresso e justiça social indispensáveis ao saneamento da nossa vida pública e à obtenção do lugar a que Portugal tem direito entre as nações.»

REPÓRTERES DE «A CAPITAL» NO RÁDIO CLUBE

JOAQUIM FURTADO E FILIPE COSTA

Luís Filipe Costa lê, aos microfones do R.C.P., um dos comunicados do Movimento das Forças Armadas

— ISTO mostra bem que as pessoas não estão mortas e podemos fazer desta terra um grande País — dizia Luís Filipe Costa momentos depois da grande manifestação de euforia, assinalada por abraços e lágrimas de alegria a escorrerem pela cara de alguns, que se seguiu à leitura do comunicado do Movimento das Forças Armadas pelo qual se informava o País da rendição, no quartel do Carmo, do ex-presidente do Conselho e de membros do seu Governo.

Muitos populares, residentes na Rua Sampaio Pina, frente ao Rádio Clube Português, vieram à janela e saudaram os militares que desde as três da madrugada ocupavam as instalações daquele posto emissor onde decorreu, seguramente, uma das mais emocionantes jornadas da vida da gente da Imprensa nas últimas décadas.

A notícia de que a população civil manifestava calorosamente o seu apoio ao Movimento das Forças Armadas chegou às instalações do Rádio Clube Português ainda o comunicado «definitivo» não fora lido e embora já fosse do conhecimento de todos o texto da proclamação do Movimento, no qual se declarava que o Governo do País ia ser entregue a uma Junta de Salvação Nacional.

Entretanto, nos intervalos da leitura dos comunicados, o R.C.P. transmitia música portuguesa até agora completamente interdita pela censura de ir para o ar. José Afonso, José Mário Branco, José Jorge Letria, Sérgio Godinho entraram na casa de todos pela primeira vez, tranquilamente. Como, ainda na véspera, não era sequer imaginável. Como, um minuto antes das três da madrugada, Joaquim Furtado, locutor de piquete ao serviço de noticiários do R.C.P. não teria sequer pensado. Joaquim Furtado — que foi um dos atingidos por medidas repressivas que o obrigaram a abandonar o programa em que trabalhava no Rádio Renascença — ouviu, às três da manhã, quando aprontava noticiários, sentado na sua secretária: «Isto é um golpe de Estado». Um oficial da Força Aérea apontava-lhe uma pistola.

— Fiquei ali, normalmente. Nem queria acreditar. Depois deram-me os comunicados e fui lê-los ao microfone — disse-nos Joaquim Furtado, manifestando evidente alegria por participar no momento histórico que então começava.

Pouco depois chegava ali Luís Filipe Costa que passou a fazer a leitura dos comunicados, alternadamente com o seu colega.

LOCUTORES DO "MOVIMENTO"

Polícias desarmados e detidos

O Rádio Clube Português, que passara a ser o «posto» do Movimento das Forças Armadas, serviu, também, para receber alguns dos polícias que, entretanto, eram detidos e desarmados nas imediações. Com eles foram detidos um guarda-nocturno e motorista de um brigadeiro que, a chorar, dizia:

— E eu que tinha de ir buscar o sr. brigadeiro para ir para o trabalho às dez horas!

O motorista não conseguia compreender que o «sr. brigadeiro» não iria, naquela manhã, para o trabalho... E, ainda disse, no momento em que era transferido, com alguns polícias e o guarda-nocturno, para as instalações do Batalhão de Caçadores 5: «E eu que tinha de lá estar às dez horas...»

— Nunca tive nada que me divertisse tanto, como ver a cara dos polícias a serem desarmados — comentava um dos presentes.

De facto, a cena processava-se em praticamente todos os casos, do modo seguinte: o guarda da P. S. P. era chamado por um oficial que lhe pedia a pistola, solicitando-lhe que tomasse nota do número da arma para, oportunamente, a identificar. O guarda, tirava então um papel e uma esferográfica e anotava, o número da sua «walter». Depois, o momento mais difícil... Aquele em que tinha de entregar o cassetete. Só após alguns «mas» o retirava da cintura, entregando-o ao oficial que o detivera.

«Uns sete gatos pingados»

DURANTE a madrugada e a manhã os comunicados sucediam-se conforme a população tomou conhecimento através do Rádio Clube Português. Mas, nas instalações do R. C. P. os representantes dos órgãos da Informação conseguiram também saber como decorriam as operações. O major Costa Neves, da Força Aérea, e os seus companheiros de Arma, e outros do Exército — «éramos uns sete gatos-pingados», diziam — mantiveram-se em permanente contacto com o posto de comando, cujas indicações chegavam às instalações do Quartel-Mestre-General do Exército onde, às primeiras horas da manhã, constava que tinham sido detidos dois generais.

Nunca, desde há muitos anos —, há tanto que a memória é escassa para deles se lembrar — os jornalistas em reportagem tiveram tantas facilidades para trabalhar e foram tão bem atendidos como na madrugada e dia de ontem, pelos majores e capitães que tomaram conta do Rádio Clube Português.

— Até que enfim que «esta coisa» entra na história do País, dizia um dos técnicos da casa. «Tive de trabalhar aqui trinta anos para ver isto.»

O major Costa Neves que foi um pouco o porta-voz do que ia sucedendo, embora acentuasse que não comandava coisa nenhuma — «sou talvez aquele que fala mais» — estabeleceu, tal como os seus companheiros, contactos impressionantemente abertos com os jornalistas em serviço junto do posto do Comando do Movimento das Forças Armadas.

Contou-nos em determinado momento:

— Ontem, eram umas nove horas quando cheguei aqui e parei o carro. Como tenho a fechadura da porta do lado do volante avariada saí pelo outro lado, mas esqueci-me de destrancar a porta e ficou lá dentro a farda. Tinha de abrir outra vez o carro e vi-me aflito porque estava ali próximo um polícia (aquele que guardava a porta do ex-ministro da Justiça). Tinha de utilizar um arame para abrir a fechadura e, para evitar problemas fui ter com o polícia, mostrei-lhe os documentos do carro e disse-lhe: «Olhe o carro é meu, como vê, tenho de o abrir com um arame e venho dizer-lhe isto para evitar algum engano.»

Continuou o major Costa Neves:

— O polícia disse-me: «É a primeira vez que tal coisa me acontece. Se fosse sempre assim evitavam-se muitos problemas. Ainda bem que o sr. me diz isso, porque se eu reparasse era capaz de acontecer alguma coisa grave.» — foi assim que consegui abrir o carro sem problemas...

C.D.E. de Lisboa e famílias de presos políticos

A meio da tarde, surgiu na esquina da Rua Sampaio Pina um grupo de caras conhecidas: o prof. Francisco Pereira de Moura, Luísa Amorim, Caiano Pereira e outros elementos do Movimento da C. D. E. de Lisboa. Solicitaram aos oficiais presentes no Rádio Clube, que fosse lida aos microfones a declaração ontem distribuída aos órgãos da Informação.

O prof. Pereira de Moura e restantes lementos da C. D. E. trocaram algumas impressões com os jornalistas presentes e retiraram-se de seguida.

Entretanto, comparecia nas instalações do R. C. P., uma representação de familiares de presos políticos detidos em Caxias. Dessa representação fazia parte a mulher de José Manuel Tengarrinha, que foi candidato a deputado, pela oposição democrática, nas últimas eleições e que se encontrava detido em Caxias integrado no grupo de «quinze elementos» referido há dias numa nota oficiosa da S. E. I. T.

Os referidos familiares pretendiam que as Forças Armadas interviessem no sentido de evitar que os elementos da D. G. S. ainda em Caxias exercessem retaliações nos detidos. A solicitação foi prontamente comunicada aos comandos que, em resposta, disseram ir agir no sentido desejado.

Estações de rádio retomam programas habituais

A Emissora Nacional de Radiodifusão e o Rádio Clube Português, que, devido aos acontecimentos de ontem, tinham suspendido a sua programação normal, difundindo os comunicados do Movimento das Forças Armadas que na segunda daquelas estações emissoras instalara o seu posto de comando, voltaram a transmitir regularmente os seus programas.

Já esta manhã, o professor Marques Pereira, através dos microfones da E.N. deu a sua habitual lição de ginástica e ontem o R.C.P. adoptara uma linha de normalidade nas suas emissões integrando nas mesmas a publicidade comercial.

Por seu turno, a Rádio Renascença e os Emissores Associados de Lisboa continuaram na sua linha habitual de programas, que não chegaram a alterar.

(PROGRAMAS NA PÁG. 19)

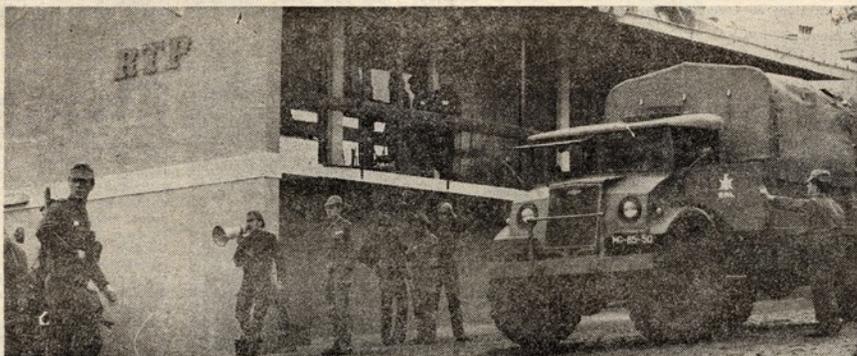
PORTUGUÊS E NA TELEVISÃO

PROGRAMA ALTERADO POR «MOTIVO IMPREVISTO»

— NÃO se assustem! As rajadas de metralhadora foram apenas um aviso. Por favor, saiam das janelas, mas mantenham-se nas respectivas residências — estas foram algumas das palavras com que o capitão Teófilo Bento, comandante do destacamento de 130 homens que, às 3 da manhã ocupou as instalações da Radiotelevisão Portuguesa, no Lumiar, depois de três disparos de metralhadora que se seguiram a gritos de «Alto», sossegou a vizinhança que, assustada, encheu as varandas e as janelas que dão para as traseiras daquelas instalações.

Dois indivíduos, um dos quais subia um morro nos terrenos das traseiras das instalações do Lumiar, pensando talvez que poderia observar melhor o que se passava dentro da cerca, foram o motivo de um incidente que não assustou só a vizinhança. Os militares que se encontravam na porta que dá acesso ao túnel das instalações da R.T.P. e na barreira que impede o acesso àquelas instalações, deitaram-se imediatamente no chão, apontando as metralhadoras para o exterior.

Entretanto, militares da Escola Prática de Administração Militar, depois de deterem os dois indivíduos, para identificação e verificar se estavam armados, rondaram pelas imediações da parte traseira das instalações, até que o capitão Bento lhes deu ordem de recolher. Os dois indivíduos seguiram também o seu caminho e o pátio, que se pode ver do refeitório das instalações do Lumiar, ficou novamente deserto. Apenas os habitantes dos prédios que dão para o pátio continuaram nas varandas e nas janelas, formando pequenos aglomerados multicolores. Tensão, nervosismo e ansiedade foi o que todos os que se encontravam nas instalações do Lumiar sentiram, enquanto a transmissão da emissão de Lisboa não se regularizou.

A emissão da TV começou, como se sabe, à hora habitual, às 12 e 45, sendo transmitido o genérico normal, após o que um locutor deu os bons dias aos telespectadores, anunciando o programa normal.

Forças da Região Militar de Lisboa ocuparam ontem as instalações da Televisão, tendo garantido o respectivo funcionamento

— Sei lá quem é! É do Porto, com certeza — disse-nos Fialho Gouveia, enquanto que, ao ser apresentado um filme da série «Daktari», um tenente afirmou «que era para encher tempo».

Às 13 e 45, hora marcada para a primeira edição do Telejornal, notou-se hesitação do controlo dos programas, sendo finalmente transmitidas vistas da cidade do Porto.

Só às 14 e 40, quando se deu a reabertura do programa, que tinha encerrado às 14 e 15, com a transmissão da Telescola, o nervosismo se instalou entre os que ali se encontravam.

Antes, preparou-se o alinhamento do programa, pensando incluir-se no telejornal telefotos e um comunicado. No entanto, segundo nos informaram, as alterações à programação prevista seriam apenas as indispensáveis. Assim se explica o facto de terem andado à procura de Fialho Gouveia, já que um dos programas a transmitir estava sob a sua responsabilidade.

Fernando Balsinha, que já se encontrava no Lumiar desde as 8 horas, maquilhava-se e desmaquilhava-se com a facilidade de um verdadeiro artista.

— Estou às manchas, não estou? Não percebo nada disto — dizia-nos ele, evidenciando na cara que realmente não percebia nada de técnicas e truques de maquilhagem. Apesar disso, o locutor estava pronto para ocupar o seu lugar frente às câmaras da R. T. P., dirigidas por Alfredo Tropa, que realizou a emissão transmitida de Lisboa.

Pouco depois, quando a emissão transmitia, do Porto, a Telescola, o capitão Bento reuniu-se com os jornalistas presentes. Disse que os técnicos que trabalhavam no Lumiar eram todos voluntários e que, portanto, o facto de a emissão continuar a ser transmitida do Porto era «um pequeno azar».

Um esquecimento

— Desde sabotagem de imagem até saber que havia possibilidades de transmitir directamente de Monsanto, estava tudo programado. No entanto, ninguém se lembrou que ali existe um monitor que permite, quando Lisboa e Porto transmitem ao mesmo tempo, fazer a escolha da emissão que vai para o ar — disse-nos o capitão Bento, considerando que, uma vez que o posto emissor de Monsanto estava totalmente controlado, apenas se aguardava que o indicativo mudasse, para se transmitir a emissão de Lisboa.

Acrescentou:

— Todos os objectivos estavam completamente previstos e a maior parte deles, segundo as informações que recebemos, estão realizados.

Depois de informar que a Legião Portuguesa se tinha rendido, afirmou que «os camaradas presos foram libertos no primeiro instante. Na ordem de operações foi também devidamente frisada a importância que têm para nós os presos políticos». Disse-nos ainda que as resistências não foram maiores do que estava previsto, até porque 80 por cento das Forças Armadas estavam com o Movimento.

— O estudo psicológico que se fez preliminarmente, antes de concretizar missões, permitiu conhecer o estado de espírito dos elementos das unidades — acrescentou o capitão Bento, frisando que este Movimento «é perfeitamente idêntico ao das Caldas da Rainha».

Duas ou três unidades, em que não havia elementos «amigos», foram consideradas, para efeitos operacionais, inimigas. No entanto, umas aderiram e outras desistiram de abrir fogo, conforme nos informou o capitão Bento.

Já nessa altura, este elemento da Escola Prática de Administração Militar nos assegurou que a Junta de Salvação Nacional seria formada por representantes das três Forças Armadas.

Almoço é surpresa

O almoço, o haver almoço, foi uma surpresa para os que ali se encontravam, principalmente para os jornalistas que já se tinham abastecido com umas sanduíches e garrafas de cerveja. Mas um verdadeiro almoço era o que os esperava.

— Vi lá o barrete e enfiei-o. Digam lá que não fico com bom ar?! — perguntava o cozinheiro da E.P.A.M. que, na cave do refeitório das instalações da R.T.P., encontrou tudo o que lhe seria necessário para fazer comida para cerca de 200 pesoas.

Até à hora de jantar, em que a emissão já estava normalizada, a tensão aumentou, sendo disso um exemplo a cena que descrevemos no início.

O capitão Bento, em contacto directo com os Comandos, tentava saber o que se passava em Monsanto, onde, segundo as informações recebidas no Lumiar, se encontravam elementos da Força Aérea.

Comunicações diversas, através dos emissores portáteis ou telefones, informavam por fim, às 18 e 30, que a situação estava dominada naquele posto emissor

Às 18 e 40 o primeiro «Telejornal» transmitido de Lisboa foi para o ar. Fernando Balsinha e Fialho Gouveia encarregaram-se da locução, difundindo, mais uma vez, o Comunicado do Movimento das Forças Armadas, os apelos à população, aos médicos e às forças da ordem que ainda não tinham aderido ao Movimento.

— É a primeira vez que se faz este enquadramento, na televisão — comentou um dos funcionários da R.T.P., referindo-se ao facto de, no segundo noticiário, não aparecerem só, como de costume, as caras dos locutores, mas o estúdio em que decorria a emissão.

Esperava-se, entretanto, a chegada, de um momento para o outro, da Junta de Salvação Nacional, que faria a proclamação do Movimento.

A emoção dos primeiros minutos de emissão, transmitida de Lisboa, foi substituída pelo cansaço e pela alegria do objectivo em vista estar inteiramente cumprido.

— A Escola Prática de Administração Militar foi, possivelmente, das poucas que às três horas em ponto, altura marcada para ocupação dos objectivos, estava no que lhe tinha sido destinado — afirmou o capitão Bento, no final de um relato pormenorizado sobre o Movimento das Forças Armadas.

Por seu lado, os dois locutores de serviço consideraram notável a forma como foram tratados pelos elementos que ocuparam a R.T.P. Os cadetes que, às 13 e 30, renderam os homens que se encontravam a ocupar o Lumiar relataram a ocupação da Escola a que pertencem e das detenções do comandante e do segundo comandante, respectivamente, às 7 e às 9 horas.

Entretanto, começou a chover, pelo que grande número de pessoas se recolheram na recepção das instalações do Lumiar, onde assistiram à emissão até à hora do jantar, pelas 21 horas.

Só cerca da 1 e 30 a Junta de Salvação Nacional fez a proclamação do Movimento das Forças Armadas, através da R.T.P., mas, nessa altura, com as notícias que chegaram ao Lumiar, quer através dos meios de informação quer pelo telefone ou por jornalistas que ali chegavam a todo o momento, a tensão, o nervosismo e a ansiedade foram substituídos pela expectativa. Um dos elementos da Escola Prática de Administração Militar disse-nos:

— Não fui rendido, porque não quis. Quem esteve aqui tanto tempo, está mais um bocado. Se fosse para o quartel não dormia, porque estava a ver televisão. Ao menos aqui não durmo porque estou dentro da televisão.

HOJE NA TV

A programação da R. T. P. entrará hoje no seu curso normal, estando no entanto sujeita a pequenas alterações, essencialmente no que diz respeito a actualidades. Os serviços televisivos trabalham no sentido de preencher o programa «Marcha do Mundo», a transmitir pelas 20.25, com os acontecimentos de ontem. Se tal lhes for completamente impossível o programa será retirado e substituído.

I PROGRAMA

O 2.º período inicia-se pelas 14.40 com o Ciclo Preparatório. 14.40, Matemática (1.º ano); 15.05, Língua Portuguesa (2.º ano); 15.30, História e Geografia de Portugal (1.º ano); 16, Francês (2.º ano); 16.25, Trabalhos Manuais (1.º ano); 16.50, Educação Musical (2.º ano); 17.25, Matemática (2.º ano); 17.50, Língua Portuguesa (1.º ano); 18.15, Ciências da Natureza (2.º ano); 18.40, Francês (1.º ano); 19, TV Educativa, em que será focada a Física Moderna; 19.20, Filme Infantil — «O Diário das Fábulas»; 19.30, Telejornal (2.º edição); 19.45, TV Infantil — «Gordegui» — Coordenação de Maria do Sameiro Souto; 20, Cartaz TV — Durante o qual serão referidos os programas da próxima semana apresentados por Jorge Alves; 20.25, «A Marcha do Mundo» — Uma análise dos factos mais em foco da actualidade internacional; 20.50, Caminhos de... Arraiolos; 21.30, Telejornal (3.º edição), Noticiário do País e do estrangeiro, actualidade desportiva e previsão do tempo; 22: Antologia — «Um Pedido de Casamento», com Gabrielle Doulcet e Paul Le Person. Filme baseado numa obra de Guy de Maupassant numa realização de Jean L'Hote; 23.40, Telejornal (4.º edição); 23.50, Meditação e fecho.

II PROGRAMA

Às 20.30, abertura e desenhos animados; 21, «George» (série filmada), com Marshall Thompson; 21,30, Telejornal (3. edição); 22: Variedades — «Esta Noite com Noschese», um programa da radiotelevisão italiana; 23, «Randall & Hopkirk» (série policial), com Mike Pratt, Kenneth Cope e Annette Andre.

HORA DECISIVA NO QUARTEL DO CARMO

FOI no quartel do Carmo que o prof. Marcello Caetano entregou ao general Spínola o comando das Forças Armadas, após diligências de mediação efectuadas pelos drs. Feytor Pinto e Nuno Távora, da Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Pouco passava das 18 horas de ontem quando se procedeu à cerimónia de transmissão de poderes, acto que culminou a série de operações executadas desde a madrugada da véspera pelo Movimento das Forças Armadas, com vista ao derrube do regime.

O prof. Marcello Caetano e os drs. Moreira Baptista e Rui Patrício e o almirante Henrique Tenreiro, que se encontravam refugiados no quartel do Carmo, seriam conduzidos, uma hora e meia depois, num blindado «Chaimite» chamado «Bula», com forte escolta militar, para o Regimento de Engenharia n.º 1, na Pontinha, onde os revoltosos tinham instalado um dos comandos operacionais.

Aquartelamento da G.N.R. cercado

CERCA das 12 e 30, logo que foi dada por concluída a operação iniciada de madrugada no Terreiro do Paço, uma coluna militar subiu para o Rossio e dali para o Carmo, tendo cercado o quartel da G.N.R., onde se sabia que se haviam recolhido o prof. Marcello Caetano e os outros membros do Governo que, mais tarde, seriam detidos com ele, após a rendição.

A subida das tropas para o Carmo fez-se já em ambiente de verdadeira euforia, com centenas de rapazes e de raparigas a pejarem os carros de assalto, em confraternização com os militares. A população que assistia ao espectáculo nos passeios da Rua Garrett, dava vivas a Portugal, à liberdade e ao Exército.

Chegadas ao Largo do Carmo, as tropas foram encontrar o quartel da G.N.R. com todas as portas e janelas fechadas. O comando da operação foi assumido pelo capitão José Salgueiro Maia, de 29 anos, que ainda recentemente viera das campanhas da Guiné.

Pouco depois das 13 horas, quando as tropas já tinham tomado posições de combate à volta dos quarteirões do Largo do Carmo com o canhão de um tanque virado para o portão principal do aquartelamento, os civis, que eram mantidos à distância, avisaram o capitão Maia de que uma coluna da G.N.R. descia a Rua da Trindade. Foram imediatamente tomadas posições de combate, que incluíram a ocupação de vários edifícios, para que os soldados pudessem ripostar a qualquer ataque vindo do ar, uma vez que a zona começara a ser sobrevoada por um helicóptero, o qual, a princípio, causou algum nervosismo entre os sitiantes, por não se ter a certeza se seria amigo ou adverso. Soube-se mais tarde que, afinal, era o general Costa Gomes, que faz parte da Junta de Salvação Nacional.

Sangue na sede da D. G. S.

AS tropas da G.N.R. que desciam a Rua da Trindade, detiveram-se, entretanto, junto ao teatro, onde momentos depois viriam a ficar entre dois fogos, quando os populares, constituindo uma multidão de milhares de pessoas, correram do Largo do Carmo para o local, gritando para que depusessem as armas. Enquanto isto, subindo o Largo do Carmo, sem se fazerem pressentir alguns elementos das tropas sitiantes misturaram-se com os da G.N.R. e pediram ao povo para manter a calma. Foi nesse momento que o comandante das tropas da G.N.R. que se encontrava na Rua da Trindade prometeu não ser o primeiro a abrir fogo e a render-se logo que o quartel o fizesse. Estas condições foram aceites e a calma voltou ao local.

Pouco depois, por volta das 13 e 30, a população desceu a Rua António Maria Cardoso cantando o hino nacional e dando vivas ao Exército. Quando os manifestantes, quase todos muito jovens, se aproximavam da sede da Direcção-Geral de Segurança, cães polícias saíram ao seu encontro e das janelas do edifício começaram a ser disparadas rajadas de metralhadora e lançadas granadas de mão. O tiroteio, durou cerca de seis minutos. Os manifestantes protegeram-se precipitadamente, atirando-se para debaixo dos automóveis que se encontravam em frente do Teatro de São Luiz. Verificou-se depois, que tinham sido atingidos a tiro cinco rapazes, que foram conduzidos ao Hospital de S. José em ambulâncias das forças que sitiavam o quartel do Carmo.

O tiroteio da Rua António Maria Cardoso deu origem, entretanto, a um certo movimento das tropas. Ligando para o posto de comando, o capitão Maia, no Largo do Carmo, informou pela rádio: «Atenção, posto de comando: a D.G.S. está a atirar sobre a população.»

A sede da Direcção-Geral de Segurança já de manhã estivera cercada por forças dos fuzileiros navais, que ao princípio da tarde levantaram o cerco, sem que tivesse sido dada qualquer explicação.

Momentos dramáticos antecederam a rendição

NO Largo do Carmo as coisas permaneciam bastante calmas, com a população a distribuir alimentos pelos soldados e a colaborar ordeiramente com os comandos, obedecendo a todas as instruções dadas pelo capitão Maia, através do megafone.

Depois das 15 horas viveram-se no Largo do Carmo momentos de grande dramatismo, na iminência do edifício do quartel ter de ser destruído a tiro de canhão.

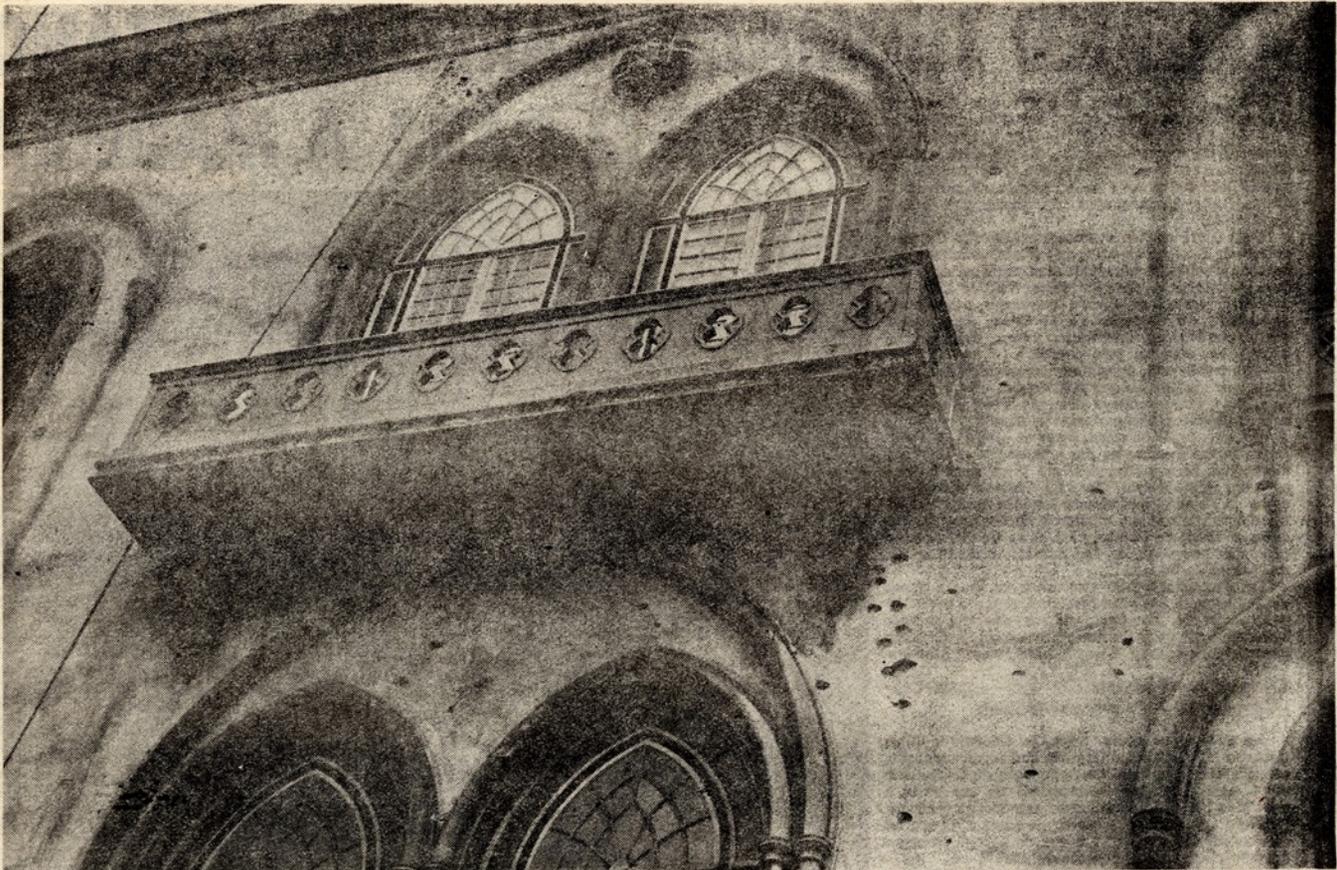
A certa altura, o capitão Maia pediu silêncio à multidão e, uma vez obedecido, dirigiu-se aos sitiados através do megafone, nestes termos: «Atenção quartel do Carmo. Atenção quartel do Carmo. Damos dez minutos para se renderem. Todas as pessoas que ocupam o quartel devem sair desarmadas e com as mãos no ar. Se não saírem destruiremos o edifício.»

Estas palavras foram coroadas com uma estrondosa ovação dos populares. Cinco minutos depois, o mesmo oficial voltou a pedir silêncio para dizer, pelo megafone: «Atenção quartel do Carmo: já passaram cinco minutos. Se não saírem destruímos o edifício.»

Negociações

FALTAVAM três minutos para findar o prazo do ultimato quando a porta principal do quartel se abriu aparecendo o major Veloso da G.N.R., que «por iniciativa pessoal», vinha negociar a rendição. Depois de falar, breves minutos, com os oficiais das Forças Armadas, o major Veloso voltou ao quartel. Como, cerca de quinze minutos depois, não tivessem ainda dado sinais do interior do edifício, o capitão Maia repetiu o ultimato. Ia começar o fogo, quando o major Veloso saiu de novo do edifício, regressando depois acompanhado do coronel Correia de Campos, mensageiro dos revoltosos.

Decorridos uns dez minutos, o capitão Maia disse para dentro do quartel que o mensageiro tinha de sair imediatamente, senão começariam a destruir o edifício. Dois minutos depois,

«A Capital» foi o primeiro jornal a chegar ao Largo do Carmo. E logo foi disputado pelas forças militares e pelos populares que ali se concentravam

As forças sitiantes tiveram de disparar sobre o quartel da Guarda, no Carmo. As paredes do edifício ficaram crivadas de balas

começou o tiroteio, muito intenso, mas só com armas ligeiras. Os canhões entrariam em acção se o quartel não se rendesse imediatamente. Mas o coronel Correia de Campos apareceu à janela do edifício e, pouco depois, saiu.

Mais tarde, como as forças sitiadas ainda não se tivessem rendido, o quartel foi, de novo, metralhado. Chegaram então ao Largo do Carmo os drs. Feytor Pinto e Nuno Távora, da S. E.I.T. que, após conferenciarem com o capitão Maia, entraram no edifício cercado, onde se terão avistado com o prof. Marcello Caetano. Cerca das 17 horas, seguiram para a residência do general António de Spínola a quem comunicaram o desejo do prof. Marcelo Caetano de lhe entregar o comando das Forças Armadas.

À 17 e 40 o general António de Spínola, acompanhado do major Dias de Lima, entrou no Largo do Carmo, dentro de um automóvel preto. Delirantemente ovacionado pela população, dirigiu-se para o quartel onde decorria a cerimónia de transmissão de poderes.

Legião Portuguesa rende-se

AS forças motorizadas que na madrugada de ontem ocupavam o Terreiro do Paço tinham divergido, cerca do meio-dia em dois sentidos: uma seguira para o Carmo, no propósito de forçar à rendição o quartel da G.N.R., enquanto a outra coluna tomava a direcção da Penha de França para ocupar o quartel-general da Legião Portuguesa.

As poderosas máquinas de guerra entre as quais se viam cinco «Panhards», além de outros carros de combate com lagartas, rodeados por tropas apeadas que acompanhavam os movimentos envolventes, subiram lentamente as íngremes artérias da Penha de França aplaudidos pela multidão que seguia interessada as operações, agitando os braços e fazendo o sinal de vitória com os dedos em V.

Lentamente, a coluna foi ocupando posições em frente do quartel-general da L.P. enquanto militares armados com metralhadoras subiam aos telhados dos prédios fronteiros vigiando os movimentos, e ocupando as posições estratégicas para um eventual ataque.

Entretanto, três oficiais das Forças Armadas parlamentaram com o brigadeiro que comandava na altura o quartel, concedendo-lhe o prazo de um quarto de hora para a rendição.

Antes de expirado o prazo, os sitiados da L.P. aceitaram render-se e foram depois introduzidos em «carrinhas» que haviam chegado ao local, e conduzidos a destino desconhecido.

A certa altura, a atenção dos militares do Movimento virou-se para o Camões e uma força de fuzileiros ocupou a Rua António Maria Cardoso, onde se situa a sede da Direcção-Geral de Segurança, retirando-se mais tarde. Entretanto, um helicóptero sobrevoava a zona.

Almirante Américo Thomaz em Lanceiros 2

O almirante Américo Thomaz esteve em Lanceiros 2, apenas de passagem, após as primeiras horas dos últimos acontecimentos. O aquartelamento aderiu completamente ao Movimento das Forças Armadas — informou-nos esta madrugada, cerca das 3 e 30, o comandante daquela unidade militar instalada na Calçada da Ajuda. À mesma hora, um porta-voz da Presidência da República esclareceu-nos, que era ali desconhecido o paradeiro do almirante Américo Thomaz.

De acordo com as declarações que nos foram prestadas ontem ao princípio da tarde, pelo oficial de prevenção da referida unidade militar, os três membros do Governo que ali se encontravam, saíram dali num helicóptero. Tratava-se do contra-almirante Pereira Crespo, ex-ministro da Marinha, general Andrade e Silva, ex-ministro do Exército, e prof. Joaquim da Silva Cunha, ex-ministro da Defesa.

Entretanto, cerca das 19 e 30 de ontem, uma coluna militar que saiu de Vendas Novas, da Escola Prática de Artilharia, subiu a Calçada da Ajuda e estacionou entre os aquartelamentos de Cavalaria 7 e Lanceiros 2.

A força aderente ao Movimento era composta por seis camiões «Berliet», três «G. M. C.» e um pequeno jipe, que transportavam cerca de duas centenas de homens fortemente armados e comandados por um capitão do Exército. Além deste oficial, faziam parte dos comandos mais três tenentes, aspirantes a oficiais milicianos, sargentos e furriéis.

Após o estacionamento, aqueles militares tomaram posições de ataque, rectificadas por um major de Cavalaria 7, por volta das 20 horas.

De acordo com as informações prestadas pelo comandante da coluna, o objectivo era o quartel de Lanceiros 2 (Polícia Militar), cuja posição, não estava ainda bem definida, apesar da bandeira branca que os sitiados haviam colocado na porta de armas.

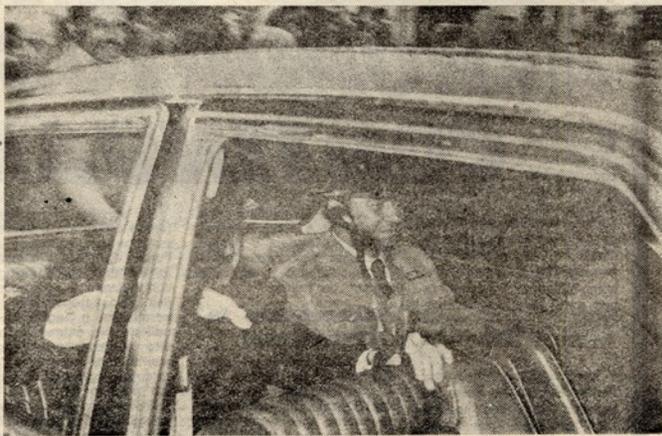
Às 20 e 30, e depois de uma informação prestada por um civil, uma «Berliet» transportando um pelotão sob o comando de um aspirante a oficial, partiu para a zona do Carmo, onde os elementos da D. G. S. continuavam a resistir ao Movimento das Forças Armadas. Pouco tempo decorrido, aquela viatura regressou à Calçada da Ajuda.

Cerca das 21 e 45, o oficial de dia do aquartelamento de Lanceiros 2 saiu à porta de armas e conversou durante alguns minutos com as forças sitiantes, que logo a seguir ocuparam a unidade.

Ataque a posto de rádio

CERCA das três horas da manhã de ontem, as tropas da Escola Prática de Engenharia, de Tancos depois de terem permanecido calmas, simulando o jogo de «bridge», saíram do aquartelamento tendo no seu plano chegar até à ponte da Chamusca, a fim de municiarem duas companhias de Infantaria provenientes de Santa Margarida.

Depois de satisfazerem o seu primeiro objectivo apossaram-se do posto retransmissor de Rádio Clube de Porto Alto, cerca das 8 horas, marchando em seguida em direcção a Lisboa, onde ocuparam a Casa da Moeda, às 18 horas.

Um dos oficiais daquela força classificou a operação de «relativamente fácil», excepto a saída do quartel, pois não o fariam sem as munições para fornecer às referidas duas companhias de Santa Margarida.

O general Spínola chegou ontem ao Largo do Carmo acompanhado pelo major Dias Lima. Foi estrondosamente ovacionado pela população

AMÉRICO THOMAZ E MARCELLO CAETANO PARTEM PARA A MADEIRA

O prof. Marcello Caetano, o almirante Américo Thomaz, os ministros Moreira Baptista, Silva Cunha, Rui Patrício e Rebelo de Sousa e vários outros membros do Governo deposto, tinham sido conduzidos cerca das seis horas de hoje, sob forte escolta militar, para a Base Aérea n.º 1 onde embarcaram num «DC-6» da Força Aérea que os transportou para a ilha da Madeira.

Eram 6 e 5 quando o professor Marcello Caetano entrou na Base Aérea n.º 1, na Portela, escoltado por uma companhia de pára-quedistas, transportadas em duas «berliets» e diversos jipes. Vestido com um sobretudo preto e de chapéu igualmente preto, o ex-presidente do Conselho de Ministros apresentava um ar abatido, no «Mercedes» que o transportava, unicamente ocupado pelo condutor.

Minutos depois, surgiu nova coluna militar composta por quatro autometralhadoras, um tanque e dois jipes, que escoltava diversas viaturas oficiais, cujos ocupantes não pudemos distinguir.

No entanto, já na pista, junto ao «DC-6» da Força Aérea fomos informados por uma porta-voz do Movimento das Forças Armadas que já se encontravam a bordo, além do prof. Marcello Caetano, o ex-presidente da República, almirante Américo Thomaz e, entre outros, os antigos ministros do Interior, dr. Moreira Baptista; da Defesa, prof. Silva Cunha; dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício; e do Ultramar, dr. Rebelo de Sousa.

Forte dispositivo de segurança composto quase exclusivamente por pára-quedistas, rodeava o «DC-6» que, de portas abertas e escada descida, parecia aguardar a chegada de outros membros do Governo deposto para encetar a sua viagem rumo à Madeira.

Governo destituído no «quartel-general» dos revoltosos

Às 5 e 30 os profs. Marcello Caetano e Silva Cunha e o dr. Moreira Baptista tinham abandonado, sob custódia, o quartel do Regimento de Engenharia n.º 1, num automóvel «Mercedes» de cor preta e escoltado por viaturas militares com tropas armadas, tomando o rumo do Aeroporto da Portela. O quartel da Pontinha, desde as 21 horas de ontem, transformara-se no «quartel-general» do M.F.A.

Cerca das 22 horas tinha chegado o general António de Spínola àquele aquartelamento, acompanhado do general Costa Gomes.

Era notório o movimento de viaturas blindadas e a chegada constante de oficiais superiores dos vários ramos das Forças Armadas. Às 23 e 45 horas, entrou no aquartelamento uma coluna militar constituída por cinco carros anfíbios de assalto, duas autometralhadoras e duas viaturas ligeiras, além de um autocarro dos fuzileiros navais. Foi o 1.º-tenente Teixeira de Brito quem se apeou para anunciar junto da porta de armas do quartel a chegada daquela força.

Em dada altura, porém, escoltado por carros blindados, o Estado-Maior do M.F.A. dirigiu-se para as instalações da Televisão, situadas na Alameda das Linhas de Torres. O percurso entre os automóveis e os estúdios foi feito a pé. As forças de ocupação da TV apresentaram armas.

Operadores da TV registaram então a entrada do general Spínola e dos restantes membros do Estado-Maior do M.F.A.: general Costa Gomes, capitão-de-fragata Rosa Coutinho, capitão-de-mar-e-guerra Ribeiro Azevedo, brigadeiro Jaime Silvério Marques e coronel piloto-aviador Galvão Melo.

O blindado «Chaimite», de nome «Bula», que transportou o prof. Marcello Caetano, quando saía do quartel do Carmo

Américo Thomaz e Marcello Caetano chegam ao Funchal

FUNCHAL, 26 (ANI) — O almirante Américo Thomaz e o prof. Marcello Caetano, bem como o prof. Silva Cunha e os drs. Moreira Baptista e Rebelo de Sousa, antigos ministros da Defesa Nacional, do Interior e do Ultramar, chegaram à Madeira às 8 e 45, em avião militar.

A anteceder a saída daqueles elementos desceu do avião um grupo de «Boinas Verdes» com metralhadoras.

Do aparelho saiu também sob custódia o comandante Benvindo, oficial-às-ordens do almirante Américo Thomaz.

No aeroporto, o almirante Américo Thomaz e o prof. Marcello Caetano eram aguardados pelo governador do distrito, comandante Daniel Rocheta, pelo governador substituto, dr. João Gouveia, pelo gvernador militar e esposas, pelo chefe do Estado-Maior e pelo director da Delegação de Turismo, João Gonçalves Borges.

O almirante Américo Thomaz atravessou a pista em direcção à sala dos «Vips», seguido do prof. Marcello Caetano e dos outros antigos membros do Governo.

Depois de alguns minutos naquela sala entraram em automóveis oficiais do Governo Militar acompanhados por aquelas entidades e seguiram para o Funchal, onde o prof. Marcello Caetano e almirante Américo Thomaz ficaram instalados no mesmo hotel.

AEROPORTOS E FRONTEIRAS CONTINUAM ENCERRADOS

DE acordo com um comunicado difundido pelo Movimento das Forças Armadas o aeroporto da Portela continua fechado à navegação. «Os passageiros e pessoal das companhias serão avisados, por esta via, com antecedência, da hora da abertura», acrescenta o documento.

Também o aeroporto das Pedras Rubras, no Porto, se mantém encerrado ao tráfego aéreo desde as 21 horas de ontem com as instalações ocupadas por destacamentos militares. Encontra-se em igual situação o aeroporto de Faro.

Todavia o pessoal dos escritórios e serviços administrativos podem e devem regressar aos seus locais de trabalho no mais curto espaço de tempo.

Repercussão internacional

O tráfego aéreo no aeroporto da Portela foi interrompido cerca das 3 horas da madrugada de ontem, após a ocupação das respectivas instalações por elementos da Escola Prática de Infantaria. A situação é hoje idêntica à que passou a verificar-se desde aquele momento.

Os serviços mais importantes passaram a ser controlados por efectivos das Forças Armadas. De manhã, as instalações da aerogare continuavam a estar ocupadas pelas tropas que não permitiam o ingresso no edifício. No entanto, o trânsito processava-se normalmente pela Avenida do Aeroporto. Perto das 10 horas, um piquete da Divisão de Trânsito da P.S.P. passou a impedir a circulação de veículos no sentido da auto-estrada do Norte, a partir do cruzamento da Avenida de Berlim.

Entretanto, os acontecimentos atingiam repercussão internacional. No aeroporto de Orly, segundo telegrama da France Presse, foi recebida uma nota internacional informando que os «aeroportos civis e militares portugueses estão, até nova ordem, encerrados ao tráfego aéreo».

Por outro lado, em Madrid, em virtude dos acontecimentos registados em Portugal e do encerramento ao tráfego dos aeródromos portugueses, os aviões das diversas linhas espanholas e de diversas companhias estrangeiras suspenderam os seus voos com escala no nosso País.

Fronteiras fechadas

DESDE a noite de ontem, no Norte do País estão rigorosamente fechadas ao trânsito de automóveis e, até, de peões, as fronteiras de São Gregório, em Melgaço, Caminha, Vila Verde da Raia, em Chaves, e ainda as de Vilar Formoso, Badajoz e Caia.

Na fronteira fluvial de Vila Real de Santo António-Aiamonte foi bastante intenso o movimento de portugueses que se dirigiram para Sevilha onde presentemente decorre a feira.

No entanto a referida fronteira, que ontem encerrou à hora normal, estará fechada hoje durante todo o dia, segundo a informação que nos foi dada por um porta-voz da subinspectoria da Direcção-Geral de Segurança na capital algarvia.

Por outro lado, naquela cidade não se registou qualquer alteração da rotina habitual e os próprios estabelecimentos de ensino funcionaram normalmente, inclusivamente no período nocturno.

VIDROS ESTILHAÇADOS EM ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS

DURANTE a tarde de ontem, grupos de populares partiram vidros de montras e de portas, pertencentes a estabelecimentos bancários e a supermercados. A zona mais atingida foi a da Baixa citadina, mais concretamente a Rua do Ouro e a Rua do Comércio, onde praticamente todas as sedes e agências bancárias foram danificadas.

O banco mais atingido apresentava as duas portas e seis montras gigantescas completamente destruídas, cada uma destas avaliada em várias dezenas de contos. De uma outra empresa bancária apenas restou intacta uma das montras; as demais, em número de doze, e ainda as dez meias-portas, foram destruídas com paralelepípedos, bocados de madeira e varões de ferro pertencentes ao resguardo de obras camarárias em curso na Rua do Ouro. Um funcionário estimou o preço das meias-portas em 4000$00 cada e o das montras em seis mil escudos cada. Num estabelecimento bancário de nacionalidade estrangeira foram igualmente desfeitas as quatro montras e portas, o mesmo sucedendo a outras instalações.

Por sua vez, na Avenida Almirante Reis registaram-se factos idênticos, em bancos e num supermercado, e na Avenida Duque de Loulé foram estilhaçadas janelas da Embaixada dos Estados Unidos da América, do Centro Cultural Americano e de uma empresa turística cuja sede está ali situada.

Uma das casas bancárias da Baixa lisboeta, com os vidros das portas e montras estilhaçados

COME HOJE PÃO SECO QUEM O AÇAMBARCOU ONTEM

APESAR dos constantes apelos do Movimento das Forças Armadas para que os estabelecimentos comerciais encerrassem a fim de evitar açambarcamentos inúteis e prejudiciais, só praticamente a partir das 14 horas aqueles começaram a fechar as portas, aliás pressionados por uma afluência invulgar do público menos consciente dos seus deveres cívicos. Algumas mercearias, mesmo depois de encerradas tiveram trabalho suplementar aviando os clientes que já se encontravam dentro à espera de vez. Segundo o que pudemos apurar esta manhã e até ao fim da tarde de ontem foram aqueles estabelecimentos e as padarias os mais visados pelos clientes receosos de, durante alguns dias ficarem privados de certos géneros de primeira necessidade, o que não veio a verificar-se, como se observa.

Outros artigos mais procurados foram o arroz e o bacalhau, segundo nos informou um merceeiro, seguindo-se as conservas e em menos quantidade, a farinha. Igualmente os talhos tiveram um movimento desusado, semelhante ao das vésperas das grandes festividades como o Natal e a Páscoa, alguns, outros como nas vésperas dos fins-de-semana — sobretudo nos mercados de Arroios e do Matadouro. Todavia a «fazenda» não se esgotou. Hoje, ao começo da manhã, todos se encontravam bem abastecidos. O mesmo sucedia noutros sectores dos mercados, como nos dos legumes, ovos e aves onde havia abundância dos géneros respectivos.

Fruta nem tanto

MAS nem todos venderam mais do que habitualmente. No sector das frutas havia quem se queixasse de não ter vendido um único morango, por exemplo.

Também o peixe teve procura maior, mas ainda sobrou muito.

A maior procura, porém, registou-se nas padarias onde se esgotou toda a existência.

— Nunca vendi tanto pão num só dia e em poucas horas como ontem — afirmava-nos um padeiro, concluindo:

— O que ontem se vendeu a mais é o que hoje se há-de vender a menos e os açambarcadores têm de comer pão seco.

Nas montras, de facto, viam-se os pães cozidos de madrugada, ainda rescendentes, mas quase sem procura. Os únicos compradores foram os que ontem não conseguiram adquirir nem um só papo-seco porque houve quem, levando habitualmente cinco ou seis, se preveniu com 30 e até 80!

As flores, que não são artigo de primeira necessidade, nem por isso ficaram abandonadas nas bancas.

Gasolina: procura quase normal

ÀS 7 e 30 de hoje o movimento de viaturas para abastecimento nos postos da Avenida Duarte Pacheco era praticamente nulo, apesar de todas as gasolineiras estarem a funcionar. Encerraram na véspera, cerca das 16 e 30, ficando ainda com muito combustível. Todavia, alguns clientes ficaram por abastecer. O reabastecimento dos postos ainda não tinha sido efectuado, mas cerca das 16 horas, por via de uma procura um pouco acima do que é habitual. Apesar de ser costume verificar-se o reabastecimento cerca das 17 horas, até ao princípio da manhã ainda não fora efectuado. Entretanto, a gasolina super tinha-se esgotado nos postos de abastecimento da estrada de Sintra, junto a Alferragide, um pouco antes das 15 horas.

— Nunca fizemos tanto dinheiro desde o último aumento, como ontem até às 13 horas — informaram-nos no posto da Avenida Gago Coutinho, junto ao Areeiro.

esperava-se a todo o momento que o fosse.

Hoje, antes daquela hora, ainda não sabiam se abririam, ou não. No posto da Rua Castilho, esquina com Joaquim António de Aguiar, o combustível esgotou-se

No n.º 90 da Rua das Gáveas, ao Bairro Alto, funcionou, até ontem, a Comissão de Exame Prévio, que a Junta de Salvação Nacional, a que preside o general António de Spínola, acaba de abolir. Pelo postigo que vemos na gravura entravam as provas dos jornais para serem sujeitas à devida apreciação

Para os lisboetas, o movimento vitorioso dos militares constituiu motivo de entusiástico regozijo

CRONOLOGIA DO ACONTECIMENTO

Primeiras horas

24 de Abril

22 e 55 — A canção «E depois do adeus», por Paulo de Carvalho, transmitida pelos Emissores Associados de Lisboa, constitui o primeiro sinal para o desencadeamento do golpe militar.

25 de Abril

0 e 20 — «Grândola, Terra Morena», de José Afonso, transmitida através do programa «Limite», da Rádio Renascença, serve de senha ao movimento.

0 e 30 — Militares do Movimento ocupam a Escola Prática de Administração Militar.

1 hora — É tomada a E. P. C., em Santarém, assumindo o comando o capitão Bernardo. Entretanto, inicia-se a movimentação de forças em Tomar, Vendas Novas, Batalhão de Caçadores 5 e Regimento de Cavalaria 7, em Lisboa, Figueira da Foz, Viseu, Lamego, Mafra, Estremoz e em outros pontos.

3 horas — Ocupados os estúdios da R. T. P., no Lumiar, da E. N., no Quelhas, do R. C. P., na Rua Sampaio Pina, e o aeroporto de Lisboa, além de outros pontos vitais. As áreas do Quartel-General e do R. C. P. são cercadas. Forças de Cavalaria 7, Caçadores 5 e da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém, estacionam na Praça do Comércio.

Série de comunicados

4 e 20 — O R. C. P., transformado em posto de comando, transmite o primeiro comunicado do M. F. A., no qual se apela para os habitantes de Lisboa recolherem a suas casas em máxima calma. Manifesta-se o desejo de que não haja acidentes e pede-se ao Comando das Forças Militarizadas que evitem quaisquer confrontos. Pede-se ainda para os médicos acorrerem aos hospitais.

4 e 45 — Novo comunicado, através do R. C. P., reforçando recomendações de prudência às Forças Militarizadas e apelando para que os seus elementos regressem aos quartéis. Anuncia, entretanto, que os comandos que conduzirem os seus subordinados à luta com o M. F. A. serão severamente responsabilizados.

5 e 15 — O terceiro comunicado do M. F. A. renova apelos e recomendações anteriores. Pela primeira vez discrimina as forças militarizadas e outras — potenciais opositores do Movimento: G. N. R., P. S. P., D. G. S. e L. P.

6 e 45 — O M. F. A. declara, em mais um comunicado transmitido do Posto de Comando do R. C. P., que as Forças Armadas decidiram tomar a cargo a presente situação, pelo que será considerado delito grave qualquer oposição das forças militarizadas e policiais às unidades militares.

Ao princípio da manhã — Quatro tanques «M-47» e 15 camiões com tropas estacionam na Calçada da Ajuda, junto de Lanceiros 2.

7 horas — Forças vindas da Escola Prática de Artilharia, de Vendas Novas, instalam-se no morro do monumento a Cristo-Rei.

7 e 30 — É emitida uma nota do M. F. A., lida pelo locutor Luís Filipe Costa, na qual se afirma que as F. A. desencadearam de madrugada uma série de acções com vista à libertação do País do regime que há longo tempo o domina. Acrescenta ainda que responderá, decidida e implacavelmente, a qualquer oposição que se venha a manifestar. O comunicado terminava com «Viva Portugal».

7 e 52 — A E. N. suspende a emissão.

8 horas — Forças adversas ao Movimento, vindas de Lanceiros 2, tomam posição na Avenida Ribeira das Naus e em frente do cais Sul e Sueste. Doze «jeeps» da G. N. R. são travados na Rua da Madalena.

8 e 25 — A E. N. recomeça a emissão ao serviço do M. F. A.

8 e 45 — Um comunicado, transmitido como os anteriores através do R. C. P., regista de novo os objectivos do Movimento e repete recomendações já expressas.

9 horas — No emissor de Miramar do R. C. P. é lido pela primeira vez um comunicado do M. F. A. Mais tarde a emissão sofre uma interrupção que dura até às 11 horas.

Terreiro do Paço palco de confronto

9 e 10 — O dr. Moreira Baptista, o prof. Silva Cunha e o contra-almirante Tenreiro saem do Ministério do Interior. Entretanto, o general Andrade e Silva tinha-se posto em fuga.

9 e 30 — A fragata da Marinha de Guerra com a matrícula «F-473» fundeia em frente do Cais das Colunas. Mais tarde levanta ferro em direcção ao Alfeite.

10 e 15 — Detenção do general Louro de Sousa, quartel-mestre-general, à entrada do respectivo serviço.

10 e 30 — Uma força adversa que ocupava a Rua do Arsenal, sob o comando de um major, adere ao Movimento.

11 horas — Recomeça a emissão da estação de Miramar do R. C. P., controlada pelo M. F. A. — Devido ao tiroteio registado no Tereiro do Paço, fica ferida uma senhora.

11 e 30 — Rendição do Quartel-General da Legião Portuguesa, depois de um ultimato com um prazo de 15 minutos.

11 e 45 — As Forças Armadas comunicam que, de Norte a Sul, dominam a situação e que em breve chegará a hora da libertação. Chama-se ainda a atenção de todos os estabelecimentos comerciais de que devem encerrar imediatamente as suas portas. Se a ordem não for acatada será decretado o recolher obrigatório.

12 horas — As forças presentes no Terreiro do Paço subdividem-se e dirigem-se ao Largo do Carmo, à Penha de França e à Rua António Maria Cardoso.

12 e 30 — Forças militares do R. C. 7, da E. P. C. e da Região Militar de Tomar cercam o quartel do Carmo.

12 e 45 — Tem início, como habitualmente, a emissão da R. T. P.

13 horas — O M. F. A. informa as famílias dos militares de que eles se encontram bem.

13 horas — Fuzileiros atacam a sede da D. G. S. e libertam alguns presos políticos.

14 horas — A C. V. P. instala um posto de primeiros socorros no Cais do Sodré, ao mesmo tempo que três ambulâncias circulam pelas zonas mais movimentadas da cidade.

14 e 5 — O M. F. A. avisa a população contra elementos adversos da G. N. R. que se fazem passar por amigos.

14 e 30 — Um comunicado mais pormenorizado discrimina os objectivos já dominados. Acrescenta-se que o almirante Américo Thomás e o prof. Marcello Caetano, assim como o seu Governo, se encontram cercados no quartel do Carmo da G. N. R. e no R. L. 2.

Marcello Caetano rende-se

A partir do meio da tarde — Uma proclamação do Movimento das Forças Armadas, onde se declaram os motivos do Movimento, é difundida diversas vezes.

16 horas — É hasteada a bandeira branca, símbolo de rendição, no quartel do R. L. 2, onde se haviam refugiado os ministros da Marinha, da Defesa Nacional e do Exército, além do almirante Américo Thomaz.

— A C. D. E. de Lisboa distribui um comunicado em que manifesta o apoio ao movimento militar.

16 e 5 — O dr. Feytor Pinto, director do Serviço de Informação da S. E. I. T., chega ao Largo do Carmo, acompanhado pelo dr. Nuno Távora, chefe de gabinete do secretário de Estado, e é introduzido no quartel, onde recebe uma mensagem do prof. Marcello Caetano dirigida ao general Spínola.

16 e 21 — O dr. Feytor Pinto, sempre acompanhado pelo dr. Nuno Távora, abandona o quartel e dirige-se a casa do general Spínola, onde chegam às 16 e 38.

17 horas — Rendição do Quartel-General da G. N. R., no Carmo.

17 e 2 — Os drs. Feytor Pinto e Nuno Távora saem de casa do general Spínola. Entretanto. o general Spínola e o prof. Marcello Caetano estiveram em contacto telefónico.

17 e 5 — O capitão Salgueiro Maia anuncia por mefagone que vai proceder-se à cerimónia de transmissão de poderes do prof. Marcello Caetano para o general Spínola. A aglomeração da população no Largo do Carmo aumenta e ouve-se cantar o hino nacional.

17 e 30 — Onze oficiais presos na Trafaria desde a intentona das Caldas da Rainha são libertados pelo M. F. A. e transferidos para o Trem-Auto.

17 e 40 — Um esclarecimento difundido pela rádio diz que uma interferência provocada por forças da reacção no emissor de R. T. P. será rapidamente dominada, entrando logo de seguida em funcionamento.

17 e 45 — A Televisão transmite um comunicado sobre os acontecimentos do dia e proclama à Nação o seu propósito de a libertar de um regime que a oprime há longos anos.

18 horas — O general António de Spínola, acompanhado pelo major de cavalaria Dias Lima, chega ao quartel da G. N. R. do Carmo, após a rendição das forças que ali resistiam, recebendo em seguida o Poder das mãos do prof. Marcello Caetano.

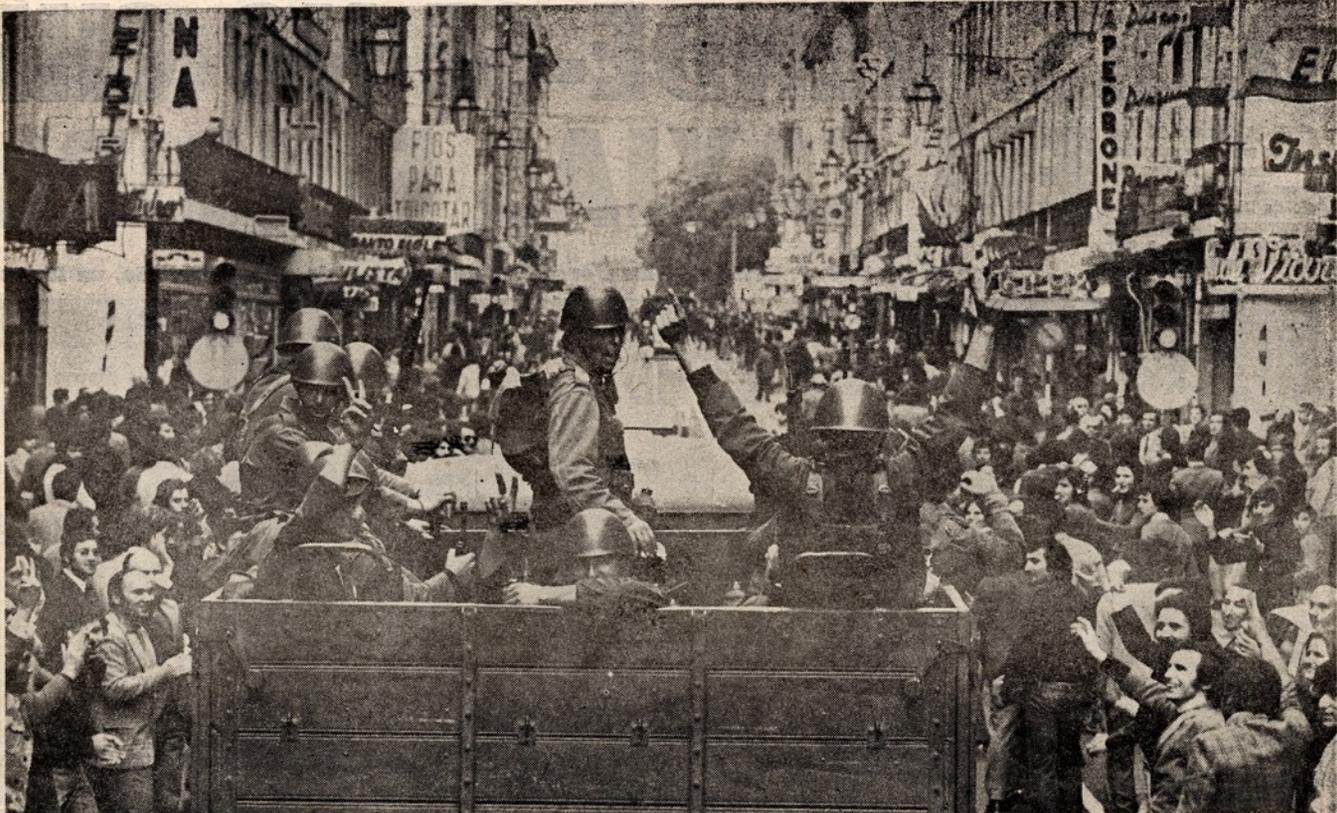
18 e 15 — É transmitido um comunicado onde se confirma a rendição do quartel da G. N. R.

18 e 40 — A Televisão anuncia, pela voz do locutor Fernando Balsinha, que o M. F. A. preparava uma edição especial do telejornal. Em seguida Fialho Gouveia lê uma declaração do Movimento.

18 e 50 — Carros de assalto abandonam o Largo do Carmo e forma-se a coluna militar que conduzirá os detidos.

19 e 20 — O prof. Marcello Caetano e membros do seu Governo saem do quartel do Carmo numa viatura blindada «Chaimite» denominada «Bula», logo seguida do automóvel do general Spínola, com destino ao Regimento de Engenharia 1, na Pontinha.

19 e 30 — Forças dos Regimentos de Infantaria 16 e de Artilharia Ligeira 3 cercam o Quartel-General da Região Militar de Évora. O Comando da Região rende-se sem resistência.

19 e 45 — Um comunicado transmitido pelo R. C. P. anuncia a rendição incondicional do prof. Marcello Caetano. Entretanto, o almirante Américo Thomaz e al-

A população saudou as forças do Exército ao longo das ruas da cidade. Os militares respondiam, formando com os dedos o V de vitória

guns ex-ministros continuam refugiados em dois aquartelamentos.

D. G. S. resiste

20 horas — Rajadas de metralhadora, disparadas de uma das varandas do edifício principal da D. G. S., atingem mortalmente cinco pessoas e ferem cerca de uma dezena de manifestantes que para ali se dirigiam. Os manifestantes eram jovens, na sua maioria.

20 e 30 — Uma coluna militar do Regimento de Infantaria 1, da Amadora, e do R. C. 3, de Estremoz, cercam a área onde se encontra o edifício da D. G. S. e bloqueiam o acesso às Ruas António Maria Cardoso e Paiva de Andrade.

21 e 30 — Um elemento da D. G. S., que resistiu a um militar que procurava identificá-lo, foi abatido por uma rajada de «G-3» ao tentar pôr-se em fuga.

22 horas — O general António de Spínola, acompanhado pelo general Costa Gomes, chegam ao Regimento de Engenharia 1, onde entretanto já se havia apresentado o general Joaquim Luz Cunha como aderente ao Movimento.

22 e 15 — O R. C. P. retoma a programação normal, com inclusão de publicidade.

26 de Abril

0 e 30 — O M. F. A. informa que agentes da D. G. S. atiram fogo indiscriminada e criminosamente, fazendo cinco vítimas inocentes no Largo de Camões. Informa também que um dos elesistem dois redutos da D. G. S.

—— A R. T. P. transmite, a partir do Porto, as filmagens da ocupação do seu emissor no Monte da Virgem. São as primeiras imagens da revolta.

mentos da D. G. S. foi abatido. O comunicado diz que ainda re-

General Spínola fala ao País

1 e 25 — O general Spínola, acompanhado pelos outros membros da Junta, faz uma comunicação ao País a partir dos estúdios da R. T. P.

3 e 30 — Um comunicado da Junta de Salvação Nacional recomenda à população o acatamento das indicações da Polícia Militar, P. S. P. e das brigadas de trânsito. O comunicado refere ainda a rendição do R. L. 2 e do Grupo de Detecção e Conduta de Intercepção, em Monsanto.

Cerca das 6 horas — O prof. Marcello Caetano, o almirante Américo Thomaz, os ex-ministros Moreira Baptista, Silva Cunha, Rui Patrício e Rebelo de Sousa e vários outros membros do Governo deposto foram conduzidos sob forte escolta militar, para a Base Aérea 1, onde embarcaram num «DC-6» da Força Aérea que os transportou para a ilha da Madeira.

QUATRO MORTOS E DEZENAS DE FERIDOS CONFIRMADOS

DEZENAS de feridos, alguns dos quais ainda por identificar, e quatro mortos, dois deles já identificados, recolheram, entre ontem à noite e esta madrugada, respectivamente ao Hospital de S. José e ao Instituto de Medicina Legal, na sequência dos incidentes registados junto da sede da Direcção-Geral de Segurança, na Rua António Maria Cardoso.

Os feridos já identificados são: Maria dos Anjos Afonso Santos Martins, de 21 anos; Francisco José Silva Ramos, de 20; Rui Eduardo Alves Morais, de 19; Aarão de Almeida, de 44; Maria da Conceição Neto, de 20; Armando de Jesus Lopes Afonso, de 17; António Maria da Cruz, de 18; Joaquim Inácio R. Cristo, de 19; Maria Manuela Cortes Flores, de 23; António Ribeiro, de 20; António José dos Santos Lima, de 17; José Luís Guttierrez Rosa, de 19; Jorge Salgueiro Costa, de 24; Fernando Simão Martins, de 16; Armindo Fernandes de Oliveira, de 16; Camália Ferreira Pimenta; José Luís Bernardes Fernandes, de 19; António Pereira Esteves, de 35; Rogério Paulo Carvalho Osório, de 18; Luís de Oliveira, de 20; Manuel Pereira Alves, de 24; José Dinis Pereira, de 26; Agostinho Manuel Soares, de 18; e os nossos camaradas de Imprensa Adriano Carvalho e Rogério Teixeira Figueira, repórter fotográfico da United Press. O primeiro, por ter sido atingido por uma bala, sofreu fractura exposta do calcanhar direito, pelo que teve de ser submetido a uma intervenção cirúrgica; e ainda Armando Nascimento Teixeira Reis, de 20; João Manuel Paiva dos Santos, de 19; Carlos Alberto Rodrigues, de 20; Maria Emília Estronco Marques, de 32; Carlos Alberto Carvalhais Pereira, de 35; Maria Fernanda de Jesus, de 18; Fernando José Venâncio Pereira, de 15; Arnaldo João Marques, de 16; José Morgado Rodrigues, de 21; Joaquim da Silva Guerreiro, de 20; e José Valente Mendes, de 19.

Deram também entrada, esta manhã, em S. José, dois homens de identidade desconhecida, procedentes do Cais do Sodré e do Terreiro do Paço.

Os indivíduos não identificados aparentam idades entre os 18 e os 20 anos.

Os dois mortos já identificados são o agente da Direcção-Geral de Segurança António Lajes Pedras e Fernando Carvalho Gesteiro.

Sessenta médicos em S. José

Entretanto, no Hospital de S. José foram reforçadas as respectivas equipas médicas e cirúrgicas e, ontem à noite, cerca de 60 clínicos, além do pessoal de enfermagem, encontravam-se de serviço no hospital.

— Estamos mesmo a não aceitar algumas adesões que nos têm sido oferecidas, pois o pessoal que cá temos chega, felizmente, para as exigências do serviço — disse-nos um clínico do Banco, em cujos corredores se viam alguns dos baleados.

Naquele estabelecimento hospitalar não se registaram quaisquer problemas, mesmo considerando a simultaneidade da entrada de muitos dos feridos. Os feridos eram atendidos e canalizados depois para os respectivos sectores. Fizeram-se várias transfusões, nas quais se gastaram entre 15 e 20 litros de sangue, e bastante mais de soro.

Os baleados (com diferentes tipos de projéctil) foram, na sua totalidade, feridos pelas costas, verificando-se alguns casos em que houve necessidade de proceder a drenagens do tórax.

Mais um morto

No Hospital de S. José, cerca das 11 e 30, morreu mais uma vítima, não identificada, dos incidentes relacionados com o golpe de Estado.

No Porto

No Hospital de Santo António, no Porto, continuavam, esta manhã, internados, embora sem estarem em estado grave: Francisco Telmo Seabra do Amaral, de 18 anos, estudante, morador na Rua Aníbal Cunha, 37, que foi operado à perna direita para desalojar uma bala; Arístides Meireles Aguiar, de 13 anos, residente na Rua Nove de Abril, com um tiro no rosto; e Augusto Afonso Pinheiro, de 39 anos, ajudante de motorista, de Marmeleiro, na Guarda, com fractura exposta do úmero esquerdo. Também internado, mas em estado mais grave, continuava no Hospital de S. João o empregado comercial António José de Sousa, de 2[illegible] anos, morador na Rua da Bouça, 99, que sofreu ferida perfurante do tórax ao ser atingido a tiro na Avenida dos Aliados.

No primeiro daqueles estabelecimentos hospitalares foram ainda tratados, tendo regressado a suas casas: Ilídio Queirós Mota, de 42 anos, comissário da P.S.P. (ferido na cabeça); Augusto Martins Lobo, de 40 anos, 1.º subchefe da P.S.P. (também ferido na cabeça); Joaquim Pinto, de 52 anos; Serafim Ribeiro Pinto, de 34, e Adelino Freitas Ribeiro, de 39, os três guardas da P.S.P.; e ainda António de Araújo Jesus, de 19; Fernando Jesus Trigo, de 14; José Maria da Silva Azevedo Cardoso, de 16; José Luís Martins de Almeida, de 18; António Francisco Fernandes Moutinho, de 32; Isaura Pereira Almeida, de 66 (também com um tiro numa perna); Sérgio Valente, de 32, e Rosa Magalhães, de 19, todos com ferimentos mais ou menos ligeiros.

INTENTONAS QUE NÃO OBTIVERAM ÊXITO

— 10 de Outubro de 1946: um grupo de oficiais do Regimento de Cavalaria 6 tentam um golpe de Estado no Porto.

— 10 de Abril de 1947: cinco generais, seis oficiais superiores e 13 professores universitários são demitidos das suas funções por terem participado numa conjura que se manifestou através de greves e de uma tentativa de revolta na região de Tomar.

— 8 de Outubro de 1948: são presos vários oficiais superiores, entre os quais o almirante Cabeçadas, acusados de terem fomentado uma terceira conjura.

— 31 de Março de 1953: o capitão Galvão, fundador do Órgão Cívico Militar, é condenado a três anos de prisão por conjura.

— 1 de Janeiro de 1962: tentativa de golpe de Estado do capitão Varela Gomes no Regimento de Infantaria 3, de Beja. Balanço: 4 mortos, entre os quais o subsecretário de Estado do Exército.

— 16 de Março: sublevação de uma companhia de Infantaria nas Caldas da Rainha. O seu avanço foi parado à entrada de Lisboa.

D.G.S. RENDE-SE NO CHIADO EM CAXIAS E NO PORTO

CERCA das 9 e 30 desta manhã o primeiro-tenente Vargas, da Armada, entrou no edifício da Direcção-Geral de Segurança, iniciando as negociações para a rendição daquela força poli-

Agentes da D. G. S. detidos pelas Forças Armadas na sede da corporação, na R. António Maria Cardoso

cial, que se veio a efectivar. Antes, porém, a dois agentes daquele departamento que entretanto tinham sido detidos na rua, foi permitido o ingresso na sede da D. G. S., com o propósito de convencerem à rendição os restantes elementos que ali se encontravam.

A rendição seguiu-se a negociações que decorreram numa das salas dos inspectores da D.G.S. no edifício da António Maria Cardoso e nas quais intervieram oficiais ligados ao Movimento das Forças Armadas e o major Silva Pais.

Cerca de 200 elementos da D.G.S. foram, a seguir, conduzidos sob prisão, para Caxias, onde os delidos por delitos políticos entre os quais o capitão cubano Peralta acabavam de ser libertados. O arsenal existente na sede daquela corporação, classificado de «fabuloso» por um oficial das forças sitiantes foi confiscado e algumas armas distribuídas pelos elementos do movimento militar.

A marcha das tropas para as cercanias da Direcção-Geral de Segurança fez-se sob aplausos da multidão que entretanto se aglomerara no Chiado e no Camões.

Entretanto, a prisão de Caxias foi ocupada por fuzileiros e pára-quedistas cerca das 9 horas. Entraram sem oposição, detiveram os agentes da D.G.S. e os presos estão soltos nos pátios.

Familiares que aguardaram no exterior tiveram manifestações de grande alegria.

A força de fuzileiros que acompanhava os pára-quedistas tentou desenvolver uma acção rápida para libertar os presos, ultrapasando os acontecimentos. É que havia instruções da Junta de Salvação Nacional para se proceder à identificação de todos os detidos. Segundo informações colhidas no Hospital-Prisão os presos políticos, entre os quais se contam alguns com 21 anos de clausura, serão libertados ainda hoje. Os que cumprem penas por delitos comuns terão os respectivos processos revistos.

A sequência dos acontecimentos

CERCA das 20 horas de ontem um grupo de manifestantes, na sua maioria constituída por jovens estudantes irrompeu pela Rua António Maria Cardoso, vindo do Largo do Chiado, em direcção à sede da D.G.S. Rapazes e raparigas aos gritos «Morte à P.I.D.E.! Viva a Liberdade» aproximaram-se até cerca de 100 metros do edifício principal da D.G.S. Foi então que de uma das varanda foram disparadas algumas rajadas de metralhadora na direcção dos manifestantes. Os disparos provocaram de imediato a morte de cinco pessoas e ferimentos em mais de uma dezena. Após as rajadas os elementos da D.G.S. atiraram ainda para o exterior algumas granadas de gases lacrimogéneos e voltaram a refugiar-se no interior do edifício. Os tiros motivaram uma fuga desordenada da multidão. No solo ficou uma mulher com uma criança ao colo. Pouco depois surgiam duas viaturas da Cruz Vermelha cujos ocupantes penetraram na Rua António Maria Cardoso para prestar os primeiros socorros aos feridos. Outras ambulâncias convergiram também para a mesma artéria, e, num curto espaço de tempo, foram evacuados quantos haviam sido vítimas das balas. Decorrida que foi cerca de meia hora, surgia no Chiado uma coluna militar, composta por um carro de assalto «Panhard», uma autometralhadora, dois «jeeps» (um dos quais com um morteiro pesado e uma «Unimog», esta também equipada com uma metralhadora pesada. Aclamados pela multidão, os militares, pertencentes às unidades do Regimento de Infantaria 1 da Amadora, e de Cavalaria 3 de Estremoz, dirigiram-se para a Rua António Maria Cardoso estacionando em posições estratégicas, a cerca de uma centena de metros do edifício da Direcção-Geral de Segurança. Um pouco mais tarde, outra viatura militar tipo «Panhard» reunia-se à coluna, bem assim como dois ou três «jeeps» ocupados por uma dezena de soldados.

Os militares, cuja acção foi inicialmente um pouco dificultada, involuntariamente, pela população civil, conseguiram após alguns esforços bloquear o acesso à Rua António Maria Cardoso e à Rua Paiva de Andrada, paralela àquela artéria, afastando todos os civis que teimavam em se aproximar do edifício da D.G.S. A determinada altura, decorrida cerca de uma hora sobre a chegada das forças militares um elemento da D.G.S. que resistiu a um militar que procura identificá-lo foi abatido, quando tentava pôr-se em fuga. A rajada de «G-3» motivou a habitual onda de pânico assistindo-se à fuga desordenada em todas as direcções de mais de um milhar de pessoas.

Madrugada de expectativa

APESAR do arrefecimento matinal, acentuado à medida que as horas avançavam, dezenas de populares não arredavam pé do Largo de Camões, na expectativa de verem desmoronar-se a última aresta que travava a marcha do Movimento. Destacamentos e companhias dos fuzileiros, juntamente com uma companhia do Regimento de Infantaria 1, da Amadora, aguardavam, calmamente, que os derradeiros renitentes da António Maria Cardoso se rendessem. No semblante de todos os militares, calma e expectativa.

Entretanto, segundo um porta-voz, o general Spínola teria ultimado ao major Silva Pais, director-geral da D.G.S., que o estabelecimento prisional de Caxias se entregava ou, então, o Movimento não se responsabilizava pelas consequências.

Quando observámos a um oficial fuzileiro que nas imediações da sede da D.G.S. há um hospital (da Ordem Terceira de S. Francisco), imediatamente nos adiantou o militar superior:

— Todas as precauções estão tomadas.

E a seguir:

— Desde que regressámos, cerca das 2 e 45, o ambiente tem estado calmo, não se verificando qualquer incidente. Por enquanto vamos esperando que os «teimosos» cedam...

Cerca das duas horas da madrugada de hoje três autocarros dos fuzileiros navais chegaram à zona do Chiado, tendo pouco depois iniciado o reforço ao cerco do Exército às instalações da Direcção-Geral de Segurança, na Rua António Maria Cardoso. A força, toda ela composta por voluntários, era chefiada pelo comandante Azevedo.

Pouco depois chegaram ao local o capitão-de-fragata Conceição Silva e o capitão-tenente Daniel Rodrigues. Cordiais para com a Imprensa, não entraram, porém, em pormenores.

Entretanto, segundo informações não confirmadas, afirmava-se no local que as instalações da D.G.S. seriam tomadas ao romper da manhã, somente depois de esgotadas todas as tentativas de negociação.

Destacamentos de Santarém nas imediações da D. G. S.

ENTRETANTO cerca das 6 horas da manhã, entre a Rua Vítor Cordon e a Calçada do Ferregial foram detidos e desarmados dois agentes da D. G. S. Segundo declararam aos oficiais que procederam à sua detenção, «tinham ido a Cascais visitar a família». Eram portadores de balas, de triângulos perfurantes e de pistolas «Walters-75».

Por outro lado, à zona circundante da sede da Direcção-Geral de Segurança, na Rua António Maria Cardoso chegou cerca das 5 e 30 um destacamento motorizado da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém, com armamento pesado, nomeadamente com três carros de combate «Panhard».

Já muito povo se aglomerava naquela área e notava-se um clima de excitação.

Até às 9 horas sabia-se que tinham sido detidos 16 agentes da D. G. S.

No Porto

ENTRETANTO, em volta do edifício da D. G. S., no Largo de Soares dos Reis, mantém-se a única presença viva das Forças Armadas, com uma alteração introduzida pela substituição das tropas do R. A. P. 2, que ali tinham ficado toda a noite, por soldados da Polícia Militar.

— A situação nada tem de anormal. Apenas exercemos vigilância ao edifício e aos indivíduos que estão no seu interior, como medida de segurança para a integridade física destes — disse-nos o capitão que assegurava as transmissões entre a coluna para ali destacada e o Quartel General, acrescentando:

— Mais uma vez aproveito para pedir à população que corresponda aos nossos apelos e retome a sua vida de todos os dias, sem procurar meter-se nas operações. Se conseguirmos sair vitoriosos foi precisamente devido ao facto de termos agido com a maior determinação. De nada adianta pretenderem fazer justiça por mãos próprias.

Efectivamente, nas imediações daquela corporação policial uma pequena multidão aglomerava-se nos passeios

Peniche

Entretanto ontem, forças militares auto-transportadas, vindas da Figueira da Foz cercaram o forte de Peniche com cerca de 30 viaturas, contendo armas.

A operação efectuou-se sem que qualquer reacção tenha sido esboçada e os presos políticos vão ser libertados.

Rendição da D. G. S. começa no Sindicato dos Jornalistas

Vão-se, entretanto, conhecendo mais pormenores da sequência da rendição da polícia política portuguesa. Há conhecimento de que, ontem à noite, a direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas terá oferecido a sede do organismo, que fica nas traseiras do edifício da D. G. S. Com efeito, as Forças Armadas ocuparam as instalações do Sindicato, na Rua Duques de Bragança. Aí um graduado do Exército parlamentou com um inspector da D. G. S., que deu a conhecer que a D. G. S. não tencionava oferecer resistência.

Às 8 e 25, o comandante de um dos sectores de ocupação da cidade, o major de Cavalaria Campos Andrade, comandou as forças que se internaram no gigantesco prédio da D. G. S. Os arquivos terão sido apanhados intactos.

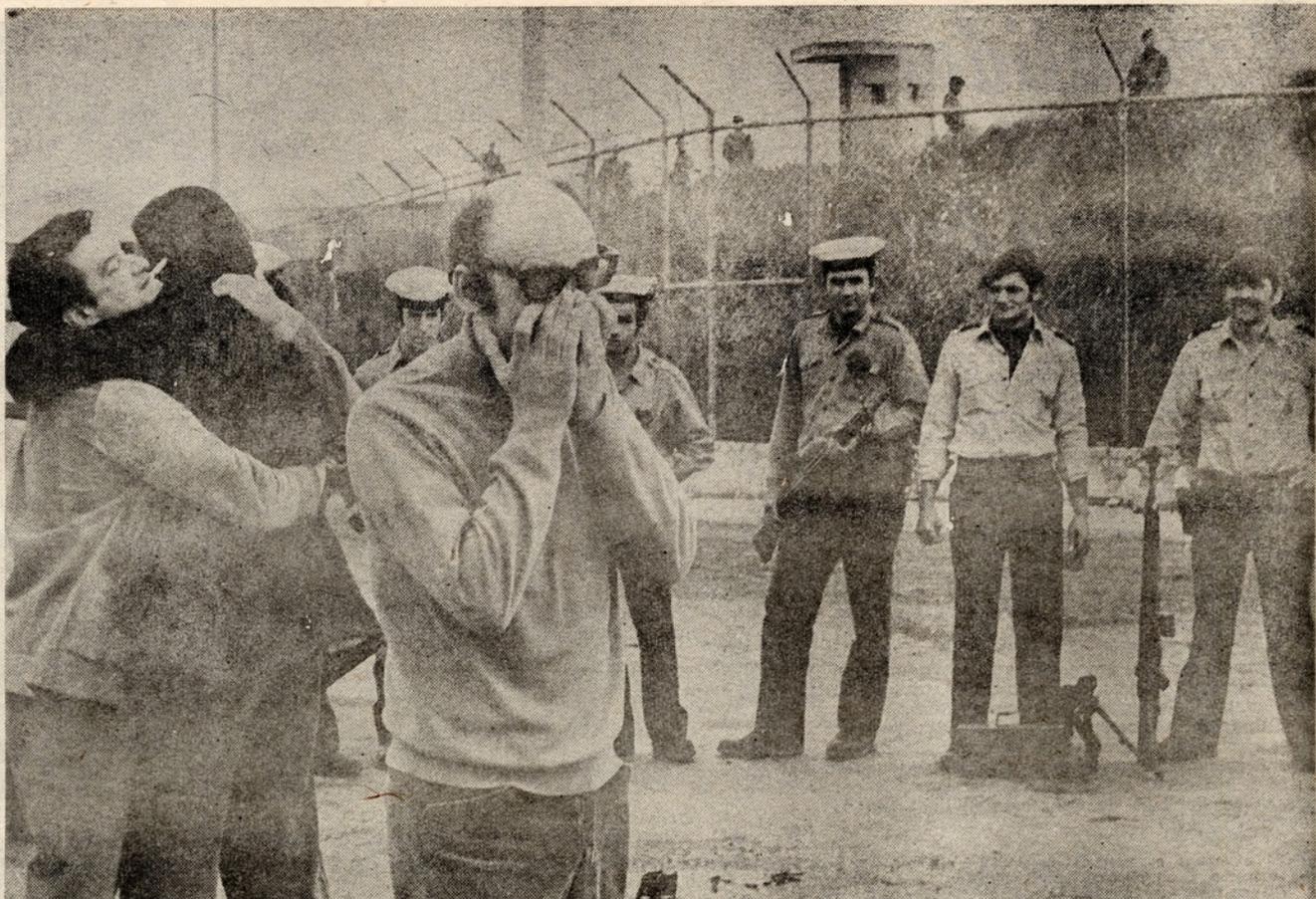
Um jornalista de «A Capital» perguntou ao major Campos Andrade se os funcionários da D. G. S. iriam ser responsabilizados pelas descargas feitas sobre a população com as trágicas consequências que noutro local relatamos.

Respondeu-nos aquele oficial do Exército português que, evidentemente, serão tomadas as disposições adequadas.

Sabe-se que no interior da sede da António Maria Cardoso os agentes foram desarmados e fechados em salas.

À hora em que encerramos esta edição, com o auxílio de ex-presos políticos, se procede à detecção das faladas salas de tortura, subterrâneos, etc.

Movimento consolida posição em Caxias

Cerca das 10 e 30, os funcionários da D. G. S. em serviço na penitenciária política de Caxias foram encerrados pelos militares na ala sul, antes utilizada para interrogatórios. Foi evitada a destruição dos arquivos e encontrado armamento.

O nosso camarada de Imprensa Mário Ventura Henriques chora, comovido, no pátio da prisão de Caxias, após se ter registado a intervenção dos militares do Movimento

TRANSPORTES COLECTIVOS SEM ALTERAÇÕES EM LISBOA

MILITARES, jipes, algumas montras partidas e movimento de automóveis e peões um tanto reduzido são os indícios aparentes da agitação que Lisboa viveu durante o dia de ontem. A volta à normalidade, entretanto, é garantida por alguns serviços, como, por exemplo, a Carris, que, segundo um fiscal, iniciou as suas actividades às 6 e 30, e com tódas as carreiras em funcionamento, com excepção, logicamente, daquelas que passam por locais onde o trânsito ainda é proibido. O pessoal (cobradores e motoristas) compareceu em massa. O Metro e os eléctricos também estão em funcionamento. A estação de Metro S. Sebastião da Pedreira, que ontem esteve encerrada, abriu hoje, inclusive com saída para o lado do Quartel-General.

Na Estação do Rossio informaram-nos de que o movimento está normalizado, não havendo alteração nos horários dos comboios. Às 7 e 40 o comboio vindo de Sintra chegou a abarrotar de passageiros apressados em busca das portas de saída. Entretanto, militares e uma viatura do Exército impediam, na Calçada do Carmo, o acesso àquela área, tanto a veículos como a peões, dado que a D. G. S. ainda não se rendera. Também na Rua Garrett não entra nem sai ninguém. Os residentes naquela área necessitam identificar-se e vão até às suas moradas acompanhados por algum militar. O acesso ao Chiado e Camões é feito através da Rua Nova do Almada e escadinhas da Calçada Nova de S. Francisco.

Na Rua Garrett, segundo informações de um segundo-sargento, o comércio deverá permanecer fechado até a situação voltar à completa normalidade na área.

Na Estação do Cais do Sodré, antes das 8 horas da manhã havia concentração de autocarros e outros transportes públicos. O chefe da estação informou-nos de que está a ser cumprido o horário sem a mínima alteração, embora o movimento de passageiros estivesse reduzido a cerca de 50 por cento. O pessoal da estação compareceu em massa.

C. T. T. põem correspondência em dia

A distribuição diária de correspondência dos CTT não se efectuou ontem, devido à interdição do acesso ao Terreiro do Paço. Porém, hoje, às 5 e 30, os funcionários da distribuição já se encontravam na central de expedição. Segundo um responsável por aquele sector, a aglomeração da correspondência não é muita, porque houve menos depósito de cartas ontem, o que não trará transtornos ao serviço, que deve ser regularizado ainda hoje.

Na Baixa, «almeidas» varriam as ruas e os funcionários bancários concentravam-se junto dos estabelecimentos, de jornal na mão. O movimento era reduzidíssimo, embora muitos bares e cafés tivessem as portas abertas.

Escolas abertas e fechadas

A informação transmitida hoje de manhã pelo Movimento das Forças Armadas de que a situação se encontra perfeitamente normalizada, podendo a população retomar as suas actividades habituais, levou aos estabelecimentos de ensino professores e alunos. Assim, no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, na Rua Rodrigo da Fonseca, às 8 e 30 algumas professoras, à porta, recebiam as alunas e respondiam aos pedidos de informação dos pais.

Embora a reitora do estabelecimento ainda não estivesse presente àquela hora, as professoras garantiam o funcionamento normal das aulas. As alunas que chegavam, em geral, acompanhadas pelos pais, permaneceram no estabelecimento. Já no colégio de freiras da Rua Artilharia 1, Externato do Parque, as aulas foram suspensas, sendo os professores informados da decisão. A atitude foi tomada ontem devido a dificuldades em garantir o transporte das crianças nas viaturas do colégio.

Sobrecarga nos telefones

O excesso de procura dos serviços telefónicos provocou uma sobrecarga enorme na rede de Lisboa e, consequentemente, o aparecimento de linhas cruzadas. Segundo as relações públicas dos T. L. P., esta solicitação causou dificuldades em alguns bairros da cidade, nomeadamente nas zonas do Campo Pequeno e Trindade.

— Embora o problema em grande parte se tenha resolvido por si mesmo — disse-nos uma informadora dos T. L. P. — muitos telefones tiveram pequenas avarias e linhas presas, pelo que já estão a receber assistência por parte dos serviços. Por outro lado a informação de que tinham sido cortadas, alternadamente, as comunicações entre bairros, para não colocar em risco a parte eléctrica devido a sobrecarga, não tem fundamento.

A central telefónica dos T. L. P., na Trindade, está a funcionar apenas com metade do pessoal, devido à dificuldade de acesso àquela área. Por este motivo, grande parte dos serviços prestados através do número 13, 18 e 113, recepção de números mudados e trocas regionais feitas pelas cabinas telefónicas poderão ter dificuldades em satisfazer todos os utentes que deles necessitem — segundo informação da mesma porta-voz.

Reabrem salas de espectáculos

NORMALIZADA a situação, as salas de espectáculos de Lisboa reabrem esta tarde ao público. Por motivo de precaução, para proteger os espectadores e também o próprio pessoal de serviço, a União de Grémios dos Espectáculos havia dirigido um apelo às empresas suas associadas, no sentido de não promoverem ontem as habituais sessões de cinema e de teatro. Foi absoluta a adesão à iniciativa do organismo representativo.

Normalidade regressa às ruas do Porto

A meio da manhã de hoje, tanto no Porto como nas cidades principais do Norte do País, a situação voltava mais rapidamente do que se previra à normalidade. Na capital do Norte, desde as 7 horas que o movimento nas ruas se processa como habitualmente, com o único senão da ausência de elementos da P.S.P. no costumado patrulhamento. Somente as mulheres-polícias tomaram os seus lugares nos parques de estacionamento, enquanto à volta do edifício do comando da corporação e próximo da 1.ª Esquadra da P.S.P. se aglomeram os efectivos, aguardando ordens de, também eles, retomarem a sua actividade normal.

A confirmar a normalidade da situação, esta manhã o Quartel-General do Porto ordenou o levantamento da prevenção geral em toda a sua área. No edifício do Comando da Região Militar voltaram a abrir-se as portas e a haver sentinelas nas guaritas do exterior.

Cerca das 9 e 30 via-se à porta de armas um dos «oficiais de dia», de braçadeira vermelha, enquanto, no portão das traseiras, um outro oficial, também de serviço, procedia igualmente à sua abertura.

Entretanto, o encerramento dos estabelecimentos bancários e do movimento no aeroporto de Pedras Rubras são os únicos aspectos anormais na actividade da cidade. O aeroporto continua guardado por forças do Batalhão de Caçadores 9, de Viana do Castelo.

(Telefoto «A Capital»)

Na Av. dos Aliados, no Porto, a multidão explode em aclamações, no momento em que foi anunciada a rendição de alguns membros do Governo

COM a mesma expectativa com que já ao princípio da madrugada as populações do Pôrto e do Norte do País haviam recolhido a suas casas, obedecendo assim às instruções transmitidas pelo Movimento das Forças Armadas, também esta manhã gente de todas as idades e condições sociais se detinha ao longo das ruas e avenidas, a inteirar-se e comentando os últimos acontecimentos, desencadeados pelo golpe militar.

Nem todas as pessoas voltaram hoje aos seus locais de trabalho ou compareceram nas salas de aula.

O triunfante Movimento das Forças Armadas controla inteiramente a situação no Norte do País, onde não se verificava já esta manhã qualquer resistência.

Coronel Esmeriz comanda Norte

AO princípio da madrugada de hoje contactámos o Quartel-General do Porto, onde na manhã de ontem, tropas dos «comandos» de Lamego fizeram prisioneiros o 1.º e 2.º comandantes da Região Militar, respectivamente, general Martins Soares e brigadeiro Oliveira Barreto.

Estabelecida ligação, o major Curvacho, um dos oficiais do movimento vitorioso, disse-nos:

— As Forças Armadas dominam completamente a situação no Norte do País. A colaboração e o apoio das populações têm sido impressionantes. Elas, tanto como nós, compreendem perfeitamente o alcance das medidas agora tomadas. Não houve qualquer resistência. Todo um plano de acção, que um grupo de oficiais nortenhos havia planificado para esta Região, está a ser rigorosamente cumprido. Foi uma grande vitória e posso dizer que na zona desta Região Militar aderiram ao Movimento mais de 90 por cento das tropas.

E adiantou, a uma pergunta nossa:

— O comando desta Região Militar foi confiado pela Junta de Salvação Nacional ao coronel Esmeriz, que era comandante do Regimento de Infantaria nesta cidade.

«No Porto — acrescentou — intervieram o Regimento de Infantaria: C. I. C. A. 1; Transmissões, Cavalaria e ainda o Regimento de Artilharia Pesada. Também aqui exerceram acção directa os comandos de Lamego e o Batalhão de Caçadores 9 de Viana do Castelo, que tomou posições no Aeroporto de Pedras Rubras, assim como na entrada norte da cidade. E quanto aos ex-comandantes da Região Militar posso somente dizer que foram destituídos. No que se refere à P. S. P., obedeceu às instruções recebidas do seu comando-geral, que entretanto já aderiu.

Fronteira controlada

NA fronteira de Valença do Minho as entradas e saídas decorriam com normalidade e não se vislumbrava ali movimentos de tropas.

A esse respeito, ainda de madrugada, o major Curvacho, disse-nos que «desde o primeiro momento a fronteira é controlada como não podia deixar de ser, no entanto esse controlo é feito à distância, incidindo mais sobre os eixos rodoviários».

Aeroporto ocupado

TENDO na manhã de ontem, cerca das 7 horas, tomado posição no Aeroporto de Pedras Rubras uma companhia do Batalhão de Caçadores 9, de Viana do Castelo (140 homens) isolando-o do tráfego e controlando minuciosamente todos quantos justificavam a necessidade de se dirigirem às imediações, elementos daquela unidade voltaram hoje a exercer rigorosa fiscalização nos acessos à cidade, junto da estrada da via norte, mandando parar, revistando e, em certos casos, exigindo a identificação dos condutores dos respectivos veículos.

Entretanto, também, ontem os estúdios do Rádio Clube Português, em Miramar, foram ocupados por tropas do Regimento de Artilharia Pesada, aquartelada na serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia.

Entretanto, colunas militares patrulhavam a Ponte da Arrábida, e a norte da mesma encontravam-se algumas viaturas de transporte de tropas, assim como um carro de transmissões.

Energia do Rádio Clube

— NÃO prendemos nenhum civil — foi a resposta que obtivemos do Quartel-General do Porto, quando ali procurámos saber algo sobre os boatos que circulavam e diziam que já a meio da tarde havia sido preso um responsável da Chenop (Companhia Hidroeléctrica do Norte de Portugal).

Soubemos, entretanto, que foi por ordem do eng.º Manuel Vieira, da mesma empresa, que cerca das 10 horas foi cortada a corrente eléctrica aos Estúdios do Rádio Clube Português, em Miramar, impedindo assim que a população nortenha fosse tomando contacto com a evolução dos acontecimentos. Só a meio da tarde, graças à acção das tropas, é que a ligação foi estabelecida, verificando-se a partir daí emissões de comunicados, precisamente num momento em que a agitação reinava no centro da cidade com recontros entre manifestantes que apoiavam o Movimento das Forças Armadas e a P. S. P.

Um pouco mais tarde, a emissão daquela estação de rádio era unificada, ficando então o Porto e toda a região nortenha a par da evolução dos acontecimentos.

Comandos protegem civis

RECONTROS entre a população e forças da P.S.P. — que então não haviam ainda aderido ao movimento — mancharam a Baixa portuense de sangue ao fim da tarde de ontem, obrigando mesmo a energética intervenção de comandos militares que casualmente passavam pelo local dos incidentes.

Eram 16 e 30 quando um grupo de jovens iniciou uma manifestação de apreço pela intervenção das Forças Armadas, em plena Praça da Liberdade. Enquanto a multidão dava vivas e aplaudia, três jovens subiram para a estátua de D. Pedro IV e improvisaram uma reunião, que, a pouco e pouco, foi concentrando no local uma multidão de várias centenas de pessoas.

Na altura, foram lançados para o ar panfletos que continham a declaração final do III Congresso da Oposição Democrática realizado no ano passado em Aveiro.

Foi então que as forças da P.S.P., empunhando bastões, carregaram sobre a população. De imediato gerou-se uma corrida desordenada pela Avenida dos Aliados em direcção à Câmara Municipal. Aos poucos, tudo parecia serenar, quando um grupo de jovens, unindo-se, de pedras na mão, começou a atacar a Polícia, que acabou por procurar refúgio. Uma nova força policial apareceu dos lados da Praça Almeida Garrett, sendo igualmente obrigada a retroceder.

Voltou a P.S.P. à carga, encurralando alguns dos civis na Praça Filipa de Lencastre. Nessa altura chegavam um jipe e dois «Unimogs» dos comandos, que soube-se depois, teriam a finalidade de tomar conta da Central Telefónica da Picaria.

Imediatamente as forças militares, que eram comandadas por um capitão, saltaram dos seus veículos, correndo a proteger a população e obrigando a P.S.P. a dispersar.

Oficial agradece

OS militares ligados ao movimento ficaram impressionados com a manifestação de apoio que cerca de um milhar de pessoas por volta das 20 horas, e após terem tomado conhecimento da rendição do Quartel do Carmo em Lisboa, levaram a efeito, espontaneamente, em frente do Quartel-General do Porto. O coronel Passos Esmeriz, surgiu à varanda e ergueu os dedos em «V», e centenas de vozes entoaram o Hino Nacional. Aquele oficial, que entretanto seria nomeado pela Junta de Salvação Nacional, comandante da Região Militar do Porto, proferiu algumas palavras, nomeadamente:

— Agradecemos profundamente o vosso apoio e adesão. Apelamos para o vosso civismo, no sentido de que continueis a acatar as ordens das forças militares. Transmitirei à Junta este vosso gesto e digo-vos que podem contar com as Forças Armadas, pois elas estão ao vosso lado. Foi precisamente pensando em vós que nós tomámos a decisão que se acaba de verificar. Agora, peço-vos que retireis para vossas casas pacatamente.

Entusiásticas manifestações

AS manifestações mais entusiásticas, e que decorreram com o maior civismo de toda a população, decorreram, porém, ao fim da noite e princípio da madrugada.

Depois de, cerca das 21 horas, cumprindo as determinações do Movimento, terem recolhido a casa, os portuenses voltaram às ruas aos milhares depois das 22 horas, manifestando-se ruidosa e ordeiramente em concentração na Avenida dos Aliados.

Nessa altura, nem um único elemento da P. S. P. se via nas artérias portuenses, que, à excepção da Baixa, continuaram na sua pacatez. Ali, no entanto, uma espécie de S. João espontâneo e antecipado surgiu...

«Vitória! Vitória!» — foram os gritos espontâneos que se ouviram quando quatro viaturas com tropas da Polícia Militar e do Regimento de Artilharia Pesada 2 desceram e subiram a Avenida dos Aliados. Correrias, abraços, gente que lança casacos e camisolas ao ar, que corre ao lado das viaturas militares e até chega a dependurar-se nelas, soltando vivas aos autores do Movimento vitorioso.

Medidas preventivas

VÁRIAS medidas preventivas foram tomadas durante todo o dia de ontem, e algumas delas prosseguem esta manhã, na cidade do Porto e suas confluências.

Assim, nos hospitais e casas de saúde os médicos e enfermeiras mantiveram-se de prevenção, só sendo aliviado o seu número, já ao princípio da madrugada de hoje.

O facto de só muito tardiamente, em relação a Lisboa, a população portuense ter tomado conhecimento do êxito progressivo do golpe de Estado, levou a que apenas a meio da tarde começassem a fechar os primeiros estabelecimentos comerciais. Entretanto, já por volta das 10 horas tinham fechado as suas portas todos os estabelecimentos bancários.

Com o cair da noite, e o conhecimento mais exacto da situação, as ruas foram-se despovoando, com o recolher a casa de pessoas que habitualmente vão até aos cafés, aos cinemas ou a outros locais de convívio. Todos estes encerraram as portas, correspondendo ao pedido do Movimento das Forças Armadas.

Dos vários estabelecimentos de ensino da cidade os alunos foram regressando a casa, à medida que o tempo passava e a situação se ia esclarecendo.

O mesmo não sucedeu nos tribunais do Porto, quer cíveis, criminais ou do trabalho, que funcionaram embora com movimento muito reduzido e sem se realizarem julgamentos de processos cíveis. Por seu turno, também o Tribunal de Polícia funcionou, embora tivesse sido impedida a entrada de público.

Governadores civis em Lisboa

A meio da tarde de ontem, ao ter conhecimento do evoluir dos acontecimentos, o governador civil do Porto, conselheiro Valente Leal, há dias empossado pelo então titular da pasta do Interior, dr. César Moreira Baptista, partiu para Lisboa.

Em Viana do Castelo e Braga dizem-nos que os respectivos chefes do distrito teriam tomado igual decisão. Porém, não conseguimos obter confirmação oficial sobre o assunto.

Primeira proclamação foi lida no Porto

CALMA e serenidade reinavam nos estúdios da R. T. P. do Porto, esta manhã. O mesmo, aliás, sucedia no Rádio Clube Português e na Emissora Nacional. Elementos do Exército ocupavam posições nos respectivos estúdios.

Contactada a primeira daquelas estações, foi o tenente que ali comanda as forças do Movimento quem, demonstrando grande satisfação, nos afirmou:

— Aqui não há o menor problema. Todos nós estamos obedientes à Junta Militar. Estamos satisfeitos. Ao contrário do que se tem afirmado, não foi em Lisboa, mas sim aqui, nestes estúdios do Porto, que foi transmitido o primeiro comunicado televisivo. Foram as gentes do Norte que tiveram essa honra!

Movimento Democrático do Porto

O Movimento Democrático do Porto distribuiu um comunicado à população, no qual afirma, nomeadamente, que as soluções para os problemas cruciais do País têm de ser encontradas de acordo com as posições políticas definidas no 3.º Congresso da Oposição Democrática: restabelecimento das liberdades políticas; direito de reunião, de associação, de manifestação e de livre expressão do pensamento; direito à greve; supressão de todos os instrumentos de repressão política; libertação de todos os presos políticos e regresso dos exilados; fim da guerra no Ultramar; regresso dos nossos soldados; fim da submissão ao Imperialismo e ao poder dos monopólios nacionais e estrangeiros; aumento dos salários e combate ao incessante aumento do custo de vida.

PAÍS TRANQUILO ACOMPANHA MOVIMENTO

PRATICAMENTE em todo o País a população, embora em ambiente de grande expectativa, manteve-se calma, acompanhando as emissões de rádio e de televisão, para ficar informada da sequência dos acontecimentos e dos comunicados difundidos pelo comando do Movimento das Forças Armadas.

Na cidade de VISEU reinou a ordem. Muitos estabelecimentos, designadamente as organizações bancárias, encerraram as suas portas, obedecendo a ordens recebidas. As escolas funcionaram normalmente, embora se tivesse registado certa agitação entre os alunos do liceu nacional.

O coronel Azevedo, que há dois dias tomara posse do comando do Regimento de Infantaria 14, não ficou autorizado a entrar na unidade. Foram, também, suspensas as inspecções militares que estavam a decorrer no Distrito de Recrutamento.

Em SANTARÉM a população da cidade também se manteve calma, sendo reduzido o movimento nas ruas. De tarde, o comércio encerrou as portas. A estação emissora local, Rádio Ribatejo, transmitiu programação normal e, ao fim da tarde difundiu um comunicado do Movimento das Forças Armadas

A vida na cidade de LEIRIA processou-se serenamente, embora as unidades militares se encontrassem de prevenção rigorosa. A P.S.P. não interveio e os seus elementos ficaram retidos no respectivo comando. Apenas os sinaleiros se encontravam nas ruas, para orientar o trânsito. Os bancos encerraram a partir das 11 horas.

Em ÉVORA também o ambiente era de tranquilidade, muito embora as forças militares aquarteladas na cidade se encontrassem de prevenção rigorosa. Organismos oficiais e estabelecimentos comerciais funcionaram como habitualmente. A população manteve-se calma, embora se registasse nervosa procura de géneros alimentícios e o pão se tivesse, praticamente, esgotado.

Na FIGUEIRA DA FOZ, a vida, ontem, pode ter-se considerado normal, encontrando-se, porém, encerrados desde a madrugada, os quartéis do C.I.C.A. 2 e do R.A.P. 3.

A população de Braga, por sua vez, interrogava-se sobre a importância e os pormenores dos acontecimentos. Bancos e grandes empresas comerciais e industriais encerraram as portas. O Regimento de Infantaria 8, a P.S.P. e a G.N.R. encontravam-se de prevenção rigorosa.

Praticamente, só a partir das primeiras comunicações transmitidas de manhã pelo R.C.P. se soube, em COIMBRA do movimento que eclodira em Lisboa.

Mas a cidade manteve-se calma: os elementos militares recolheram às suas unidades, bem como elementos da P.S.P., não se registando qualquer incidente. Na FIGUEIRA DA FOZ já se verificou movimento de tropas com destino a Lisboa.

Embora em clima de ansiedade, o dia de ontem, em SETÚBAL, decorreu com normalidade. O Quartel de Infantaria L.L. 11, foi encerrado às primeiras horas da madrugada. Nas ruas, eram numerosos os populares com rádios portáteis, para poderem acompanhar a evolução dos acontecimentos.

Em FARO, o movimento registado em Lisboa promoveu grande número de chamadas telefónicas, mas a cidade passou, porém, um dia calmo.

As guarnições militares, nomeadamente o Regimento de Infantaria 4, o Centro de Instrução de Sargentos Milicianos e o Centro de Instrução e Condução-Auto, em LAGOS, encontravam-se de prevenção rigorosa.

O aeroporto de FARO, como ontem referimos, e a exemplo do que aconteceu com os restantes aeroportos do País, manteve-se encerrado. Apenas aterrou um avião vindo de Luanda e que se dirigia para Lisboa. Necessariamente, o movimento turístico que devia desenrolar-se ontem com 15 voos foi manifestamente afectado. Outros, porém, viram as suas férias no Algarve ampliadas em face da dificuldade de ligações. Outros ainda foram tomar os aviões a Sevilha, de onde seguiram para os seus destinos. Organizações bancárias e estabelecimentos comerciais encerraram as portas. O Emissor Regional do Sul funcionou normalmente, o mesmo acontecendo com o tráfego rodoviário.

— A nossa preocupação dominante foi a de realizar o movimento com a maior eficiência, mas, também com a máxima discrição, de maneira a evitar pânicos escusados estas as palavras do tenente que ontem, à tarde, chefiava a patrulha encarregada de velar pela segurança dos cidadãos em MAFRA, onde se situa o quartel da E.P.J. A vida correu calma na vila, não se registando qualquer incidente, quer no aquartelamento quer nas artérias. Sobre as acções militares informou-nos ainda aquele porta-voz:

— Tomámos conta de locais estratégicos e até essa tarefa foi realizada com a maior facilidade, pois não deparámos com resistência de espécie nenhuma. Aqui junto ao posto da G.N.R., onde apenas estacionam dez indivíduos, esperámos pelas 6 horas, porque não achámos necessidade de tentar qualquer intervenção mais cedo. Aliás, a guarnição estava já avisada dos nossos propósitos, por um telefonema, e por volta das 6 horas abriu-nos as portas.

As restantes patrulhas militares encontravam-se situadas junto dos Serviços Municipalizados de Gás e Eléctricidade, de modo a manter o abastecimento a toda a vila e, sobretudo, ao quartel, junto ao edifício dos C.T.T. e à porta da agência bancária do largo principal. Nos arredores de Mafra, vigiando totalmente todos os acessos à cidade, encontravam-se colunas militares que nunca chegaram sequer a ser incomodadas.

Na PÓVOA DE VARZIM segundo informação da P.S.P. local, quase se não sentiu o movimento. «A rotina imperou», disseram-nos dali, referindo que apenas os estabelecimentos bancários fecharam as portas após o almoço.

Em PENAFIEL, embora de prevenção, o regimento de Artilharia Ligeira n.º 5 não registou movimento anormal de tropas. Estas passeavam pelas ruas sem necessidade de interceptarem a população. O liceu local esteve aberto todo o dia, mas a Escola Industrial fechou as portas, assim como a G.N.R. a meio da tarde.

A cidade de CHAVES teve cinema em funcionamento ontem à noite, com bastante afluência de público, que mesmo assim não deixou de comentar o golpe de Estado Quanto ao Batalhão de Caçadores 10, só encerrou as suas portas durante a tarde, mas sem nunca entrar de prevenção rigorosa. Esse pormenor diz tudo quanto à acalmia da situação. Os bancos fecharam depois de almoço, mas o comércio manteve-se aberto.

Calma e expectativa dominavam ontem à noite a vida em VILA REAL. O Regimento de Infantaria 13, ao que nos informaram, esteve todo o dia de portões abertos, embora de prevenção no interior. Só a P.S.P. esteve de prevenção rigorosa. Na capital trasmontana não se registaram quaisquer incidentes durante todo o dia, embora, como em quase todas as restantes localidades, os estabelecimentos bancários tenham fechado, cerca das 11 horas da manhã.

Em VIANA DO CASTELO a rotina só foi perturbada pelo fecho das casas bancárias, com excepção do Banco de Portugal. Unidades militares e militarizadas mantiveram os seus dispositivos habituais, o comércio e indústria continuaram em laboração, com um rendimento normal de trabalho, e a população manteve sempre a calma e serenidade.

Para além dos movimentos de tropas do C.I.O.E. a vida em LAMEGO decorreu normalmente. As tropas continuaram mesmo a sua instrução, e até os bancos se mantiveram abertos, à semelhança de escolas e estabelecimentos comerciais.

Na vila de PAÇOS DE FERREIRA onde se localiza uma base da Força Aérea, as tropas percorreram tranquilamente as ruas, embora escolas e estabelecimentos bancários tenham encerrado depois do almoço. No entanto, o comércio esteve sempre aberto.

Não obstante, a curiosidade da população, que sabia da intervenção activa de elementos de outras unidades, traduziu-se em pequenas aglomerações de pessoas, sempre à espera de ouvirem as últimas notícias.

Os cadetes da Escola Prática de Infantaria, em Mafra, acenam, alegremente das janelas do quartel

Comunicado do Movimento C.D.E. de Lisboa

O movimento C. D. E. de Lisboa distribuiu esta tarde o seguinte comunicado:

Ao povo português. Saudamos o Movimento das Forças Armadas. Saudamos todos os militares que pela sua acção valente derrubaram a ditadura de Salazar e Marcello Caetano. Pela sua iniciativa contribuíram decididamente para pôr termo ao regime que há quase cinquenta anos oprimia o povo português.

O REGIME SALAZARISTA ESTÁ MORTO

Foi graças à luta heróica do povo português, que deu milhares de vidas à luta pela liberdade, que o actual movimento se tornou possível e pôde alcançar esta vitória. Ao povo português abrem-se largas perspectivas para o imediato exercício ou conquista: das liberdades democráticas (de expressão, de reunião, de manifestação, de associação, de constituição de partidos políticos); das liberdades sindicais e do direito à greve; da paz, pondo-se termo à guerra colonial; do direito à melhoria das condições de vida, contra a subida dos preços; de um Governo democrático efectivamente representativo da vontade do País, resultante da realização nos próximos meses de eleições livres para uma Assembleia Nacional Constituinte.

Para alcançar tais objectivos é imperativo: — a unidade na acção de todas as correntes democráticas e populares; o imediato e crescente exercício de todas essas liberdades; a unidade, organização e mobilização do povo português em torno de todos os objectivos populares e democráticos.

Saudamos o povo português neste momento histórico que abre a via para a conquista dos amplos direitos cívicos e sociais que terão a sua máxima expressão numa sociedade socialista.

A hora é de festa, de acção, de luta e de amplas conquistas, pelo progresso de Portugal! Manifestemos e exprimamos por todas as formas, nas ruas, a nossa alegria por esta primeira grande vitória. O caminho da liberdade é hoje o caminho da rua; juntemo-nos nas fábricas, nas escolas, nos escritórios, nas repartições públicas, nos sindicatos, nas colectividades e nos bairros, por toda a parte: para nos mantermos informados, para discutir e para encontrar as orientações para o movimento democrático e para a solução dos nossos problemas; utilizemos com audácia e serenidade os locais que nos pertencem; exerçamos os nossos direitos. Organizemo-nos! Pela liberdade! Pela imediata libertação dos presos políticos e regresso dos exilados! Pela Paz! Pela dignidade e direitos dos trabalhadores! Pela unidade democrática! Viva Portugal livre!

PORTUGUESES EM FRANÇA APOIAM MOVIMENTO

PARIS, 26 (F.P.) — Certo número de individualidades portuguesas residentes em França publicaram ontem um comunicado «saudando a acção corajosa do Movimento das Forças Armadas». O «derrubamento do Governo ditatorial pode abrir o caminho à conquista da liberdade, da paz e do pão, sob a condição da oposição democrática unida e o povo português conseguirem, desde já, fazer ouvir e aceitar as suas reivindicações fundamentais» — declara o comunicado.

Reclamam os signatários «a libertação imediata de todos os presos e detidos políticos e militares, a abolição da censura, das leis e tribunais de excepção, a dissolução da polícia política, bem como da abertura de negociações imediates com os movimentos de libertação de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Os signatários: Joaquim Barradas de Carvalho (historiador), encarregado de investigações no Centro Científico C.N.R.S.; Vítor de Carvalho, informático; Celestino de Castro, arquitecto; Silas Cerqueira, José Dias, sociólogos; Virgílio Fernandes, economista; prof. Vasco Magalhães-Vilhena, doutor em Letras; António Marques dos Santos, funcionário internacional; dr.ª Maria Helena Neves, socióloga (assistente do I. R. F. E. D.); dr. Mário Pádua, médico biologista; dr. Palma Féria, Tomás Rato, comerciante; dr. Carlos Plácido de Sousa, médico biologista; V. Sousa, antigo oficial do Exército Português.

ANGOLA ESPERA INFORMAÇÃO OFICIAL

LUANDA, 26 (Do nosso correspondente) — A população da pital angolana seguiu atentamente através da rádio os acontecimentos de Lisboa. As emissoras instaladas no Estado e as metropolitanas eram sintonizadas com frequência, mantendo-se a calma em toda a cidade.

Entretanto, ontem, cerca das 20 e 30 o governador-geral de Angola, eng.º Santos e Castro fez distribuir um comunicado do seguinte teor:

«O Governo-Geral comunica que não foi recebida qualquer informação oficial sobre os acontecimentos hoje registados em Lisboa. Notícias de origem diversa dão entretanto indicação de que terá triunfado um movimento militar, tendo o prof. Marcelo Caetano renunciado às suas funções de Presidente do Conselho de Ministros. Teria assumido o Poder uma Junta Militar cuja composição se desconhece completamente.

O governador-geral como é seu dever, procurará assegurar a completa normalidade da vida no Estado e recomenda a toda a população a maior tranquilidade e confiança.»

Ao fim da tarde a serenidade dominava Luanda onde as casas de espectáculos tiveram a habitual afluência de público e apenas quebrava a rotina as contínuas transmissões do comunicado do Governo-Geral acerca dos acontecimentos da Metrópole.

Moçambique

ENTRETANTO e segundo um telegrama distribuído pela agência Reuter e procedente de Joanesburgo, em Moçambique os acontecimentos da Metrópole eram atentamente seguidos através da rádio e na Beira e em Lourenço Marques, grupos de pessoas juntavam-se à volta dos receptores, escutando as emissões de noticiário de estações estrangeiras. Rádio Moçambique manteve-se silenciosa acerca dos acontecimentos.

A preocupação que fontes governamentais e civis deixaram antever não impediu, contudo, que os serviços públicos funcionassem normalmente.

Noutro telegrama da mesma agência dizia-se que as autoridades de Moçambique anunciaram que naquele Estado reinava a mais completa calma após o golpe militar de ontem.

Efectivamente num primeiro comentário ao Movimento das Forças Armadas, o gabinete de Imprensa do Governo de Moçambique distribuiu um comunicado em Lourenço Marques no qual se afirma:

«Reina a mais completa calma no Estado de Moçambique onde as autoridades militares e civis estão a assegurar a ordem e a estabilidade.»

Este comunicado foi distribuído em Joanesburgo pela South African Press Association que anteriormente anunciara que não tem havido reacção entre os 60 mil soldados brancos e africanos estacionados em Moçambique para combaterem as guerrilhas nacionalistas.

Na declaração que fez em relação ao Movimento o primeiro-ministro John Voster disse «que os acontecimentos em Portugal podem ter consequências tremendas para o seu país, acrescentando que seria prematuro fazer mais comentários». De qualquer modo o movimento militar em Lisboa parece ter relegado para segundo plano, nas notícias dos jornais e nos noticiários da Rádio, as eleições na África do Sul.

Por seu turno na Rodésia os próprios do Gabinete telefonaram para as agências noticiosas pedindo informações sobre os acontecimentos de Lisboa.

Moçambique: ponto-chave da Rodésia

«NÃO temos quaisquer pormenores e não sabemos que é que está por detrás do movimento» — declarou um informador militar português na cidade da Beira, contactado telefonicamente pela U. P. I., em Salisbúria.

O mesmo informador acrescentou que a situação naquela cidade moçambicana está normal e salientou que tanto as tropas como os comandos não tinham ainda conhecimento de quem são os dirigentes do Movimento das Forças Armadas em Lisboa.

Entretanto, o primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, declarou em entrevista à televisão, que a segurança de Moçambique era o ponto-chave do êxito da Rodésia na sua luta contra os terroristas africanos.

«Bomba» na África Austral

O levantamento militar em Portugal produziu o efeito duma «bomba» na África Austral, indica a agência France Press em telegrama de Paris.

Na África do Sul, a notícia da revolta militar em Portugal foi conhecida logo a seguir a uma eleição legislativa que confirmou no poder J. Vorster, mas que simultaneamente traduziu um reforço dos que são opostos ao princípio do «apartheid».

Na Rodésia, o Governo de Ian Smith segue igualmente com grande atenção os efeitos possíveis da revolta na situação em Moçambique.

«Europeização» de Portugal

A maior parte dos jornais matutinos de Paris dedicam largos comentários à situação em Portugal.

Segundo a France Press «L'Aurore» (direita radical) escreve que sem dúvida o «general Spínola julga que amputando o seu país dos longínquos territórios o fará sair do gueto internacional e do mesmo golpe, voltando as costas ao vasto largo. Ihe dará um grande lugar na Europa em construção, quer dizer a parte de prosperidade que muitos dos seus naturais foram buscar fora das suas fronteiras».

Para o «Fígaro» (direita moderada) «o general Spínola volta uma página da história do seu País. Tomando a chefia dos insurrectos, o herói nacional de ontem compromete a sua responsabilidade quanto ao futuro de Portugal». «Les Echos» (informações económicas) escreve pela sua parte: «O golpe de Estado parece ter-se feito menos por conta deste ou daquele partido da oposição, do que por uma empresa nacional de envergadura: o acesso à independência. Duma forma ou doutra, dos territórios portugueses da África. Os tempos parecem maduros de há muito tempo. A europeização de Portugal passa isso empurrava.»

«Le Quotidien de Paris» (independente esquerda): «Os oficiais e os soldados batendo-se na África não deixaram de tomar consciência da situação e, sobretudo, inquietaram-se com a ausência de toda a política governamental. Marcello Caetano parecia hesitar todos os dias entre o caminho do autoritarismo e do liberalismo.»

«L'Humanité» (comunista): «O inventário destes longos anos de ditadura é catastrófico. Quanto à miséria e ritmo de inflação Portugal bate todos os «records» da Europa. Cerca de um milhão de trabalhadores foram constrangidos a emigrar...» Quanto ao «Quotidien Rouge» (trotsquista): «Este golpe de Estado terá repercussões em toda a África Austral. Na África do Sul e na Rodésia, a notícia não deixará de inquietar estes dois Governos partidários da solução dura.»

«Amadurecimento do complexo de culpa»

OS primeiros jornais italianos da manhã comentam abundantemente o que se passou em Portugal, segundo um telegrama da France Presse datado de Roma.

«Il Messaggero» atribui o movimento ao «complexo de culpabilidade que amadureceu nos «capitães» e no seu general, uma consequência das experiências atrozes da guerra. «A mudança que interveio em Lisboa só pode agradar a Washington», acrescenta o jornal romano, pois os «Estados Unidos dificilmente podiam justificar o reforço de uma aliança com um País que se revelou ser o inimigo mais brutal dos países africanos».

«Il Lavoro» (de Génova), de tendência socialista, julga que os acontecimentos portugueses poderão consolidar a democracia na Itália como em muitos outros países europeus. «O vento que vem de Lisboa é um vento revolucionário, antifascista.»

Movimentos de libertação pessimistas

DE acordo com um telegrama da agência Reuter emitido de Lusaka, combatentes de movimentos de libertação nos territórios portugueses em África disseram que não acreditam que o golpe militar de Lisboa venha necessariamente a ajudar as suas causas.

O dr. Faustino Kambeu, secretário de Informação da Comissão para a Revolução em Moçambique (Coremo), comentou: «Até agora, a chefia em Moçambique continua nas mãos dos colonos brancos. Embora eles possam vir a necessitar de alguns africanos no seu gabinete, a verdade é que não nos podemos sentir muito optimistas a respeito da situação em geral.» A Coremo é um grupo separado, formado por membros dissidentes da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo).

Entretanto, não foi possível contactar com membros da Frelimo para se obterem comentários sobre o golpe de Lisboa. O dr. Kambeu disse que é difícil fazerem-se comentários sobre a situação em Portugal até que seja conhecido o programa político dos homens que realizaram o golpe, acrescentando: «Mas até agora, o modo dos colonos brancos em Moçambique é de que têm todas as pretensões a apoderar-se do Poder, afastando-nos a nós», diz a Reuter.

Comunicado da F. P. L. N.

«O levantamento das Forças Armadas, compreendido e aclamado pelo povo, pode abrir o caminho à participação do povo na construção de uma sociedade democrática e socialmente justa», salienta por outro lado um comunicado publicado ontem à noite em Argel pela Frente Patriótica de Libertação Nacional (movimento da Oposição revolucionária portuguesa no exílio), difundido daquela cidade pela France Presse.

O comunicado acentua ainda: «Portugal assistiu hoje a um acontecimento de alcance nacional, pois a queda do Governo fascista de Caetano é a primeira condição a cumprir para uma transformação da sociedade portuguesa segundo uma orientação democrática e popular.»

«O levantamento das Forças Armadas, cujo patriotismo e coragem cívica louvamos, deve agora dar uma resposta clara a certas exigências fundamentais», como seguem:

a) Libertação dos presos políticos e livre regresso dos exilados; b) fim para todas as formas de repressão; c) supressão da censura e da polícia política; d) O fim da guerra colonial e reconhecimento do direito dos povos africanos à autodeterminação e à independência.

«Viva a Liberdade», conclui o F. P. L. N.

Interesse na O. N. U.

A agência Reuter revela que os delegados das Nações Unidas seguem com grande interesse os acontecimentos em Portugal — há muito tempo alvo de várias resoluções a pedirem o termo da sua política africana e a concessão de independência aos povos em sujeição.

Não foi feito qualquer comentário por parte do embaixador de Portugal dr. António Patrício, irmão mais velho do dr. Rui Patrício, que era ministro dos Estrangeiros do Governo de Lisboa. Por outro lado, nenhum dos outros membros da missão portuguesa fez qualquer comentário ao levantamento militar em Portugal continental.

Diplomatas do Terceiro Mundo acolheram geralmente com manifestações favoráveis o levantamento militar, ao mesmo tempo que permanecem cautelosos a respeito dos futuros acontecimentos na África portuguesa.

Alguns diplomatas exprimiram receios de que os acontecimentos no Portugal metropolitano, longe de apressarem a independência de Angola e Moçambique sob um Governo de maioria negra, poderão pôr em movimento revoluções brancas do tipo rodesiano.

As Nações Unidas reconheceram já a reivindicação de independência de um território português em África, a Guiné-Bissau, que estabeleceu uma missão diplomática de observação em Nova York e de quem se espera a candidatura a membro total da O. N. U.

Emigrantes tranquilos

A notícia do golpe de Estado militar em Portugal foi acolhida, senão com indiferença, pelo menos com calma pelas comunidades portuguesas de Paris, diz a France Presse.

Um eclesiástico português que está constantemente em contacto com a população imigrada da região parisiense declarou na quinta-feira à noite: «Toda a gente esperava que sucedesse alguma coisa. Sabíamos que a situação estava tensa. Os portugueses jovens que trabalham em França são especialmente hostis à nossa presença em África. Também são contra a duração do serviço militar de quatro anos, quer seja feito nas nossas províncias do Ultramar ou na Metrópole. Acompanhamos, evidentemente, a situação com a maior atenção, mas sem angústia particular. Não somos «a priori» hostis aos homens que tomaram o Poder. Esperamos que autorizarão, nomeadamente, maior liberdade de expressão. «É o voto que muitos fazem aqui.»

Expectativa no Brasil

O Governo brasileiro adoptou uma atitude de «esperar para ver» perante o levantamento militar ocorrido ontem em Portugal, informa a agência Reuter em telegrama de Brasília. O porta-voz do Ministério dos Estrangeiros disse que o Governo de Brasília estava à espera de um comunicado oficial «das autoridades portuguesas no controlo da situação», antes de decidir qual o rumo da acção a seguir.

O porta-voz disse: «Esse comunicado será feito através da nossa embaixada em Lisboa e só então saberemos se a situação requer o reconhecimento de um novo Governo.»

Portugal e o Brasil — que foi governado pelos portugueses até 1822 — partilham uma linguagem comum e lavraram um acordo de nacionalidade dupla no âmbito do qual os súbditos de ambos os países têm automaticamente residência e direitos de trabalho nos dois territórios.

Círculos diplomáticos em Brasília dizem que qualquer novo Governo em Portugal terá de ter a seu cargo todo o país e jurar que respeitará os acordos internacionais existentes antes do Brasil poder reconhecer qualquer novo regime.

Entretanto, o embaixador de Portugal acreditado no Brasil, dr. José Hermano Saraiva, publicou uma declaração pela Rádio à numerosa comunidade lusitana no Brasil dizendo: «Estamos a viver um momento grave e crucial da nossa história. Peço aos portugueses que se mantenham calmos.»

O embaixador disse aos jornalistas estar crente que as relações entre o Brasil e Portugal não sofrerão com os acontecimentos ocorridos na metrópole portuguesa.

A opinião de Carlos Lacerda

UM telegrama da ANI, oriundo do Rio de Janeiro, indica que o antigo governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, disse hoje à UPI que os acontecimentos ocorridos em Portugal eram fáceis de prever por qualquer pessoa que tivesse lido o livro do general António de Spínola, «Portugal e o Futuro».

No dito livro — observou Lacerda — o general Spínola «delineou claramente qual será o seu programa de Governo, porque a comunidade mundial amante da paz e da liberdade não pode sem regozijar-se ante o fim de quase cinquenta anos de ditadura que privou de todo o direito o povo português».

«Deve ser esclarecido — acrescentou o político e jornalista brasileiro, muito ligado à vida portuguesa — que o general Spínola de maneira alguma propugnou a liquidação das províncias portuguesas na África, tendo porém

prometido dar a todos os habitantes das mesmas o direito de decidir, com inteira liberdade, se desejam ou não continuar a ser parte de Portugal.

«O novo Governo português — prosseguiu o antigo governador da Guanabara — deve receber o máximo apoio de todas as democracias do mundo, por quanto significa o regresso de liberdade a essa nação tiranizada há meio século.»

Referindo-se ao seu país, Lacerda disse que, mais do que nunca, o Brasil deve agora apoiar Portugal na construção de uma comunidade democrática mundial de fala portuguesa.

Indagado sobre se o novo Governo português chamaria o povo às eleições, o antigo governador brasileiro destacou que «seguramente o fará quando puder. O mais importante é que tratará de criar as condições necessárias para a livre expressão da vontade popular».

Escudo sólido

OS acontecimentos de Portugal em nada alteraram a cotação do escudo no mercado de câmbios londrino, onde as transacções nesta moeda são, aliás, geralmente pouco numerosas, informa de Londres a agência France Presse.

O escudo firmou-se mesmo ligeiramente, tanto em relação ao dólar com à libra esterlina.

Todavia, a agência Reuter informa que os jornais ingleses voltados às direitas vaticinaram uma grande reviravolta na África Austral depois do golpe militar em Portugal. O «Times» dizia que do ponto de vista da paz mundial, o golpe está prenhe de perigos — uma retirada portuguesa da África Austral só poderá vir a desencadear uma escalada na guerra nos territórios da África Austral, tal como a retirada dos franceses da Indochina constituiu apenas um preliminar para a escalada da guerra do Vietnam.

O «Daily Mail», um jornal conservador, dizia que o golpe em Portugal marcou o capítulo final da guerra colonial, frisando: «Esse golpe poderá ou não ser uma alavanca, mas o facto é que depois de ontem, não podem subsistir dúvidas sobre para que lado os portugueses se estão a dirigir em Angola e Moçambique — para o lado da saída.»

O «Daily Mail» prosseguia: «Será na África Austral que o eco do golpe de Lisboa se propagará mais alto e com maior alcance e duração. A Rodésia está já abalada, Angola e Moçambique parecem agora estar a seguir para uma independência dentro de poucos anos, a África do Sul poderá muito em breve encontrar-se sozinha e o primeiro-ministro, John Vorster, sabe isso muito bem. Eis porque o Abril em Portugal dá uma promessa, embora ainda ténue, de uma Primavera africana há tanto tempo demorada.»

O «Times» dizia que a verdade, por trás do golpe, mostra que Portugal tinha há muito perdido a vontade de levar a efeito a última acção de retaguarda colonial por uma potência europeia em África e que a consequência mais importante será o que se irá passar em Moçambique. Poderá haver uma solução tipo brasileiro de um Moçambique ligado de certa maneira a Portugal sob os seus actuais governantes, ou um regime nacionalista africano com base na Frelimo.

A esse propósito, o jornal concluía: «Se o que vier for um Governo nacionalista em Moçambique, então a segurança da Rodésia estará em perigo, coisa que, no seu devido tempo, colocará o Governo sul-africano a defrontar-se com uma escolha histórica. Deverão os governantes sul-africanos brancos lançar-se para a frente com todo o seu poder para a Rodésia e possivelmente também para Moçambique, juntando-se à comunidade de colonos brancos de Lourenço Marques e incorporando essa área na sua esfera de segurança, ou deverão pura e simplesmente apagar a influência europeia a norte das actuais fronteiras da África do Sul?»

Santa Sé atenta

SEGUNDO a agência «Reuter», a Rádio Vaticano exprimiu a esperança de que a actual situação em Portugal seja resolvida sem prejuízo para a população do País.

Numa transmissão em língua espanhola, a rádio disse: «A Santa Sé está a seguir os acontecimentos em Portugal com a maior atenção e tem esperança de que a crise venha a ser resolvida sem prejudicar a população portuguesa e para vantagem do País.»

A Rádio Vaticano espera também que a resolução da crise possa trazer «uma solução justa para os problemas que Portugal deve enfrentar».

A United Press divulgou esta foto em todo o mundo. Trata-se da corrida à «Capital», o primeiro vespertino de Lisboa a noticiar o golpe militar de ontem

Posição dos E. U. A.

AINDA a France Presse, revela de Washington que o Governo americano segue de perto o levantamento militar que derrubou o Governo de Marcello Caetano.

O porta-voz do Departamento de Estado, John King, indicou que o Governo se mantém em contacto frequente, por telefone, com a sua Embaixada em Lisboa. Precisou que, ao que sabe, os acontecimentos em Portugal não causaram qualquer dano aos cidadãos americanos que vivem nesse País nem às instalações americanas, designadamente as da base das Lajes.

A particular atenção que o Governo americano dá ao que se passa em Portugal compreende-se melhor se notarmos que o Governo de Lisboa foi o único que se aliou aos Estados Unidos durante a última guerra do Médio Oriente, permitindo aos aviões americanos que auxiliavam Israel a utilização da base das Lajes.

Por outro lado, o Secretariado-Geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte, em Bruxelas, e as delegações dos países membros da Aliança Atlântica seguem atentamente a evolução da situação militar em Portugal, indicaram oficialmente na quinta-feira na sede da Organização.

Precisa a mesma fonte que não haverá qualquer reacção oficial, lembrando que se trata de um assunto interno. O Governo belga, cuja composição foi anunciada hoje de manhã, adoptou a mesma atitude.

Mário Soares pensa regressar

«É possível que volte a Lisboa se a democracia for restabelecida e se acabar a guerra no Ultramar», declarou à UPI o dr. Mário Soares, secretário-geral, no exílio, do Partido Socialista Português.

«O Exército português — acrescentou — não é o chileno, e tenho esperança de que a sua intervenção tenha por objectivo o restabelecimento das liberdades democráticas.»

JUNTA DE SALVAÇÃO

Aspecto da manifestação na Rua da Misericórdia

O coronel Abrantes Silva abraça, comovidamente, a mulher. Têm um filho preso em Caxias há muitos meses. O coronel Abrantes Silva fez parte das forças que libertaram a Penitenciária

ACONSELHA CALMA

ÀS 14 e 20 foi radiodifundido o seguinte comunicado: «Estão a verificar-se distúrbios provocados por grupos da população civil, na parte baixa da cidade de Lisboa, nomeadamente junto do jornal «Época». Tais atitudes contrastam de forma gritante com o civismo demonstrado pela generalidade da população. Se continuarem a verificar-se acções semelhantes, poderemos todos nós, não somente ver o sucesso deste movimento enlutado, como sentir-se a Junta de Salvação Nacional na necessidade de tomar medidas de excepção que se querem evitar a todo o custo.»

Incidentes na Rua da Misericórdia

POR volta das 13 horas, as instalações onde funcionaram até agora os serviços da Comissão de Exame Prévio foram invadidas. Enquanto a multidão entoava o Hino Nacional, algumas pessoas assomaram às janelas do edifício e arremessaram, para a rua grande número de «dossiers» que faziam parte do arquivo daquela Comissão. As pastas com documentos eram imediatamente destruídas pela multidão apinhada em frente. Entretanto, no interior, eram quebrados os vidros e rasgavam-se fotografias suspensas nas paredes.

Enquanto isso, não paravam os aplausos às Forças Armadas e os gritos de «vitória» e muitos populares (alguns com grandes cestos) ofereciam sandes, fruta e tabaco aos soldados.

Entretanto, no Largo da Trindade, foram detectados três indivíduos, supostos elementos da D.G.S., que se transportavam numa viatura acastanhada, e imediatamente convergiram para ali algumas centenas de pessoas que só não os feriram devido à pronta actuação das Forças Armadas. Aqueles indivíduos, ou pelo menos dois deles, foram desarmados e encostados, com as mãos sobre a cabeça, a um obelisco existente no largo. Ao seu redor, os presentes procuravam lançar mão aos detidos e, na eminência de tal acontecer, de vez em quando era disparado um tiro para o ar. Finalmente, apareceu uma coluna militarizada e os três indivíduos foram transportados, detidos, num dos veículos.

Imediatamente a seguir, formou-se um volumoso tropel de gente, que enchia por completo a Rua da Trindade e a Rua da Misericórdia, exigindo, em altas vozes, a presença do director do jornal «A Época». O major Campos Andrade surgiu em dado momento à janela do edifício assegurando que a pessoa apontada não se encontrava no interior do mesmo. Explicou, a seguir, que as Forças Armadas estavam senhoras da situação nas instalações da D. G. S., onde assumiram o comando.

Comunicado das 12 e 20

Às 12 e 20, foi transmitido em simultâneo pelo Rádio Clube Português, Emissora Nacional, Rádio Renascença, Emissores Associados de Lisboa, Rádio Ribatejo e Rádio Alto Douro o seguinte comunicado do Comando do Movimento das Forças Armadas:

«Segundo as últimas notícias chegadas ao Comando das Forças Armadas, a situação em todo o País está normalizada. Repetimos: a situação em todo o País está normalizada. As tropas que se encontram ainda nas ruas fazem-no apenas para consolidação da situação. Acrescenta-se que está já em curso a desactivação da Direcção-Geral de Segurança.

«Repetimos: a situação em todo o País está normalizada. Quaisquer outras notícias que circulem podem e devem ser consideradas boatos. Todas as informações são emanadas pelos meios de comunicação.»

OPERAÇÃO PARA LIBERTAR PRESOS POLÍTICOS

CHEGOU, ao princípio da tarde, a Caxias uma delegação de advogados que vem entabular contactos com a Junta, com vistas à libertação dos presos políticos. Presentes os drs. Salgado Zenha, Jorge Sampaio, Vítor Wengrovius, Manuel João Palma Carlos e as dras. Eugénia Varela Gomes e Cília Areosa Feio.

Presentes ainda diversos elementos da Comissão de Socorro aos Presos Políticos, entre os quais o actor Rogério Paulo e o prof. Francisco Pereira de Moura.

Outras individualidades que estudam com o Movimento a melhor maneira de libertar os presos políticos, conforme é, seguramente, intenção dos militares que vitoriosamente tomaram o Poder.

José Cardoso Pires, dr. Sousa Tavares, dr. José Manuel Galvão Teles são outras das individualidades presentes.

O dr. Salgado Zenha fez sentir aos militares o interesse que há em que as operações decorram com rapidez, dado o estado de extrema tensão que vivem há muitas horas.

Segundo o coronel Abrantes Silva proceder-se-á a uma distinção entre os presos de direito comum e os políticos.

Entretanto, o eng.º Pedro Coelho, interrogado acerca da possibilidade de regresso de Mário Soares ao País, disse:

— É indispensável o seu regresso bem como o dos outros exilados políticos.

Veiga Simão assegura expediente do ministério

— O sr. general António de Spínola é um grande português e um grande patriota. Confio na sua acção — disse-nos, ao fim desta manhã, de sua casa, o prof. Veiga Simão, ministro da Educação Nacional do Governo deposto de Marcello Caetano.

Interrogado sobre se tinha sido já contactado pela Junta de Salvação Nacional, declarou que, até ao momento (11 e 30), tal não havia acontecido. E acrescentou:

— Asseguro o expediente (do Ministério da Educação Nacional). Em breve seguirei para lá.

Rui Sanches em casa

O eng.º Rui Sanches, ex-ministro das Obras Públicas e Comunicações, não foi detido e encontrava-se, esta manhã, na sua residência, na Rua Soldados da Índia, 30.

Tentámos contactar com o ex-membro do Governo que, por sinal, é sobrinho do Presidente do Conselho demitido mas, do outro lado do telefone começaram por nos responder: «Não, não senhor, não está» e, uma voz feminina, perguntou: «Quem fala?»

Ao revelarmos a origem do telefonema a mesma voz disse: «Não, não está. Está a descansar. Não pode vir aqui.» E desligou.

C.D.E. promove manifestação

O Movimento C. D. E. de Lisboa promove hoje, às 18 horas, no Rossio, uma manifestação para assinalar a queda do Governo de Marcello Caetano.

Valorização do escudo nos mercados internacionais

EM consequência dos acontecimentos de ontem, e também para averiguar das reacções dos mercados cambiais internacionais, o Banco de Portugal não forneceu, esta manhã, o habitual boletim de cotações para as transacções comerciais com o estrangeiro. Igual atitude foi tomada pelo Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias. Porém, a meio da tarde, o Banco de Portugal forneceu um boletim com cotações de várias moedas estrangeiras, notando-se desvalorizações sensíveis, o que quer significar uma valorização do escudo nas várias praças. Assim, o dólar U. S. A. desceu $07 (24$58/24$808), dólar canadiano, $03 (25$58/25$80), libra esterlina, $03 (59$042/59$602), franco francês, $06 (5$0334/5$0858), rand, África do Sul, $08 (36$831/37$153), florim, $01 (9$3223/9$4123), franco suíço, $01 (8$2642/8$3340). O iéne (Japão) e a lira italiana também tiveram ligeira quebra.

Entretanto, os empregados bancários e de estabelecimentos cambiais, apresentaram-se à hora normal para cumprirem as suas tarefas, aproveitando, muitos deles para pôr em dia o serviço de expediente.

As Bolsas de Valores de Lisboa e do Porto também não funcionam hoje, devendo retomar a normalidade na segunda-feira.

JORNALISTAS BLOQUEADOS

BADAJOZ, 26 (F.P.) — Muitos jornalistas estrangeiros desejando seguir para Portugal ficaram bloqueados ontem à noite na fronteira hispano-portuguesa situada entre as cidades de Badajoz (Espanha) e Elvas (Portugal). A fronteira foi encerrada pelas autoridades portuguesas ao princípio da noite, às 19 e 30, enquanto durante o dia todo o tráfego no sentido Portugal - Espanha decorreu de forma normal.

SPORTING AGUARDA NO CAIA REABERTURA DA FRONTEIRA

DEPOIS de uma escala forçada, em Madrid, em virtude de terem sido encerrados ao tráfego todos os aeroportos portugueses, os elementos da comitiva «leonina» aguardam, desde ontem à noite, a reabertura da fronteira do Caia, estando instalados na cidade de Badajoz. Entretanto, o autocarro do Sporting, enviado ontem para aquela nossa localidade fronteiriça pelo dr. Queirós Nazaré, a fim de abreviar o regresso a casa de todos os seus jogadores que na passada quarta-feira defrontaram em jogo renhido a equipa do Magdeburgo, aguarda também a reabertura da fronteira.

Domingo, isto é, depois de amanhã, o Sporting deverá defrontar em Alvalade a equipa do Belenenses, jogo que será da maior importância para qualquer das equipas.

RADIO

EMISSORA NACIONAL

1.° Programa — As 16: Noticiário; 16 e 5: Melodias do cinema; 16 e 30: Convívio; 18 e 5: Ao encontro da melodia; 18 e 30: Forças Armadas; 19 e 5: Passatempo musical; 19 e 30: Recordar é viver; 20: Jornal da noite; 20 e 30: 1.° episódio do folhetim «O ourives do rei»; 20 e 50: Solos de órgão; 21: Momento 74; 21 e 20: Interlúdio; 22 e 30: Música portuguesa; 22: Noite de teatro: «Maria Stuart», de Schiller; 23 e 32: De um dia para o outro; 0: Último jornal; 0 e 15: De um dia para o outro; 0 e 45: Escala na madrugada; 1: Noticiário — Escala na madrugada; 2: Noticiário — Msica ligeira variada.

2.° Programa — As 16: Ciclo do barroco italiano; 16 e 45: Música de vanguarda; 17: Música de cravo; 17 e 30: O compositor da semana — George Bizet; 19: Música e músicos portugueses; 20: Jornal da noite; 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia; 21: Música sinfónica; 23: Emissão em línguas estrangeiras. 1 e 16: Fecho.

Programa estereofónico — As 21: Música ligeira variada; 22: Música de Alban Berg e Schostakovich; 23 e 4: Canções italianas de Hugo Wolf; 23 e 28: Música de câmara; 0: Música de piano; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

Onda média — As 16: Noticiário; 16 e 4: Programa CDC; 18 e 2: Programa movimento; 21 e 3: Portugal além da Europa; 21 e 15: Música para meditar; 21 e 30: Quando o telefone toca; 22 e 5: Antiquário; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 5: Rubrica policial do inspector Varatojo; 23 e 19: Presença do fado; 23 e 30: No mundo aconteceu; 0 e 2: PBX; 2 e 2: A noite é nossa.

Emissor de Miramar — Emissão contínua — Rede de modulação de frequência — As 16: Noticiário; 16 e 4: Programa CDC; 18 e 2: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita-1; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Clube à Gô-Gô; 0: Noticiário; 0 e 2: Em órbita-2; 1 e 2: Banda sonora Sonipol; 2 e 2: Perspectiva.

RÁDIO RENASCENÇA

As 16: Noticiário; 16 e 5: Radiorama; 18: Diálogo; 18 e 22: Palavra do dia, no final, terço e bênção; 19 e 25: Leitura do programa; 19 e 30: Página 1; 21 e 4: Meditando; 21 e 8: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Esquema, 13; 23 e 5: A 23. hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça — Das 16 às 17.
Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30.
Rádio Peninsular — Das 19 e 30 às 22.
Rádio Voz de Lisboa — Das 22 às 2.

TELEFONES DE URGÊNCIA

EMERGENCIA (P. S. P.)		115
BOMBEIROS		322222
BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE LISBOA		323377
BOMBEIROS VOLUNTARIOS DA AJUDA		327413
BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE BEATO E OLIVAIS		381095
BOMBEIROS VOLUNTARIOS LISBONENSES		40452
BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE C. DE CURIQUE		686624
CRUZ DE MALTA		40027
CRUZ VERMELHA PORTUGUESA		665342
HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA	860131	873131
HOSPITAL DE SÃO JOSÉ — BANCO		872240
HOSPITAL DE SANTA MARIA		775171
HOSPITAL MILITAR		674181
HOSPITAL DA MARINHA		863141
SOCORROS B. V. L. — transfusões, soro, oxigénio		536524
S. O. S. — sangue, oxigénio e soros		771163
— intoxicações — venenos		763456
P. S. P.	366141	35563
TRANSITO — G. N. R.		690022
POLICIA JUDICIARIA — (piquete)		535380
POLICIA MARITIMA		678104
AGUAS DE LISBOA	361361	361353
GAS E ELECTRICIDADE		537021
C. P. — informações		326226
SOCIEDADE ESTORIL — informações		361121
AEROPORTO — informações		711397
PORTO DE LISBOA — informações		366215

FARMÁCIAS

LISBOA

TURNO 8-1 (Até às 22 horas) — **Lira**, P.ᵃ das Casas Novas lote 66 (Bairro da Encarnação), tel. 310172; **Pomana**, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A, tel. 563800 **São Tomé**, Est. do Desvio, lote 12-C, tel. 790704 **Neoterapia**, Campo Grande, 138, tel. 774682; **Paris**, P. Reinaldo Ferreira, 5-A/P (ao Pote de Água), tel. 710131; **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, tel. 712803; **Benfica**, Est. de Benfica, 678-E, tel. 702532; **Leal de Matos**, R. Neves Costa, 33-35 (Carnide), tel. 780181; **Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, JPM 3, tel. 610256; **Boa Hora**, R. dos Quartéis, 25-27, tel. 637777; **Perfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B, tel. 663349; **Central de Campolide**, R. General Taborda, 17, tel. 680304 **Sagres**, Av. Luís Bivar, 69-71, tel. 47213; **Davi**, R. Conde de Redondo, 68-72, tel. 54342 **Vera Cruz**, P.ᵃ Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus), tel. 724941; **Oriental de Lisboa**, R. de Arroios, 215, tel. 45079. **Góis, Lda., Suc.**, R. dos Anjos, 12-C/D (antiga Rua do Registo Civil), tel. 840101; **Morão**, Largo da Graça, 63 tel. 860700 **Martins, Lda.**, R. Fernão de Magalhães 33, tel. 849448; **Soares**, Av. Alvares Cabral, 1, tel. 684282; **Fontoura de Carvalho**, R. Santos-o-Velho, 12, tel. 662075; **Labor**, R. Diário de Notícias, 51, tel. 323428; **Estácio**, Pr.ᵃ D. Pedro IV, 60-63 (Rossio), tels. 327067-324224.

TURNO 8-2 (Toda a noite) — **Higiene**, R. Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 4), lote 43, Zona Poente Olivais Sul), tel. 310026; **Marvila (de)**, R. Direita de Marvila, 25, tel. 381612; **Alameda**, Alam. Linhas de Torres, 201-B, tel. 790942; **Alvalade**, Av. de Igreja, 18-A, tel. 712070; **Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A, tel. 710465; **Sousa**, Estr. de Benfica, 429-A, tels. 780027-789985; **Prates & Meta**, R. da Beneficência, 91 (ao Rego), tel. 773728; **Tamara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos moinhos), tel. 611814; **Lopes Ribeiro**, R. do Cruzeiro, 117, tel. 633288; **Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B, tel. 637020; **Paivas & Parente**, R. Santo António, à Estrela, 96-98, tel. 665196 **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B/C (à Av. Sacadura Cabral), tel. 770776; **Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C, telef. 40592; **Universal**, R. Actor Taborda, 5-7, tel. 44158; **Onilda**, Av. João XXI, 13-A, tel. 726848; **Mariluz**, Calç. da Picheleira, 140 B/C, tels. 720703 728395 **Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III), tel. 843439; **Nobel**, R. Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental, lado sul), tel. 842152; **Colonial**, R. Forno do Tijolo, 40, tel. 841122; **Armali**, R. das Escolas Gerais, 86 A, tel. 863940; **Ivone, Lda.**, Rua Silva Carvalho, 232-C, tel. 650760 **Central**, R. S. Paulo, 108, tel. 320389 **Morão**, Rua da Assunção, 17-19, tel. 321289

ARREDORES

ALCOCHETE — **Gameiro** — L. Santos Jorge, tel. 234100.
ALGÉS — **Miraflores** — R. António Granjo, 7-B, tel. 213161.
ALGUEIRÃO — **Rodrigues Rato** — Rua Morés, 1, tel. 2912038.
ALHOS VEDROS — **Portugal** — Av. Bela Rosa, 8, tel. 224250.
ALMADA — **Silva Júnior** — Av. Frederico Ulrich, 9, tel. 2763378.
AMADORA — **Central** — Av. Cardoso Lopes, 25, tel. 932210 (toda a noite). **Igreja** — Praça da Igreja, 22-A, tel. 937740, (toda a noite). **Melo** — Praça D. João I, 9-B, tel. 932856 (até às 24 horas). **Jardim** — R. Conde de Oeiras, 12-D (Reboleira), tel. 938424 (até às 24 horas).
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima** — Estrada Nacional, 221-B, telef. 224141.
BARREIRO — **Pimenta** — Rua Const.ᵒʳ J. A. Aguiar, 259, tel. 2073012.
BURACA — **Vaz Martins** — Rua António Ferro, 6-A, tel. 970660.
CACÉM — **Garcia** — Av. Missionários, lote 2, telef. 2942181.
CAMARATE — **Nova** — Estrada de Camarate, 9-A, tel. 2518726.
CASCAIS — **Misericórdia** — R. do Regimento, 19, 41, tel. 280141. **Cascais** — R. Conde Monte Real, Vivenda Hortense, r/c, esq.º, tel. 282407.
CAXIAS — **Nova** — R. Bernardim Ribeiro, 1-A, tel. 2432839.
COLARES — **Colares** — R. Abreja, tel. 299088.
COVA DA PIEDADE — **Louro**
DAMAIA — **D. João V** — Av. Gorgel Amaral, 2, tel. 970461.
ESTORIL — **Parque, Lda.** — Arcadas Parque, 3, tel. 260191.
LOURES — **Sálvia** — Rua da República, 29, telef. 2531240
MOITA — **União Moitense** — Av. Dr. Teófilo Braga, 1, tel. 239025.
MONTIJO — **Montepio** — Tel. Não tem
MOSCAVIDE — **Banha** — Av. Joaquim D. S. Ribeiro, 22, tel. 2518518.
ODIVELAS — **Central de Odivelas, Lda.** — Alam. Infante D. Henrique, 1, tel. 911203
OEIRAS — **Alcântara Guerreiro** — Parque Residencial Dr. Augusto Castro, lote 10, tel. 2430691.
PAÇO DE ARCOS — **Pargana** — Av. Eng.º Bonneville Franco — telef. 2435147.
PAREDE — **Grincho** — Av. da República, 87-A, tel. 2471204.
PRAIA DAS MAÇÃS — **Higiene** — Tel. 290021.
PONTINHA — **Pontinha** — Rua Santo Elói, 4 lote, SE, tel. 990220.
QUELUZ — **André** — Av. José Elias Garcia, 151, tel. 950043 (até às 24 horas). **Queluz** — Av. Dr. Miguel Bombarda, 123-A, tel. 951841 (serviço permanente).
S. PEDRO DO ESTORIL — **São Pedro** — Rua 25 de Abril, 24, tel. 263052
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** — Tel. 980456
SEIXAL — **Seromenho** — Rua Paiva Coelho, 38, tel. 2218560.
SINTRA — **Marrazes** — (Estefânia) — Largo Afonso de Albuquerque, 24, tel. 980058.
VENDA NOVA — **Nova** — Rua Elias Garcia, 10, tel. 972530
VILA FRANCA DE XIRA — **Moderna** — Tel. 22606.

PORTO

TURNO 7.° B (Até às 24 horas) — **Correia**, P. M. de Albuquerque, 50; **Corujeira (da)**, R. S. Roque Lameira, 1473; **Couto**, L. S. Domingos, 106; **Lapa (da)**, R. Antero Quental, 211; **Luso-Francesa**, R. Sá da Bandeira, 140.

TURNO 7.° A (Toda a noite) — **Alírio de Barros, Suc.**, R. de Costa Cabral, 240; **Central**, R. Santo António, 203; **Gomes Carneiro**, R. de Cedofeita, 348; **Magalhães**, R. de Serralves, 556; **Nova de Monsanto**, R. de Monsanto, 148; **Ribeiro Júnior, Suc.**, R. Firmeza, 99-A.

FOZ DO DOURO — **Farmácia da Foz**, R. Senhora da Luz, 382.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo domingo, nos seguintes sectores e zonas:

Concelho de Lisboa:

1.° Sector — Rua do Cruzeiro, Travessa Fornos, Travessa Pardal, Terras do Pardal, Travessa João Alves, Travessa da Ferrugenta e imediações — das 8 às 12 horas.

2.° Sector — Bairro de Caselas — das 8 às 12 horas.

6.° Sector — Rua Ivens, de 45 a 69 — das 8 às 12 horas; Poço do Borratém, de 1 a 17 (seguidos) — das 8 às 12 horas.

9.° Sector — Avenida Almirante Reis, 27-F a 33-B e de 35-A a 49, Regueirão dos Anjos, 2 a 54-A e de 3 a 33 — das 8 às 12 horas; Praça de Alvalade, lote 1102 — das 8 às 12 horas.

Concelho de Oeiras:

1.ª Zona — OEIRAS: Alto da Barra e imediações — das 8 às 14 horas; Falagueira — das 8 às 14 horas. AMADORA: Praça da Igreja, Rua João XXI, Rua 1.° de Maio, Rua Santo António, Rua Pio XII, Rua Gomes Freire, Rua 27 de Julho, Rua 5 de Outubro, Rua 1.° Dezembro, Rua Mestre Roque Gameiro, Rua da Venteira, Rua Diogo Bernardes, Rua Alexandre Herculano, Rua Antero de Quental, Praceta Antero de Quental, Rua Afonso de Albuquerque, Rua Heliodoro Salgado, Rua Garcia e imediações — das 8 às 14 horas.

Concelho de Cascais:

2.ª Zona — ESTORIL: Alto do Estoril, Alto do Desembargador, Vale de Santa Rita — das 8 às 14 horas; Estrada Nacional n.° 6 (Marginal) entre o Hotel Atlântico e o Colégio dos Salesianos e zonas vizinhas, Avenida Fausto de Figueiredo (parte) e imediações — das 8 às 14 horas; Avenida Portugal, Avenida Nice, Rua Porto, Avenida Biarritz, Rua S. Reno, Avenida Bombeiros Voluntários, Rua António Martins, Rua Dr. Joaquim dos Santos, Avenida Clotilde, Estrada Marginal e imediações — das 8 às 14 horas.

Concelho de Sintra:

3.ª Zona — CACÉM: Bairro Alegre, Rua Ribeira, Rua Ribeiro de Carvalho, Rua S. José, Praceta Bairro Alegre, Estrada Marquês de Pombal, Rua D. Luís I, Rua Professor António Joaquim das Neves, Rua do Olival, Rua Sacadura Cabral, Rua Casal Patrício, Rua Machado de Castro, Rua S. Sebastião e imediações — das 8 às 14 horas; Linhó — das 8 às 14 horas; A-da-Beja — das 8 às 14 horas; Arnil — Zona Sul — das 8 às 14 horas; Vila Verde — Zona Sul — das 8 às 14 horas.

Concelho de Mafra:

4.ª Zona — Santo Isidoro, Alagoa, M. Godel, Pedra Amassada — das 8 às 15 horas; Barril da Encarnação — das 7 às 14 horas; Ericeira — Zona Norte — das 8 às 14 horas; Carvalhal — das 8 às 14 horas.

Concelho de Vila Franca de Xira:

5.ª Zona — Quinta da Boiça, Vale de Figueira — das 8 às 14 horas. ALVERCA: Cruz das Almas, Adarse — das 8 às 14 horas; Póvoa (parte), Estrada dos Caniços, Vialonga, Verdelha do Ruivo, Morgados, Granja, Santa Eulália e Santa Cruz — das 8 às 14 horas. ALHANDRA: Bairro da Escusa, Rua Passos Manuel, Rua Salvador Marques, Rua Miguel Bombarda, Rua Tomás de Almeida e imediações — das 8 às 14 horas.

Concelho de Alenquer:

6.ª Zona — Antas, Santana Carnota, Quinta Leão, Pedra de Ouro, Quinta Carnota, Refugiados, Casais Marmeleira, Cadafais — das 8 às 14 horas; Paredes (parte), Companhia das Águas (em Paredes) — das 8 às 14 horas.

EFEMÉRIDE

DIA 26 DE ABRIL

1394 — Morreu em Granada, num combate com os mouros, Martim Janes Barbuda, fidalgo português da Ordem de Avis, partidário de Castela, onde se homiziou quando das guerras da Independência de Portugal e onde alcançou o mestrado da Ordem de Alcântara

A CAPITAL

CARTAZ

CINEMAS DE ESTREIA

ALVALADE (717480) — «A rainha do Karaté», de Chien Lung, c/ Changohing-Cohing e Elsien Chin-Chu. M/14, às 15.30 e 18.30. Às 21.45: **Estreia** «O esquadrão indomável», de Philip d'Antoni, c/ Roy Scheider, Tony Lo Bianco e Zany Haines. M/18. Preço de 10 a 30$00.

PATHE (821933) — «Conde Yorga Vampiro», de Bob Kelljan, c/ Quarry, Roger Perry, Michael Murophay, Michael McCready e Donna Anders. M/18, às 14.15, 16.30 e 18.45. Às 21.45: **Estreia** «À espreita do sarilho», de Ivan Dixon, c/ Robert Hooks, Paul Winfield, Ralph Waite, William Smithers e Paula Kelly. M/18. Preço de 20$00 a 30$00.

ROMA (727778) — «O nosso amor de ontem», de Stark, c/ Robert Redford e Barbra Streisand. M/18, às 15.30 e 18.30. Às 21.30: **Estreia** «Os heróis», de Duccio Tessari, c/ Rosanna Schiaffino e Rod Taylor. M/14.

ROXY (42872) — «Até ao amanhecer», de Peter Collinson, c/ Rita Tushigham, Tom Bell e Shane Briant. M/18, às 14.15, 16.30 e 18.45. Às 21.45: **Estreia** «A lenda da casa assombrada», de John Hougil, c/ Pamela Franklin, Roddy McDowall Cliverevill e Gayle Hunmicutt. M/18. Preço de 20$00 a 30$00.

APOLO 70 (763319) «American Graffiti», de Georges Lucas, c/ Richard Dreyfuss, Ronny Howard e Candy Clark. M/18. às 15.15, 18.30 e 21.45. Às 0 horas: **O riso da meia-noite** — «Suite em hotel de luxo», de Arthur Miller, c/ Walter Matthau. M/18. Preço de 17$50 a 30$00.

AVIS (47163) — «Malteses, burgueses e às vezes», de Artur Semedo, c/ Pedro Pinheiro, Alda Rodrigues, Henrique Viana, Jaime Valverde e Nicolau Breyner. M/18. às 15.30 e 21.45. Preço de 15$00 a 27$50.

BERNA (776093) — «Jesus Cristo Superstar» de Norman Lewison, c/ Ted Neeley, Carol Anderson e Yvonne Eppiman. M/14, às 15.15 18.30 e 21.45 horas. Às 0.30: **Meia-noite fantástica** — «O homem sinistro», de Alfred Vohrer, c/ Joachim Fuchsberger. M/18. Preço de 20$00 a 35$00.

CASTIL (530194) — «Segredos proibidos», de Philip Saville, c/ Jacqueline Bisset, Per Oscarsson e Robert Powel. M/18, às 15.30 18.30 e 21.45. Preço de 20$00 a 30$00.

CINEARTE — (660446) — «Corrida selvagem», de Burt Topper, c/ Robert Fuller, Sherry Bain e Tony Russel. M/18. às 15.15. Às 21.30: «O último comboio», c/ Jean Louis Trintignant e Romy Schneider. M/18. Preço de 12$50 a 22$50.

CONDES — (322523) — «O magnífico», de Philippe de Broca, c/ Jean-Paul Belmondo e Jacqueline Bisset. M/14, às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45. Preço de 12$50 a 27$50.

EDEN — (320768) — «Cantinflas às ordens de vossêlencia», de Miguel M. Delgado, c/ Mário Moreno, Claudia Islas e Raquel Olmedo. M/14. às 15.30, 18.30 e 21.45. Preço de 12$50 a 27$50.

ESTÚDIO — (555135) — «Ritual», de Ingmar Bergman, c/ Ingrid Thulin. M/18, às 15.30, 18.30 e 21.45 e 0.15. Preço de 20$00 a 27$50.

ESTÚDIO 444 (779095) — «O porteiro», de Jean Giroult, c/ Bernard Le Coq, Maureen Kerwin e Michel Galabre M/18. às 15.30, 18.30 e 21.45. Às 0.30: **Cinema fora de horas** — «Malteses, burgueses e às vezes...», de Artur Semedo. M/18. Preço de 17$50 a 25$00.

EUROPA — (661016) — «Almas a nu», c/ Simone Signoret e Alain Delon. M/14, às 15.15. Às 21.30: «Vêm aí os cabeludos», de George Lautner, c/ Dani e Michel Galabru. M/18. Preço de 15$00 a 22$50.

IMPERIO (555134) — «Um homem de sorte», de Lindson Anderson, com Malcolm McDoweth. M/18, às 15.15 e 21.30. Às 18.30: **Os bons velhos tempos** — «O gigante», de George Stevens, c/ Rock Hudson e Elysabeth Taylor. M/12. Preço de 15$00 a 27$50.

LONDRES — (731318) — «Hiroshima, meu amor», de Alain Resnais, com Emmanuèle Riva, Eiji Okada e Bernard Frasson. M/18, às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45. Preço de 20$00 a 35$00.

MONUMENTAL (555131) — «Harry, o detective em acção», de Teo Post, c/ Clint Eastwood e Mitchell Ryan. M/18, às 15.15 e 21.30. Às 18.15: **O homem no seu tempo** — «Eu sou Bob Dylan», de D. A. Pennbaker, c/ Bob Dylan, Joan Baez e Donovan. M/10. Preço de 20$00 a 30$00.

MUNDIAL — (538743) — «O nosso amor de ontem», de Stark, c/ Robert Redford e Barbra Streisand. M/18. às 15.15, 18.30 e 21.45. Preço de 17$50 a 30$00.

ODEON (326283) — «Cruel vingador», de Chang Chen, c/ Chen Kuan-Tai. M/18, às 15.15, 18.15 e 21.30. Preço de 17$50 a 25$00.

OLYMPIA — (325309) — «Fabricante de loiras explosivas», de Mário Bava, c/ Franco Franchi e Ciccio Ingrassia: e «Direito de vingança», de Anthony Dawson c/ Klaus Kinski e Peter Carsten. M/14, sessões contínuas a partir das 14 horas. Preço de 11$00 a 15$00.

POLITEAMA (326305) — «Eusébio, o pantera negra», de Juan de Orduña, c/ Eusébio, Maria Libéria, José Moreno, Isabel de Castro e colaboração de Flora. M/6. às 15.15, 18.15 e 21.45. Às 0.30: **Ciclo terror à meia-noite** — «Seita de vampiros». M/18. Preço de 10$00 a 22$50.

SATÉLITE — (562632) — «Cerimónia solene», de Nagisa Oshima M/18, às 15.30, 18.30 e 21.45. Preço de 20$00 a 30$00.

SÃO JORGE — (54153) — «Tchaikovsky, delírio de amor», de Ken Russel, c/ Glenda Jackson e Richard Chamberlain. M/18, às 15.15, 18.15 e 21.30. Preço de 17$50 a 37$50.

TIVOLI (505905) — «A golpada», de George Roy Hill, c/ Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw M/18 às 15.15, 18.30 e 21.45. Preço de 12$50 a 30$00.

VOX (720808) — «O homem das solas rotas», de Cliff Owen, c/ Wilfrid Brambell, Harry H. Corbett e Carolyn Seymour. M/18, às 15.15, 18.30 e 21.45. Preço de 20$00 a 35$00.

TEATROS

ABC (366745) — «Com para nova», de Francisco Nicholson, Mário Alberto e Gonçalves Preto. c/ Anabela, Nicholson, Henrique Viana, Helena Isabel, Alda Baptista, Rui Mendes, José Bravo, Vitória Maria e Ruy e Sunny (atracção japonesa). M/18, às 20.45 e 23 horas. Descanso da companhia: quarta-feira.

CAPITÓLIO — (368953) — «A menina Alice e o inspector», de Robert Thomas, c/ Laura Alves, Nicolau Breyner, Simone de Oliveira e Joaquim Rosa. Encenação de Varela Silva. M/18, às 21.45. Descanso da companhia: segunda-feira.

CASA DA COMEDIA — «Dorotéia», de Nelson Rodrigues, c/ Maria do Céu Guerra, Lia Gama, Inês Palma, Angela Ribeiro, Marília Gama e Eduardo Pimenta. Encenação de Morais e Castro. M/18, às 22 horas. Preço: 40$00. Estudantes, 50 por cento de desconto. Descanso da companhia: segundas-feiras.

LAURA ALVES (894756) — «História do jardim zoológico», de D. Edward Albee, c/ José de Castro e Canto e Castro. M/18, às 22 horas. Preço de 15$00 a 80$00. Descanso da companhia: terça-feira.

MARIA MATOS — (717017) — «Morte de um caixeiro viajante», de Arthur Miller. Adaptação e encenação de Artur Ramos, com Rogério Paulo, Fernanda Borsatti, António Montez, Vitor de Sousa, Carlos Veríssimo, Adelaide João, Baptista Fernandes, Luís Santos, Carlos Santos, Luís Cerqueira, Arminda Taveira e Mário. M/14, às 21.45. Preço de 20$00 a 50$00. Descanso da companhia: terças-feiras. Até 28/4.

MARIA VITÓRIA (361740) — «Ver, ouvir e calar», de Aníbal Nazaré, João Nobre, Henrique Santana e Henrique Parreirão, c/ Salvador, Ivone Silva, Mariema, Henrique Santana, Cidália Moreira e Vitor Mendes. M/18, às 20.45 e 23 horas. Descanso da companhia: segunda-feira. Preço de 25$00 a 90$00.

S. LUIZ (327172) — «Sábado, domingo e segunda», comédia em três actos de Eduardo de Filippo, traduzida por Pedro Lemos, pela Companhia Amélia Rey Colaço Robles Monteiro. M/14, às 21.45. Preço de 10$00 a 50$00. Descanso da companhia: terça-feira.

VARIEDADES (326037) — «Uma rosa ao pequeno-almoço», comédia de Barillet e Gredy, c/ Florbela Queirós, Rui de Carvalho, Norberto de Sousa e Laurent. Encenação de Nicolau Breyner. M/18, às 21.45. Preço de 10$00 a 90$00. Descanso da companhia: terça-feira.

VASCO SANTANA (768609) — «O mar», de Edward Bond, c/ José Tavares, Mário Pereira, Helena Félix, Dário de Barros, Vitor Hugo, Fernanda Montemor e Susana Prado. Encenação de Luzia Martins. M/18, às 21.45. Preço de 20$00 a 60$00. Descanso da companhia: segunda-feira.

VILLARET (583590) — «A dama de copas e o rei de Cuba», de Timochenko Wehbi, pelo Consórcio Brasileiro de Teatro, c/ Norma Suely, Miriam Pires e Fernando de Almeida. M/18, às 21.45. Preço de 30 a 100$00.

GENÉRICO

PORTUGUÊS ENCENA STRINDBERG NA SUÍÇA

NUMA encenação do português Domingos Semedo, o grupo de teatro Les Trois Coups está a apresentar, até ao dia 4 de Maio, «A Dança da Morte», de Strindberg, com Jeannine Poget, Michel Viala e o próprio Semedo nos principais papéis. Os cenários são de Franziska Kradolfer.

MIGUEL ECHARRI, director do Festival de Cinema de San Sebastian, confirmou que este será inaugurado com a projecção do filme de Vittorio de Sica «A Viagem», acrescentando que Sofia Loren, Richard Burton e o realizador prometeram estar presentes na abertura do festival.

SEGUNDO um relatório tornado público pela delegação provincial do Ministério das Finanças, espanhol, é de 1 063 698 pesetas o total dos impostos devidos ao Estado por 64 cançonetistas estrangeiros que actuaram em Espanha em 1971. À cabeça da lista figura Bobby Boyd com 104 920 pesetas, seguido de José Feliciano, Sacha Distel, Eddie Constantine, Salvatore Adamo, Michael Curtis e Demis Roussos.

«COM OS ANOS, a vida e as lágrimas confundem-se. Não deve pedir-se ao artista mais do que ele pode dar, nem ao crítico mais do que pode ver.» Estas e outras palavras do pintor Georges Braque que servem de guia a Frederic Rossif para retratar para o cinema e para a televisão, a figura do pintor na longa metragem intitulada «Georges Braque et le Temps Différent», em rodagem em França.

SEGUNDO informação de círculos competentes relacionados com o meio teatral de Barcelona, vão ser postas em cena algumas obras até há pouco proibidas. A primeira dessas peças é uma comédia de Juan Olivier, intitulada «Allo que tal vegada s'esdevingue», que será levada à cena ainda este mês.

ROBERT REDFORD desempenha o papel de um piloto-aviador audacioso em acrobacia no filme «The Great Waldo Papper», em rodagem sob a direcção de George Roy Hill.

ASSEMBLEIA GERAL DA AMPOR AMONÍACO PORTUGUÊS, S. A. R. L.

Sob a presidência do dr. Cimourdain de Oliveira, em representação do Banco Nacional Ultramarino, realizou-se a Assembleia Geral da AMPOR — Amoníaco Português, S. A. R. L.

O dr. Lopo Cancella de Abreu, presidente do Conselho de Administração, fez um relato acerca das perspectivas da empresa, cujo futuro se antevê com bastante optimismo. Em resumo, disse: Além dos conjuntos de unidades chamados Estarreja I e II, que continuam produzindo em condições competitivas oxigénio, hidrogénio, azoto, amoníaco, ácido sulfúrico e sulfato de amónio, devem entrar em funcionamento no próximo mês de Setembro as fábricas que formam o complexo denominado Estarreja III, com produção de ácido nítrico, nitratos e adubos compostos correspondendo a 410 000 contos de investimento.

Em estreita colaboração com a Sacor e com grandes grupos multinacionais, está em marcha o projecto de Estarreja IV, referente ao vasto campo da petroquímica de aromáticos, para a produção de monómeros e fibras poliester, poliamidas e ftalatos, empreendimentos estes que, só por si, representarão em conjunto um investimento superior aos três milhões e meio de contos.

Sempre no âmbito da petroquímica de aromáticos e além destas linhas de produção, cuja preparação está a cargo do G. E. P. A. (Gabinete de Estudos da Petroquímica de Aromáticos), que é o órgão executivo da associação Amoníaco Português/SACOR, sairão ainda no primeiro semestre do ano corrente as consultas para as novas fábricas de Anilina (Estarreja IV — A) e de T. N. T. (Estarreja IV — T). Por último, vai ser entregue dentro em breve o pedido para a instalação de uma fábrica de corantes (Estarreja — Q), com a qual o Amoníaco Português dará o primeiro passo no campo da química fina.

Já noutro continente foi também atribuído ao Amoníaco Português o empreendimento da construção e exploração de uma grande fábrica de adubos em Angola, próximo de Caála (Robert Williams), distrito de Huambo, simplesmente porque foi a nossa Empresa, de entre as concorrentes, aquela que, sem quaisquer dúvidas, apresentou a melhor, mais bem estruturada e adequada proposta. Espera-se que a fábrica de Caála entre em funcionamento no final de 1976.

Há, portanto, e como se 3, disse a terminar as suas considerações o dr. Cancella de Abreu, fortes razões para encarar com a maior confiança o futuro da nossa empresa.

O administrador-delegado, eng.º João Paulo Castello Branco, esclareceu, seguidamente, algumas perguntas feitas pelos accionistas, referindo a propósito as perspectivas animadoras que se espera venham a concretizar-se, no plano da exploração, já no exercício em curso.

A finalizar, foram aprovados por unanimidade o relatório e as contas referentes a 1973, bem como votos de louvor aos Conselhos de Administração e Fiscal, à Mesa que dirigiu os trabalhos e a todo o pessoal.

LIZ E BURTON VÃO DIVORCIAR-SE

NOVA IORQUE, 26 (F. P.) — De acordo com rumores que correm em Hollywood, Richard Burton teria recomeçado a beber durante a recente rodagem de um filme no norte da Califórnia e teria distribuído com largueza jóias às raparigas bonitas da região. Esta atitude teria provocado a brusca partida de Liz Taylor para as ilhas Haway, onde se teria juntado ao seu filho.

No fim da rodagem na Califórnia, Richard Burton tinha sido hospitalizado devido a perturbações de origem pulmonar. Sua mulher, que regressou de Honolulu na quarta-feira, ainda não teria ido vê-lo.

Entretanto, um representante do famoso casal anunciou em Nova Iorque que ele tinha pedido ao seu advogado que pusesse a acção de divórcio no cantão de Berna, na Suíça, onde tem a sua morada oficial há anos.

(Telefoto UPI-Telimprensa para «A Capital»)

Mais uma vez Liz Taylor e Richard Burton estão dispostos a divorciarem-se em virtude de «diferenças irreconciliáveis». Esta foto é da reconciliação do casal, no dia 1 de Março passado, em Roma, após um prolongado afastamento de ambos

«MUD» COMANDA «TOP TEN» LONDRINO

LONDRES, 26 (R.) — Após algumas semanas de música calma nas listas de êxitos de Londres, com destaque para a lírica espectacular de Terry Jacks «Seasons in the Sun», as coisas voltaram à barulhenta normalidade.

Os «Top-Ten» têm agora em Londres, na primeira posição, a canção «The Cat Crept In» interpretada pelos Mud, um grupo medíocre mas que conseguiu grande êxito depois de, no ano passado, se ter já distinguido com «Tiger's Feet».

Slade, Garry Glitter e Glitter Band estão também entre «os 10 mais», numa excelente posição.

Quanto a Nova Iorque, as coisas estão mais diversificadas, pelo menos, com Elton John, Ringo Starr e, Gladys Knight a marcarem boa posição, juntamente com uma música do falecido e talentoso Jim Croce, que parece ser mais popular depois de morto do que em vida.

Eis a posição actual, com as posições da semana passada entre parêntesis:

1.º (8.º), «The Cat Crept In», Mud; 2.º (1.º), «Seasons In the Sun», Terry Jacks; 3.º (2.º), «Angel Face», Glitter Band; 4.º (3.º), «Everyday», Slade; 5.º (5.º), «You Are Everything», Diana Ross and Marvin Gaye; 6.º (17), «Remember You're A Womble», Wombles; 7.º (6.º), «Remember Me This Way», Gary Glitter; 8.º (22.º) «Homely Girl», Chi-Lites; 9.º (1.º), «Doctors Orders», Sunny; 10.º (4.º), «Emma», Hot Chocolate.

Entretanto, em Nova Iorque são os seguintes os «dez mais»:

1.º (1.º), «Tsop», M. F. S. B.; 2.º (7.º), «The Loco Motion», Grand Funk; 3.º (3.º), «Best Thing That Ever Happened To Me», Gladys Knight And The Pips; 4.º (2.º), «Bennie And The Jets», Elton John; 5.º (6.º), «Come And Get Your Love», Red Bone; 6.º (8.º), «Oh My My», Ringo Starr; 7.º (10.º), «I'll Have To Say I Love You A Sing», Jim Croce; 8.º (8.º), «Lookin' For Love», Bobby Womack; 9.º (13.º) «The Show Must Go On», Three Dog Night; 10.º (11.º) «Keep On Singing», Helen Reddy.

Finalmente, é o seguinte o «top-ten» de Amesterdão:

1.º (1.º), «Be My Day», The Cats; 2.º (4.º), «Waterloo», Abba; 3.º (3.º), «Ik Zie Een Ster», Mouth And Macneal; 4.º (2.º), «Tiger's Feet», Mud; 5.º (10.º), «Kwek, Kwek», Ronald En Donald; 6.º (6.º) «Fly Away», Teach In; 7.º (7.º), «Seasons In The Sun», Terry Jacks; 8.º (5.º), «De Heilsoldat», Marc Winter; 9.º (12.º), «In The Still Of The Night», Jack Jersey; 10.º (9.º), «Si On Chantait», Julien Clerc.

EFEMÉRIDE

DIA 26 DE ABRIL

1833 — Foi detectado, em Lisboa, o primeiro caso de cólera-morbos, início de uma epidemia que provocou milhares de vítimas em todo o País

A CAPITAL

FRANÇOIS MITTERRAND ACLAMADO NUM COMÍCIO

PARIS, 26 (R.) — A campanha presidencial do socialista François Mitterrand ganhou extraordinário calor e animação quando o candidato da Esquerda Unida foi delirantemente aplaudido num dos mais gigantescos comícios políticos ocorridos nos últimos tempos em França.

Mitterrand — que disse sentir que a presidência está cada vez mais ao seu alcance — foi apoteoticamente aclamado na noite passada, nos arredores de Paris, por uma multidão que os organizadores computaram em cerca de 100 mil pessoas. A Polícia avaliou o número em 80 mil pessoas, que se aglomeravam num vasto salão de exposições da Porte de Versailles, com o tamanho de cinco campos de futebol.

O comício constituiu um dos principais programas da sua campanha e Mitterrand discursou com o apoio de George Marchais, líder do Partido Comunista francês.

O comício da Frente Unida das Esquerdas foi a culminância de um dia quiçá dos mais ocupados e movimentados da campanha política para a presidência até agora.

DEBATE COM GISCARD

ANTERIORMENTE Mitterrand teve um debate, transmitido pelas redes nacionais da Rádio e Televisão, com Valéry Giscard d'Estaing, ministro das Finanças e seu mais perigoso rival, das direitas.

O debate deixou os dois homens roucos, depois de uma discussão tempestuosa sobre economia.

Mitterrand procurou atirar as culpas da inflação para cima do ministro das Finanças, que por sua vez tentou retratar o candidato das esquerdas como o precursor do comunismo em França.

Os dois políticos lutaram bravamente pelas suas convicções e a certa altura Mitterrand, num momento de maior exaltação de Giscard d'Estaing, pediu-lhe que tivesse mais moderação, ao que o ministro das Finanças respondeu com fina ironia que tomara ele que Mitterrand soubesse o que era «moderação».

CHABAN IGNORADO

NEM um nem outro mencionaram, uma só vez que fosse, o candidato gaullista Jacques Chaban-Delmas, que está a perder cada vez mais terreno nas sondagens à opinião pública e que corre sério risco de ser eliminado da corrida presidencial na primeira volta do escrutínio.

Apenas os dois candidatos com mais votos obtidos na primeira volta do escrutínio disputarão o segundo e vital escrutínio do dia 19.

INCIDENTES

RENNES, 26 — Produziram-se incidentes ontem à noite em Rennes, no Oeste da França, durante uma reunião eleitoral realizada por Valéry Giscard d'Estaing, ministro da Economia e das Finanças. Dois jovens foram feridos e ficaram hospitalizados. Um encontra-se em estado grave, mas a sua vida não corre perigo.

A reunião, que se realizava na presença de 5 mil pessoas, foi tumultuosa. Pouco antes do fim houve quem se manifestasse contra o ministro. O serviço de ordem do candidato interveio, para conduzir os manifestantes para fora da sala. Foi durante a luta que se seguiu que os dois jovens ficaram feridos.

(Telefoto UPI-Telimprensa para «A Capital»)

Num comício realizado junto da porta de Versailles, em Paris, o candidato socialista François Mitterrand discursou, ao lado do chefe do Partido Comunista, seu aliado, George Marchais

Vantagem do Partido Nacional nas eleições sul-africanas

JOANESBURGO, 26 (R.) — O Partido Nacional, que governa a África do Sul e que introduziu o «apartheid» no mundo, ganhou mais três lugares na eleição de quarta-feira, dispondo agora de um total de 122 e de uma maioria de 75. O Partido Unido, o vencido na consulta às urnas, obteve 41 lugares, ou seja cinco menos do que na última eleição. Entretanto, aumentou o apoio ao pequeno Partido Progressivo.

Após ser informado dos resultados oficiais, o primeiro-ministro John Vorster declarou: «Penso que é inevitável que esteja em perspectiva um reagrupamento nas fileiras da oposição».

As observações de Vorster repetiram aquilo que muita gente pensava — que os dinâmicos progressivos, que viram aumentados os seus lugares de 1 para 6, poderão muito bem renascer e até mesmo alterar todo o carácter da oposição parlamentar.

O Partido Unido viu-se em desordem, como resultado de disputas internas e do grande ataque dos progressivos; os ganhos do Partido Nacional não atingiram grandes proporções e a sua percentagem da votação total, 51,1 por cento, era quase igual à da última eleição, em 1970.

«CHEQUE EM BRANCO»

CONTUDO, grande maioria do eleitorado e a completa falta de êxito do Partido Nacional, ultra-conservador, deram a Vorster o que os seus críticos classificaram como um «cheque em branco» para os próximos cinco anos.

O seu sucesso em manter em respeito qualquer movimento nas fileiras da direita poderá encorajar Vorster a prosseguir rapidamente com a edificação do pilar principal na sua política denominada «apartheid positivo», a independência de zonas delimitadas onde são obrigados a viver africanos.

Estando agora desacreditados os avisos do Partido Unido acerca dos perigos de criar estados negros na África do Sul, as primeiras diligências de Vorster poderiam muito bem ser na direcção do Transkei, a maior, mais antiga e mais desenvolvida daquelas áreas que pretendem a independência dentro de cinco anos.

POSTO DE ESCUTA

PROSSEGUE CRISE NA ETIÓPIA — O Governo de Addis-Abeba demitiu do seu posto de chefe da Polícia Nacional etíope e nomeou-o para o cargo de governador da remota província setentrional de Bale — facto que, segundo a interpretação mais generalizada, é considerado como virtual castigo. A demissão do chefe da Polícia, general Yilma Xibeshi, parece destinada a acabar com uma prolongada agitação entre as forças policiais, entre as quais o Governo está a tentar desesperadamente restaurar a ordem, depois de dois meses de tumultos a nível nacional. Os círculos diplomáticos anunciaram que se indica como novo comandante para o Exército Territorial etíope, o general Jagema Kelo. Soldados, armados e de capacete, e a Polícia patrulharam, ontem, as ruas da capital etíope, numa demonstração de poder destinada a reprimir os grevistas, as paralisações de trabalho e as manifestações. Este aparecimento da Polícia e de uma divisão das Forças Armadas, em Addis-Abeba, ocorre quatro dias depois de o Governo ter feito um peremptório aviso pela Rádio e pela Televisão, afirmando que as manifestações, greves e outras paralisações não seriam toleradas por mais tempo. O comunicado diz que «os ministros da Defesa e do Interior foram autorizados a usar das Forças Armadas e a Polícia para garantir de qualquer forma esta ordem». No entanto, além de um pequeno confronto entre a Polícia e um grupo de estudantes, não há notícia de violência. Contudo, não havia indicação de que os estudantes tivessem regressado às aulas como lhes tinha sido indicado. «A situação mantém-se calma mas extremamente tensa e não será preciso muito para fazer rebentar esta densa atmosfera e então ninguém sabe o que irá acontecer» — declarou um diplomata ocidental. Não se avista ainda um fim para as muitas greves que se têm alastrado pelo país e que o Governo considerou como tendo «colocado a Etiópia entre a ruína económica e a política sem lei». Os principais laços que unem o país ao mundo exterior estão ainda paralisados pelas greves. Os estivadores dos portos de Massawa Assab, no mar Vermelho, continuam as suas greves; operários dos caminhos de ferro em greve na cidade ocidental de Dine Bawa, o que bloqueou o movimento de mercadorias entre Addis-Abeba e o pordo francês de Djibuti.

REDUÇÃO DE ARMAS — A Inglaterra instigou outras regiões do mundo a seguirem o exemplc da Europa e a tentarem reduzir as armas convencionais, sem esperarem por iniciativas das superpotências nucleares — os Estados Unidos e a União Soviética. Num discurso perante a conferência do desarmamento de Genebra, que reúne 25 países, o delegado inglês citou as conversações correntes em Viena, sobre a redução mútua e equilibrada de forças na Europa como uma negociação a nível regional para investigar o desenvolvimento das armas convencionais. Disse o delegado inglês: «Seria um acontecimento bem vindo se dentro do contexto desta comissão de representantes de outras regiões as atenções se voltassem para estes problemas difíceis, nos quais, os primeiros passos para uma solução devem situar-se não junto das superpotências mas nas capacidades próprias.» As conversações de Genebra reataram-se na semana passada, após um interregno de mais de sete meses, estando aparentemente ainda numa situação de impasse relativamente às suas principais tarefas de negociar proibições sobre armas químicas e experiências nucleares subterrâneas.

VOLTA AO MUNDO

REMODELAÇÃO NO EGIPTO — O presidente Anuar El Sadate procedeu a uma remodelação ministerial destinada a apressar a reconstrução da economia egípcia, arruinada pelas guerras com Israel. O homem encarregado de sanar a Economia foi o dr. Abdel Aziz Hegazi, nomeado para o novo cargo de primeiro vice-primeiro-ministro. O grande ausente do novo Governo anunciado a noite passada é o dr. Mohammed Abdel Kader Hatem, vice-primeiro-ministro e ministro das Informações no último Gabinete. Foi nomeado colaborador presidencial.

VIETNAM — Perderam a vida 17 recrutas do Exército e mais de cem ficaram feridos em consequência de uma série de explosões que ocorreram a noite passada num centro de treino nos arrabaldes de Saigão. O informador do comando de Saigão anunciou que artilheiros comunistas tinham disparado cinco granadas de morteiro contra o centro, situado a 15 quilómetros ao norte da capital, que acertaram numa sala de leitura. Contudo, fontes militares disseram que a Polícia estava a investigar a possibilidade de um acto de sabotagem. Habitantes locais disseram não ter observado qualquer operação de busca, após o ataque.

Credenciais portuguesas postas em dúvida

NAÇÕES UNIDAS, 26 (R.) — Foram postas, a noite passada, em dúvida as credenciais das delegações de Portugal e da África do Sul junto das Nações Unidas durante uma sessão, de duas horas e meia, da comissão de credenciais da Assembleia Gerál, que não chegou a qualquer conclusão.

O organismo de nove nações marcou para hoje nova sessão.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

INSTITUTO DE ALTA CULTURA

LEITORES DE PORTUGUÊS E PROFESSORES DE CULTURA PORTUGUESA

EDITAL

Doutor Vítor Pereira Crespo, professor da Universidade de Coimbra, Presidente do Instituto de Alta Cultura, faz saber, para efeitos do disposto na alínea b) do n.º 1 do art.º 1.º e alínea b) do n.º 2 do art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 613/73 de 15 de Novembro, que está aberto concurso, pelo prazo de 30 dias a partir do próximo dia 1 de Maio, para o provimento de lugares de leitores de Português e Professores de Cultura Portuguesa em Universidades Estrangeiras.

I. Podem concorrer os indivíduos de nacionalidade portuguesa com menos de 45 anos de idade;

a) licenciados por Universidades Portuguesas;
b) licenciados ou com grau equivalente por Universidades Estrangeiras;
c) diplomados com cursos superiores por Universidades Portuguesas ou Estrangeiras.

II. A admissão ao concurso far-se-á mediante requerimento em papel selado dirigido ao Presidente do Instituto de Alta Cultura, devendo os concorrentes declarar:

— nome, filiação, naturalidade, residência, número de bilhete de identidade, data de nascimento, estado civil;
— grau académico, clasificação e Universidade que frequentou;
— profissão ou cargo que exerce.

III. O requerimento deverá ser acompanhado do boletim de inscrição a fornecer pelo Instituto de Alta Cultura, devidamente preenchido pelo concorrente.

IV. Na escolha ter-se-ão em conta, além do disposto no art.º 47 do Decreto-Lei n.º 132/70 de 30 de Março, a natureza dos graus, as classificações académicas e profissionais, o exercício de funções docentes, o domínio da língua do país para onde forem escolhidos e ainda outros elementos curriculares elucidativos das aptidões do candidato.

V. Terminado o prazo do concurso será organizada uma lista graduada dos concorrentes.

VI. Os candidatos serão oportunamente informados dos resultados do concurso e dos documentos necessários para a organização do processo de nomeação.

VII. a) Os candidatos deverão indicar ordens de preferência entre os países a seguir mencionados, onde poderão vir a dar-se vagas: Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Bolívia, Canadá, Chile, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América do Norte, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Inglaterra, Itália, Japão, Líbano, Malawi, México, Noruega, República da África do Sul, Rodésia, Roménia, Suécia, Suíça.
b) Os leitores que sejam funcionários do Ministério da Educação Nacional serão nomeados em comissão de serviço.

VIII. O Instituto de Alta Cultura promoverá o aproveitamento dos leitores, que não forem reconduzidos, para os serviços centrais ou organismos dependentes do Ministério da Educação Nacional.

Lisboa, Instituto de Alta Cultura, em 2 de Abril de 1974.

O PRESIDENTE
Vítor Pereira Crespo

JOSÉ SARABANDO na «VUELTA»

AGOSTINHO INSISTE NO "DEZ"

GRANADA, 26 — Poderá dizer-se que começou, só ontem a «Vuelta-74». Nos dois dias anteriores, embora a etapa Almeria-Almeria tivesse ficado assinalada por alguns pequenos incidentes de estrada, provados pela chuva que copiosamente tombou sobre os montes agres da Costa Brava, tudo se passou como se de vulgar prova domingueira se tratasse. Ficou para reter na memória mas a Volta à Espanha adquiriu já a sua verdadeira dimensão e proporcionou aos ciclistas que a disputam com a tirada que teve meta nesta cidade, uma amostra do que será a longa jornada até à raia de França, junto à costa do Mar Cantábrico. A «Vuelta» foi concebida, este ano, para ser altamente competitiva: tiradas curtas e muita montanha, concretizam na estrada, o projectado pelos organizadores para os estóicos atletas das duas rodas, muitos vão ficar pelo caminho, e a frustração, aliada à dor física, marcarão alguns. Mas estes não são factores a tomar em linha de conta por quem concebe o grande espectáculo. É preciso é que ele exista. Que a caravana serpenteie, colorida pela estrada, arrostando com sol ou chuva para não perder a ocasião de se aplaudir Ocaña, de o ver passar como se de uma bandeira ambulante se tratasse. Ocaña vive em França, dá o seu esforço a uma equipa daquele país, o que não agrada muito ao cidadão espanhol. Mas tal não passa, no final de contas, de chauvinismo exacerbado. Porque, para todos quantos pronunciam o seu nome ele continua a ser um símbolo de glória, de brio, de pondonor. É como se dum Manolete da bicicleta se tratasse. E Ocaña corresponde, pois não pode faltar ao cumprimento de uma quase obrigação: correr, correr sempre e ganhar de vez em quando. Em que condições?

(Telefoto UPI-Telimprensa para «A Capital»)

O ciclista belga Leman, de braço erguido, ao vencer hoje a segunda etapa da Volta à Espanha. Quase a seu lado o francês Thevenet, novo «camisola amarela».

— JÁ estou melhor, mas ainda não recuperei completamente da bronquite que me atacou. No entanto, espero melhorar, com a continuação da prova — disse-nos o corredor da Bic, antes de partir para a etapa.

Iria terminar, aqui em Granada, entre os homens da frente. Que assim seja sempre ou a «Vuelta» perderá, para os espanhóis, o seu principal aliciante: esperar até ao fim a vitória do seu ídolo. Mesmo que ele saia da meta de San Sebastian para um hospital. Mesmo que a sua vida de desportista corra sérios riscos de acabar isso, para o público de Espanha, não conta. Como não conta a vida do toureiro, se a sua função é arriscar, na arena, a própria vida.

Agostinho corre a «Vuelta» para ajudar a vitória de Ocaña. Ninguém o contesta, embora o «patrão» Maurice de Muer afirme que, para ele, um como o outro podem ser líderes da equipa Bic. A opinião nada surpreende. O técnico está mais interessado no êxito do conjunto dos corredores que dirige do que na escolha deliberada, de um homem-espectáculo. Mas a verdade é que Agostinho tem, nesta volta à Espanha, por esta ou outras razões a grande oportunidade de ocupar o lugar de vedeta. O próprio Ocaña, aliás, o reconhece:

«Eu não sei bem qual a forma actual do Agostinho, pois não temos corrido, nesta época, em conjunto, mas ambos podemos jogar as nossas cartas. É que não existe, na Bic, apenas Ocaña; há Ocaña e Agostinho.»

Assim nos falou o ciclista do país vizinho, confirmando as previsões de muitos dos que acompanham esta prova. O corredor de Brejenjas tem, mesmo, aptidões para se colocar, neste momento de inferioridade de Ocaña, em posição de destaque.

«Ainda estamos no princípio, por isso algumas dificuldades encontrei nesta etapa. Depois, foi um percurso inicialmente enfadonho, em estradas que se encontravam, nos primeiros quilómetros em muito mau estado, obrigando-nos a andar devagar. E o traçado era bastante acidentado, difícil de vencer», disse-nos Joaquim Agostinho, no final da tirada, em que chegou entre os primeiros dez. Apresentava-se, enquanto enchia o «bidon» da bicicleta com três coca-colas, sem o «facies» do homem fatigado. Apenas o suor, que lhe escorria do rosto e das pernas, denunciava o esforço despendido.

A etapa que ontem aqui terminou teve, como notas dominantes o vento forte que apoquentou os corredores durante todo o tempo em que pedalaram na estrada marginal ao Mediterrâneo, e, ainda, o mau estado de alguns troços do trajecto, de terra batida o que provocou diversos furos. Houve três contagens para o prémio da montanha, duas de 3.ª categoria e uma de 2.ª, esta colocada na linha da meta, no alto de Alhambra, já nesta cidade.

Das duas primeiras de que saiu vencedor Abilleira, corredor da equipa espanhola La Casera. O benfiquista Joaquim Leite logrou outros tantos segundos lugares, garantindo, deste modo, a conservação do lugar da classificação geral anteontem conquistado.

Thevenet de Amare até Fuengirola

O belga Leman, da equipa de Gribaldy, foi o vencedor, ao «sprint» com Thevenet (Peugeot) e Perurena (Kas), desta segunda etapa da «Vuelta», mas a camisola amarela mudou de corpo, de Swerts para Thevenet, depois de laboriosas contas do júri, que teve de entrar, nos cálculos com as bonificações atribuídas nas metas volantes e na chegada. De qualquer forma, apresenta-se pouco segura a liderança de Thevenet, pois escassos segundos o separam dos primeiros classificados.

Hoje, com inicio às 12 e 30, será corrida a 3.ª etapa da «Vuelta» entre esta cidade e Fuengirola, num total de 161 quilómetros à média prevista de 40 quilómetros/hora.

Classificação da 2.ª etapa entre Almeria e Granada

1.º, Eric Leman (Bel.), 6 h 13 m 4 s (com 20 s de bonificação); 2.º, Thevenet (Fr.), 6.13.04 (10 s de bonificação); 3.º, Perurena (Esp.), 6.13.19 (4 s bonificação); 4.º, Delisle (Fr.), 6.13.11; 5.º, Abilleira (Esp.), 6.13.14; 10.º, Joaquim Agostinho (Port.), 6.13.24; 13.º, Venceslau Fernandes (Port.), 6.13.26; 16.º, Joaquim Andrade (Port.), 6.13.29; 29.º, Joaquim Leite, 6.13.43; 42.º, Fernando Mendes (Port.), 6.13.53; 57.º, José Martins (Port.), 6.14.20; 60.º, César Aires (Port.), m. t.; 61.º, António Martins (Port.), m. t.; 81.º, Jorge Fernandes (Port.), 6.13.49; 83.º, José Maria Nunes (Port.), 6.34.20.

Classificação geral

1.º, Tevenet (Peug.), 8.57.44; 2.º, Perurena (Kas), 57.47; 3.º, Leman (Gribaldi), 57.51; 4.º, Ocaña (Bic), 58.02; 5.º, Manzaneque (Casera), 58-06; Sweerts (Ijsboerke); Manzaneque (Casera), 58-06; Torres (Casera); 7.º, Sweerts (Ijsboerke), 58.10; 8.º, Lasa (Kas); 9.º, Abilleira (Casera); 10.º, Agostinho (Bic), 58-13; 12.º, Venceslau Fernandes, (Benfica), 58-20; 16.º, Andrade (Mic Grib.), 58.55; 28.º, Leite (Benfica), 58.55; 34.º, F. Mendes (Benfica), 59.02; 36.º, Madeira (Benfica), 59.04; 46.º, José Martins (Benfica), 59.18; 58.º, António Martins (Benfica), 59.32; 67.º, Aires (Benfica), 2.51; 82.º, Jorge Fernandes (Benfica), 21.01; 83.º, Nunes (Benfica), 22.44.

A CAPITAL DESPORTO

Director: H. MARTINS DE CARVALHO — ANO VII (2.ª SÉRIE) — N.º 2211 — 1974 — 6.ª FEIRA, 26 DE ABRIL — TELEFONES 688125/6/7 — ENDEREÇO TELEGRÁFICO: «ACAPITAL» — TELEX: 12386 — PREÇO 2$50